



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FFCH
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR EM ESTUDOS ÉTNICOS E
AFRICANOS**

ITAMARA SILVA DAMÁZIO

**RIBEIRINHOS E SERTANEJOS QUILOMBOLAS DE VICENTES:
MEMÓRIA E IDENTIDADES**

Salvador

2016

ITAMARA SILVA DAMÁZIO

**RIBEIRINHOS E SERTANEJOS QUILOMBOLAS DE VICENTES:
MEMÓRIA E IDENTIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FFCH - Universidade Federal da Bahia - UFBA, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Étnicos e Africanos.

Orientador. Prof. Dr. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha

Salvador
2016

ITAMARA SILVA DAMÁZIO

SERTANEJOS E RIBEIRINHOS QUILOMBOLAS DE VICENTES: MÉMORIA E IDENTIDADES

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de Mestre em Estudos Étnicos e Africanos, Faculdade Filosofia e Ciências Humanas - FFCH, Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos.

Aprovada em 1 de julho de 2016.

Banca Examinadora

Marcelo Bernardo da Cunha – Orientador _____

Doutor em História – PUC - SP

Universidade Federal da Bahia

América Lúcia S. César - _____

Doutora em Linguística Aplicada - UNICAMP

Universidade Federal da Bahia

Nirlene Nepomuceno - _____

Doutora em História - PUC - SP

Universidade Federal da Bahia

A meus filhos (Lucas e Beatriz) por serem minhas fontes de inspiração nos momentos em que me entrego à escrita e, também, à querida colaboradora e amiga na pesquisa de campo realizada em Vicentes, Bertulina Martins.

AGRADECIMENTOS

Às pessoas que contribuíram de alguma forma para a realização deste meu sonho de retornar à academia e à minha Cidade natal para produzir um trabalho construído com intensa entrega pessoal e que, portanto, representa tamanha satisfação para mim.

Tudo começou com o apoio da querida amiga Verônica Gordiano, primeira pessoa que me incentivou a acreditar que seria possível produzir uma pesquisa desta natureza, ainda que, naquela oportunidade, eu julgasse pouco possível de acontecer em decorrência das muitas demandas do meu cotidiano, dividido entre as atividades com os filhos e com o trabalho de professora da escola pública. Tenho sincera gratidão pelo seu carinho e apoio.

Agradeço aos demais amigos e colegas do Curso do Pós-Afro-UFBA que me incentivaram durante todas as etapas da pesquisa, principalmente nos momentos em que sentia muito cansaço ou possuía dúvidas sobre a sua continuação. Em especial à Verônica Mendes e à Fatime Samb.

Aos membros de minha família, principalmente a Ubiraci (Bira), meu esposo e também engenheiro agrônomo, que me auxiliou a pensar questões sobre os trâmites legais do processo de regularização fundiária para grupos quilombolas brasileiros.

Ao professor Marcelo, meu orientador, pelas recomendações, esclarecimentos e instruções que me possibilitaram encontrar caminhos pertinentes para o desenvolvimento desta pesquisa. Aos queridos professores, Maria do Rosário Carvalho e Valdemir Zamparoni, pelas aulas ministradas no Curso de Estudos Étnicos e Africanos do Pós-Afro da UFBA as quais foram determinantes para fazerem-me repensar perspectivas teóricas e metodológicas do meu trabalho.

Os maiores agradecimentos são aqui dedicados aos moradores da Comunidade de Vicentes pelo apoio e colaboração a esta pesquisa. Não seria possível contar esta história sem o apoio dos seus protagonistas, aqueles cuja situação social e econômica, ainda que repleta de dificuldades, não deixam de sonhar, de possuir esperanças e desejos por um futuro melhor. Homens, mulheres, jovens, crianças, enfim, cidadãos deste país carentes de escuta e de atenção. Agradeço a estas vozes de Vicentes que ainda ecoam em meus pensamentos quando sou convidada a tratar da pesquisa em quaisquer ambientes por onde percorro: no trabalho, na universidade, nas redes sociais, nos círculos de amizade. E ainda espero poder apresentar estas vozes para a sociedade xiquexiquense, como um todo, nas instituições públicas, na mídia local e às pessoas que simpatizem com a luta destes quilombolas, não - somente devido a necessidade do grupo ter visibilidade quanto à questão da regularização fundiária, mas também, porque merecem atenção e respeito a sua história, suas origens, sua “raça” e suas manifestações culturais e religiosas.

Enfim, à Bertulina e aos outros interlocutores e demais moradores de Vicentes, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Através desta pesquisa etnográfica na Comunidade rural e ribeirinha de Vicentes em Xique-Xique/Ba que se constituiu como quilombo da contemporaneidade brasileira desde dezembro de 2006, a partir do reconhecimento registrado em certidão pela Fundação Cultural Palmares, constatou-se que a narrativa de origem contada pelos seus moradores indica a chegada do negro e, possivelmente, escravizado que fugiu das terras de Pernambuco, Vicente Baldino e de sua esposa Joventina, ao Município de Xique-Xique ainda no século XVIII e que, após sofrer discriminação racial no então Distrito de Marreca, resolve construir sua família numa área próxima que passou a ser denominada de Vicentes. Sendo que nessa área, a família cresceu, mas o trabalho intenso com a terra e a criação de pequenos animais não foi suficiente para proporcionar melhores condições sociais e econômicas de vida a estes sujeitos que buscam através da prática do catolicismo popular, da produção do samba de roda e roda de São Gonçalo, meios de continuarem nessa terra e de afirmarem seus valores, sua importância no meio social local. Ser quilombola para o grupo significa acessar constantemente esta memória de origem, pois isto representa sua valorização identitária, a possível assunção de garantias sociais e econômicas e o título de terra. Entretanto após quase dez anos de início do processo de “quilombolização” na Comunidade, o grupo conquistou pouquíssimos avanços e ainda acredita, mesmo com certo desânimo, em alcançar seus objetivos que nada mais são do que direitos básicos para que qualquer cidadão possa viver dignamente em sociedade.

Palavras chave: Comunidade de Vicentes - Processo quilombola - identidades- vida digna

ABSTRACT

Through this ethnographic research in the rural and riverine Community Vicentes in Xique-Xique-Ba which constituted as quilombo Brazilian contemporary since december 2006, from recognition recorded in certificate through the Palmares Cultural Foundation, it was found that the origin of narrative told by its residentes indicates the arrival of the black and, possibly slave, Vicente Baldino and his wife Joventina in the municipality of Xique-Xique still in eighteenth century and after suffering racial discrimination, in the then district Marreca, decides to build his Family in a nearby area that came called Vicentes. In this area the family grew, but the intense work with the Earth and the creation of small animals was not enough to provide better social and economic conditions of life these individuals who seek through the practice of popular catholicism, in this context the wheel samba production and Sao Gonçalo, even with wheel means to continue on this Earth and to assert its values, its importance in the local social environment. Be quilombo for the group means constantly access this source memory at this is, because this is their valuation identity reinforced by group, through this source memory is identity recovery, the possible assumption of social guarantees and economic, the title of land. However after ten years of the beginning of the process "quilombolização", the group won saw very few advances and still believe with a certain despondency in reaching your goals which are nothing more than rights to any citizen to live with dignity in a society.

Key words: Community Vicentes – quilombo process – identities – dignified live

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Fim de tarde em Vicentes	18
Figura 2	Estrada municipal.....	20
Figura 3	Comunidades Circunvizinhas.....	21
Figura 4	Mapa de localização de Vicentes.....	30
Figura 5	Povoado do Rumo.....	35
Figura 6	As margens do rio.....	42
Figura 7	Falta d'água.....	43
Figura 8	Casa de Farinha Comunitária.....	45
Figura 9	Seca.....	48
Figura 10	A falta do pescado.....	50
Figura 11	Distrito de Nova Iguira.....	54
Figura 12	A família.....	56
Figura 13	O plantio na roça.....	59
Figura 14	A criação de caprinos.....	61
Figura 15	Mulheres da Comunidade na labuta na roça.....	62
Figura 16	Tarde de ventania.....	63
Figura 17	Lazer em Vicentes.....	64
Figura 18	Noite na Comunidade.....	65
Figura 19	Pedido de esmola para Santo Antônio.....	69
Figura 20	A igreja.....	73
Figura 21	Louvor ao Santo.....	74
Figura 22	A roda de São Gonçalo.....	75
Figura 23	A roda.....	76
Figura 24	Performance na roda.....	77
Figura 25	Euforia na dança.....	79
Figura 26	Jovens na igreja.....	81
Figura 27	A procissão de Santo Antônio.....	82
Figura 28	A fé.....	85
Figura 29	O samba na igreja.....	86
Figura 30	Sambando na roda.....	88
Figura 31	Os homens no samba.....	90

Quadro 1	Plantas medicinais.....	94
Figura 32	As plantas.....	95
Figura 33	Saúde local.....	97
Figura 34	Abastecimento de água.....	100
Figura 35	A Escola de Vicentes.....	105
Figura 36	Os alunos em sala de aula.....	107
Figura 37	As instalações da Escola.....	110
Figura 38	Precariedade das instalações.....	111
Figura 39	Falta de Condições básicas de funcionamento.....	112
Figura 40	Escola da Marreca.....	116
Figura 41	A feira xiquexiquense.....	128
Figura 42	O símbolo de Xique-Xique.....	133
Figura 43	Residências de Vicentes.....	137
Figura 44	A família de Vicentes.....	139
Figura 45	A imagem do grupo na mídia.....	150
Figura 46	A gente gosta dos batuques.....	168
Figura 47	Prioridades locais.....	173
Figura 48	Maria da Caixa.....	176

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADI	Ação Direta de Inconstitucionalidade
CDH	Comissão dos Direitos Humanos e Legislação Participativa
CERB	Companhia de Engenharia Ambiental da Bahia
CHESF	Companhia hidrelétrica do São Francisco
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco
CONAE	Conferência Nacional de Educação
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CRQs	Cadastro de Registro Geral de Comunidades Remanescentes de Quilombos
DNOCS	Departamento Nacional de Obras contra a Seca
FNDE	Fundo Nacional de desenvolvimento da Educação
GPS	Sistema de Posição Global
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LMEO	Linha Média das Enchentes Ordinárias
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MPF	Ministério Público Federal
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra
OMS	Organização Mundial de Saúde
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNHR	Programa Nacional de Habitação Rural
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
RTID	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
SAAE	Serviço Autônomo de Água e Esgoto
SAMU	Serviço Atendimento Móvel de Urgência
SEPPPIR	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SEPROMI	Secretaria de Promoção da Igualdade Racial
SPU	secretaria de Patrimônio da União

SUS	Sistema Único de Saúde
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFOB	Universidade Federal do Oeste da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE E USO DOS RECURSOS NATURAIS	28
1.1 CONFIGURAÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA DE VICENTES E A RELAÇÃO COM COMUNIDADES CIRCUNVIZINHAS.....	30
1.2 ENTRE AS SECAS E AS ENCHENTES.....	47
1.3 QUEM SÃO E COMO VIVEM OS QUILOMBOLAS.....	56
2 REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E RELIGIOSAS	66
2.1 O CICLO DE FESTAS LOCAL.....	68
2.2 O SAMBA DE RODA.....	86
2.3 CRENÇAS E BUSCA PELA SAÚDE E BEM-ESTAR.....	92
3 MIGRAÇÃO/ O RETORNO À COMUNIDADE	103
3.1 ACESSO À EDUCAÇÃO.....	106
3.2 RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS EM SÃO PAULO.....	120
3.3 O RETORNO E AS INFLUÊNCIAS NA VIDA LOCAL.....	129
4 HISTÓRICO DO PROCESSO QUILOMBOLA	133
4.1 A FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO E O RECONHECIMENTO QUILOMBOLA	137
4.2 A INTERVENÇÃO DO MPF E O PROCESSO DE TITULAÇÃO FUNDIÁRIA.....	146
4.3 RELATÓRIO TERRITORIAL DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO/ O INCRA NA COMUNIDADE.....	154
5 A ASSUNÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA	158
5.1 AS IMAGENS CONSTRUÍDAS DA IDENTIDADE QUILOMBOLA.....	161
5.2 EXPECTATIVAS FUTURAS DE “SER QUILOMBOLA”.....	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS	183
APÊNDICE A - Entrevistados de Vicentes	190
APÊNDICE B - Demais entrevistados	195
APÊNDICE C – Fotografias Diversas de Vicentes	199
ANEXO A - Xique-Xique no mapa da Bahia	204
ANEXO B - Carta de solicitação da Comunidade para abertura do Processo de titulação fundiária	205

INTRODUÇÃO

Pela memória, o passado não só vem à tona as águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. (Ecléia Bosi)

Estudos e pesquisas sobre as comunidades negras rurais brasileiras da contemporaneidade, denominadas legalmente pelo Estado de quilombolas, têm conduzido a debates sobre suas demandas mais amplas e crescentes, tais como o acionamento da identidade quilombola, a titulação fundiária, a reivindicação por respeito a sua história, a sua valorização enquanto sujeitos negros, o desejo por reconhecimento, visibilidade social e uma vida digna e, também, debates sobre suas demandas específicas, gerando a necessidade de compreender as dinâmicas que envolvem os seus contextos, como no caso específico desta pesquisa cuja intenção é deter-se no estudo da Comunidade Rural e Ribeirinha Quilombola dos Vicentes, na cidade de Xique - Xique na Bahia, localizada no curso submédio do Rio São Francisco, na região do semiárido baiano, a 577 quilômetros de Salvador.

Realizar o percurso de retorno a Xique-Xique, minha Cidade natal, com a proposta de pesquisar sobre a Comunidade Quilombola dos Vicentes constituiu-se uma experiência gratificante e ao mesmo tempo desafiadora, pois desde a fase inicial de produção do projeto, à pesquisa de campo; escrita dos primeiros capítulos da dissertação; leitura de discursos teóricos e exame dos dados empíricos, tive contato com possibilidades de compreensão deste meu objeto que acredito terem sido imprescindíveis para o bom desenvolvimento da pesquisa que conduziram-me então a identificar que os pressupostos teóricos da história e da etnografia são as peças basilares deste trabalho.

A etnografia se constrói, conforme atesta Malighetti (2010), na relação mediada no campo, entre o pesquisador e o sujeito observado, do trajeto entre a oralidade e a escritura, tendo a linguagem importante papel de traduzir as experiências vivenciadas e as palavras ditas, e do movimento de transcrição dos diálogos, da análise de imagens capturadas pela lente da máquina fotográfica e filmadora, da ação contínua de produzir e revisar um texto que retrate com clareza e coesão do objeto pesquisado. É deveras necessário estarmos atentos à ideia de temporalidade ou de historicidade quando

tratamos de analisar os dados empíricos apreendidos no campo. Ao tratar da memória da Comunidade de Vicentes, não há como não relacionarmos os eventos citados nas falas dos interlocutores e marcados em um tempo, sem contextualizá-los a partir de eventos históricos tanto regionais, como nacionais. O pleito quilombola contemporâneo é permeado por acontecimentos relevantes dentro e fora do âmbito do legislativo brasileiro. Logo, segundo informa Bensa (1998) apud Arruti (2003, p.36): “A etnografia tem todo interesse em integrar à sua experiência as condições históricas de sua realização, do que passa a depender a inteligibilidade não só do trabalho de campo, mas também dos modelos explicativos que podem ser obtidos”.

Xique-Xique é uma cidade composta de uma população estimada em 48.210 habitantes de acordo com o Censo demográfico de 2014, sendo que a Comunidade de Vicentes, localizada na área rural¹, a 25 km de distância da sede do Município, é constituída atualmente por uma média de 80 habitantes e é circundada, como muitas outras comunidades rurais locais, pelo Rio São Francisco, pela vegetação da caatinga e o cerrado. O Município de Xique-Xique faz parte do território de Irecê na divisão realizada pelo Governo do Estado da Bahia que tem a finalidade, conforme informa a Secretaria de Planejamento da Bahia², de orientar uma ação política que identifique as prioridades de cada território³ do Estado possibilitando um desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões.

Os moradores de Vicentes estão há quase dez anos constituindo esta nova trajetória enquanto Comunidade Quilombola do Brasil contemporâneo - garantia legal adquirida a partir da Constituição de 1988, Artigo 68, que dispõe a respeito do direito à terra aos grupos “remanescentes de quilombos” do país⁴. O artigo em questão é regulamentado através do Decreto 4.887/3⁵ de 20/11/2003 que até então orienta as instituições públicas do Estado brasileiro - Fundação Cultural Palmares (FCP) e, principalmente, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA),

¹ Segundo IBGE em 2010, das 32.492 pessoas que compunham o município de Xique-Xique, apenas 5.190 estão localizados na área rural.

² Disponível em <http://www.seplan.ba.gov.br/>. Acesso em 20 fev. 2016.

³ São reconhecidos 27 territórios de identidade no Estado da Bahia. ³ Disponível em (idem).

⁴ “Aos remanescentes de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir os títulos respectivos”.

⁵ “A caracterização dos remanescentes de quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade”, entendendo-as como grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra, relacionada com resistência à opressão histórica sofrida”.

responsáveis pelo reconhecimento e titulação das terras onde estas comunidades estão inscritas.

Embora tenham ocorrido muitos avanços nas políticas sociais destinadas aos negros com a redemocratização do Brasil nos anos 1980 - e a Constituição de 1988 é uma grande conquista neste aspecto com a implementação do artigo 68 que dispõe sobre as “comunidades remanescentes de quilombos” - estes ainda lutam por direitos negados ou desrespeitados nos mais de três séculos de escravidão e, mesmo posteriormente a esta fase, pelo fato de terem perdido suas terras recebidas através de doação, compra, troca por serviços prestados ou por necessidade de ocupá-las para sua reprodução social em face das políticas em benefício de poucos, geralmente brancos, de classes dominantes. Sob esta perspectiva da divisão de terras no Brasil, analisa Leite (2000, p.335):

A primeira Lei de Terras escrita e lavrada no Brasil, datada de 1850, exclui os africanos e seus descendentes da categoria de brasileiros, situando-os numa outra categoria separada, denominada “libertos”. Desde então, atingidos por todos os tipos de racismos, arbitrariedades e violência que a cor da pele anuncia - e denuncia -, os negros foram sistematicamente expulsos e removidos dos lugares que escolheram para viver, mesmo quando a terra chegou a ser comprada ou foi herdada de antigos senhores através de testamento lacrado em cartório. Atingidos por todos os tipos de racismos, arbitrariedades e violência.

A narrativa de origem da Comunidade de Vicentes contada por seus moradores atesta que o negro Vicente Pereira Baldino, foi possivelmente escravizado no século XIX, nascido em data incerta na cidade de Pajeú da Flor na então Província de Pernambuco, que seguiu viagem - não se sabe ao certo em qual data tal fato aconteceu - com sua esposa Joventina Pereira da Cruz, percorrendo áreas de caatinga e ao longo do Vale do Rio São Francisco, passando por várias dificuldades, a exemplo da fome, também enfrentada por muitos sertanejos da época, até chegar ao Município de Xique-Xique onde primeiro instalaram-se no povoado da Marreca e, depois, no território onde constitui-se a Comunidade de Vicentes.

Estaremos seguindo neste texto a proposta teórica de estudos sobre comunidade conforme atesta Goldwasser (1974), cuja abordagem propõe, após a seleção e delimitação do campo a ser estudado, o exame direto de certas hipóteses, permitindo uma observação dos fatos de forma intensiva e aprofundada, examinando o sistema de relações interpessoais neste contexto, procurando apreender as representações significativas localmente e a compreender as categorias mais expressivas que orientam

a prática dos sujeitos no social. A compreensão de comunidade aqui compreendida como espaço dinâmico, sujeito a mudanças a partir da relação dos seus membros com outros espaços e indivíduos e das influências da sociedade ocidental moderna de alcance socioeconômico globalizante.

O objetivo mais geral desta pesquisa é analisar a trajetória da Comunidade desde a sua formação, contudo enfatizando a memória que foi reconstituída através do pleito quilombola em andamento, e, neste aspecto, buscar estabelecer uma relação dialética com o conteúdo legal, os discursos dos agentes políticos partidários, os interesses das instâncias governamentais e dos simpatizantes desta causa e as teorias epistemológicas que versam a respeito dos quilombos contemporâneos do Brasil, conduzindo à compreensão das dinamicidades dos conteúdos culturais, religiosos e dos modos de vida destes quilombolas de Vicentes em diálogo com o contexto social e político local e, também, moderno da sociedade atual.

Esta pesquisa foi também construída com o desejo de retornar a minha cidade de origem no intuito de desenvolver um trabalho sobre a trajetória e memória de um grupo que vinha há alguns anos no processo de luta pelo reconhecimento e titulação fundiária e que parecia pouco reconhecido e auxiliado pela sociedade xiquexiquense neste sentido. A pretensão inicial não se construiu sob a crença de que esta pesquisa acadêmica sobre a Comunidade poderia ajudar significativamente a resolver os problemas do grupo, mas sim oferecer um espaço para que essas pessoas falassem de suas angústias, de seus desejos, de suas perspectivas futuras, de sua história e de como se percebem enquanto quilombolas, até por que esta monografia é a primeira a ser realizada sobre eles.

Referências à memória, conceito e sua função no meio social, estará permeando boa parte deste trabalho, até por que estamos tratando da memória de um grupo que, a partir do processo quilombola, tem recontado frequentemente a sua história como forma de afirmação da identidade então acionada. E, partindo das análises de Pollak (2000), sobre memória, consideramos a memória, enquanto fenômeno individual e também, ou sobretudo, coletivo e social, submetido a variações, modificações e mudanças constantes, entretanto há na maioria das memórias aspectos relativamente contínuos. No caso da memória do grupo de Vicentes, a narrativa sobre como o ancestral Vicente Baldino chegou ao Município de Xique-Xique não sofre alterações a partir da análise das falas dos interlocutores entrevistados.

Os fragmentos de narrativas que compõem a memória do grupo serão situados e analisados, pormenorizadamente, no contexto desta dissertação, para, então, constituir-se um conjunto de possíveis explicações sobre como se inter-relacionam as identidades de ribeirinhos e sertanejos acionadas pelos indivíduos de Vicentes em diálogo com a identidade quilombola do grupo.

Não há como tratar de memória, sem estabelecer uma relação com a identidade, pois existe ligação entre ambas, conforme atesta Pollak (1992, p.5):

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

A proposta metodológica deste trabalho pautou-se nos relatos de alguns moradores de Xique-Xique, notícias divulgadas na internet e informações apresentadas no laudo antropológico produzido, em 2012, por Sheila Brasileiro, antropóloga e Técnica Pericial do Ministério Público Federal, sobre a Comunidade de Vicentes e, principalmente, as pesquisas de campo realizadas por mim nas quais utilizei a técnica da observação participante.

Faz-se necessário salientar que para compor um quadro descritivo das experiências da pesquisa de campo, apoiei-me em informações apontadas num diário, análise de fotografias e entrevistas gravadas para caracterizar o lugar, bem como minhas impressões sobre o cotidiano local e as relações estabelecidas dos moradores de Vicentes entre si e destes com os indivíduos das localidades circunvizinhas. As entrevistas seguiram a proposta da semiestruturação.

O primeiro contato que estabeleci com Vicentes aconteceu em junho de 2014, durante três das treze noites da Trezena de Santo Antônio, período em que havia muitos visitantes na Comunidade, principalmente parentes dos moradores, alguns deles residentes em São Paulo. A primeira visita foi realmente muito produtiva, porque conduziu-me à reflexão sobre o significado deste “ser quilombola”. Quer dizer, assumir uma identidade quilombola não significa necessariamente que os sujeitos necessitem seguir modelos amplamente considerados como sendo específicos dos grupos quilombolas, tais como praticar atividades culturais e religiosas apresentadas sob conteúdo generalizante no texto legal e idealizadas por alguns estudiosos e militantes como representativas de uma ancestralidade negra.

Figura 1 - Fim de tarde em Vicentes



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015.

Nesta primeira visita, foi questionado aos moradores de Vicentes a respeito da vida na localidade: como é morar em Vicentes, com quem viviam e o que sabiam sobre a história de Vicente Baldino. O período era de festa, portanto estavam revendo parentes e pessoas amigas. Assim, julgamos interessante iniciar os questionamentos abordando questões de pertencimento, afetividade e também do envolvimento dos moradores com a festa.

A primeira pessoa com a qual mantive contato em Vicentes foi Bertulina, 71 anos, amplamente conhecida por Bitu, fundadora e primeira presidente da Associação de Moradores desta Comunidade e então vice-presidente. Inclusive fui convidada por ela a ficar hospedada em sua residência nas visitas à localidade. Experiência gratificante, pois pude estabelecer uma relação mais próxima com os interlocutores, até por que, diariamente, Bertulina recebe visitas de pessoas do lugar e, também, de comunidades vizinhas que a procuram por ser uma referência enquanto professora, conselheira, rezadeira, liderança política, cultural e religiosa.

Não imaginava, inicialmente, o lugar de poder ocupado por esta mulher ao longo dos anos na localidade. Obviamente que, ao ler relatório da antropóloga Sheila Brasileiro antes da minha visita a campo, identifiquei que, como fundadora da Associação de Moradores e uma das pessoas a buscar os meios legais de reconhecimento e regularização das terras dos Vicentes, Bertulina poderia ser uma pessoa importante para

o grupo, contudo não havia inferido, naquela oportunidade, que sua posição de liderança ainda era tão atuante na tomada de decisões em variados aspectos da vida política e social local.

Percebi prontamente a gentileza de Bertulina quando me recebeu em Vicentes. Frases inicialmente proferidas por ela, de forma enfática, foram bastante instigantes para mim enquanto pesquisadora iniciante: “Você sabe que aqui é uma comunidade quilombola, né?! “Nós somos quilombolas, viu?!” Prontamente comecei a fazer reflexões sobre o discurso já constituído na Comunidade quando da recepção de pessoas estranhas ao lugar, principalmente pelo fato de o Quilombo estar ainda em processo de demarcação e titulação fundiária pelo INCRA. Naquela oportunidade, o grupo parecia realmente demonstrar receio com esta pesquisa. A frase de José Guilherme Magnani “Diante da cultura dos outros, somos sempre aprendizes e, quase sempre, aprendizes desajeitados”, proferida pelo professor Waldemir Zamparoni na aula de metodologia da Pesquisa do Curso do Pós - Afro - UFBA, representa muito bem esta experiência inicial.

Para se chegar à Comunidade de Vicentes, é necessário acessar uma das caminhonetes que têm como destino final o povoado da Marreca⁶ - que ficam, geralmente, dispostas na área comercial da sede do Município de Xique-Xique, próximo à beira do rio, no final da manhã - e esperar que o veículo esteja totalmente completo de passageiros que se juntam em pequenos bancos dispostos na carroceria do carro coberto por uma lona. Esse transporte conduz também mercadorias dos passageiros adquiridas no comércio local para serem conduzidas para as diversas comunidades onde moram ao longo da estrada. São em média quatro conduções diárias, entre segunda e sábado, cobrando cinco reais por cada passageiro.

Diariamente, diversos habitantes da área rural do Município utilizam esses transportes para se deslocarem no intuito de frequentarem escolas e realizar cursos no centro da cidade, trabalharem e realizarem compras. Um ir-e-vir constante de sujeitos que conversam sobre suas experiências e realidades em espaços pouco confortáveis, protegendo-se do intenso vento e poeira e discutindo sobre variados assuntos do cotidiano local e também de notícias divulgadas na mídia nacional. Esta estrada municipal possui condições regulares de trafegabilidade. Percebe-se muita poeira ao

⁶ Para se chegar à Comunidade de

Vicentes é necessário seguir por uma estrada municipal que passa pelo Distrito de Iguira, povoado do Mato Grosso, Umburanas, Juremal. O povoado da Marreca localiza-se após Vicentes e é o destino final desse tipo de transporte coletivo.

longo de todo o percurso. Por vezes, passam carros, motocicletas e bicicletas, compondo uma paisagem típica de uma área longínqua e estranha à agitação dos grandes centros urbanos.

Os vários povoados ao longo da referida estrada são aparentemente semelhantes entre si quanto a sua estrutura de ocupação: casas, geralmente grandes, cercadas com estacas de madeira e com o arame farpado, compostas de algumas plantas frutíferas, hortas e de pequenos animais domésticos, tais como galinhas, porcos, cabras, dentre outros.

Figura 2 - Estrada Municipal



Fonte: Foto da autora. Estrada Municipal que dá acesso a Vicente.

Na segunda visita ao campo, entre 23 a 27 de janeiro de 2015, a pesquisa alcançou maior amplitude, pois entrevistei um maior número de pessoas residentes em Vicente, inclusive visitei os povoados circunvizinhos de Nova Iguaçu, Juremal e Marreca. Constatei que os quilombolas mantêm uma relação bastante próxima e cordial com os moradores de Juremal, pois possuem parentes e relações de apadrinhamento com estes. Estas duas comunidades estão sempre em contato próximo, seja por venda ou doação de alimentos, visitas frequentes entre familiares, participação em festas religiosas ou profanas e encontros, algumas vezes por ano, em uma roça de Juremal para colherem a mandioca e produzirem os seus derivados em uma casa de farinha.

Figura 3 - Comunidades circunvizinhas



Fonte: Foto da autora. Marreca e Juremal, 2015. Na imagem à esquerda, vê-se o Povoado da Marreca e na imagem à direita, o Povoado do Juremal. Ambas as localidades fazem fronteira com Vicentes.

Neste segundo contato, foram incluídas nas entrevistas perguntas relativas à compreensão da identidade quilombola pelos habitantes de Vicentes e o que mudou ou ainda esperavam mudar com a assunção da referida identificação.

As perguntas feitas ao Pároco e, também, Secretário Municipal do Trabalho e Desenvolvimento Social de Xique-Xique, José Romero, que vem acompanhando as demandas da Comunidade, ao funcionário da Comissão da Pastoral da Terra (CPT), Hamilton, que auxiliou a Comunidade na fase de reconhecimento da identidade quilombola junto à FCP, a um funcionário do INCRA-Ba em Salvador e a outras pessoas residentes em Xique-Xique, focaram na relação exercida por estes no auxílio ou participação na reivindicação do grupo: Qual é a sua relação com a Comunidade de Vicentes? O que você sabe sobre o pleito quilombola de Vicentes? Para você, o que caracteriza um grupo quilombola?

Já com os habitantes da Comunidade da Marreca, constatei, também, relações de amizade e de apadrinhamento, contudo há citações dos quilombolas de eventos conflituosos entre ambas as comunidades por causa, principalmente, da discriminação que estes afirmam sofrerem daqueles.

Na verdade, foi a partir da segunda experiência de campo que percebi os quilombolas menos desconfiados em expor informações específicas sobre o pleito legal

em andamento e mais à vontade para falarem de si mesmos. É compreensível, portanto, a desconfiança inicial deles, pois já fazia alguns anos que esperavam a abertura do processo para a titulação de suas terras que aconteceu em finais de 2014, sendo que poucos meses depois, em junho de 2015, recebem na Comunidade uma pesquisadora com a proposta de estudar sobre o grupo e sua história. Assim podem ter julgado que não era confiável a minha presença, pois informações obtidas ou situações observadas, poderiam interferir no processo de titulação.

Com a maior aproximação que então estabeleci com Bertulina, passei a conhecer e aproximar-me de outras pessoas da Comunidade, inclusive com quem não havia compreendido, inicialmente, a finalidade desta pesquisa. Estas pessoas passaram a entender e a colaborar devido à relação de confiança que foi construída ao longo das visitas de campo. E, de fato, Bertulina passou de interlocutora a uma colaboradora importante da pesquisa.

A terceira visita a Vicentes, entre 30 de maio a 8 de junho de 2015, aconteceu, mais uma vez, no período de realização da Trezena de Santo Antônio, quando foram observadas as primeiras noites do evento, bem como parte do seu processo de organização, mais especificamente envolvendo a participação de um grupo de mulheres do lugar, através da arrumação diária da igreja, as idas a comunidades circunvizinhas para realizar o pedido de esmolas em nome do Santo Padroeiro e a produção dos alimentos para cada noite da Trezena. Mais 10 entrevistas foram então realizadas, pois ao manter maior aproximação com os moradores, ocorreram novas oportunidades de dialogar com estes - algumas vezes informalmente - e, também, com àquelas residentes nos povoados de Juremal, da Marreca e do Rumo.

Ao total, entrevistei, formalmente, vinte e quatro pessoas com média de 15 a 40 minutos de gravação em cada uma delas. Outros depoimentos citados nesta pesquisa, foram produzidos informalmente e, naquelas oportunidades, anotados no caderno de campo. Produzi, também, filmagens, como a apresentação da dança de São Gonçalo, do samba de roda, do rito católico na igreja em homenagem ao padroeiro Santo Antônio, o pedido de esmola ao Santo nos povoados do Rumo e Vacaria e um passeio no rio - nas proximidades do povoado de Vicentes - com dois interlocutores. Posteriormente estes vídeos foram assistidos para análise e reflexão referente às propostas temáticas dos capítulos deste texto. É necessário destacar que todas as gravações e filmagens foram produzidas com o consentimento dos indivíduos envolvidos.

Dentre os interlocutores entrevistados formalmente, foram selecionados para compor o texto da pesquisa doze indivíduos residentes em Vicentes e 9 não-residentes. Estes últimos mantiveram algum tipo de relação com a Comunidade ou obtinham informações sobre a localidade por residir no Município de Xique-Xique. A seleção das falas a serem incluídas neste texto deram-se a partir da pertinência temática proposta por cada capítulo e da recorrência de afirmações semelhantes feitas pelos interlocutores. Assuntos recorrentes apresentados e discutidos por membros da Comunidade foram selecionados para constituir o *corpus* desta pesquisa.

O laudo produzido por Sheila Brasileiro constituiu-se em fonte auxiliar para análise da memória do grupo de Vicentes e da trajetória do pleito quilombola. Neste laudo são apresentados os seguintes elementos diacríticos para a diferenciação identitária étnica na localidade: a presença do samba de roda, a relação endogâmica do grupo e a narrativa de origem contada pelos moradores sobre Vicente Baldino.

A referida versão da narrativa de origem de Vicentes foi recontada por vários dos seus moradores a partir das entrevistas realizadas nesta pesquisa, sendo que estes focaram nas várias dificuldades enfrentadas pelo casal Vicente e Joventina em sua trajetória desde a sua chegada ao Município, como também àquelas enfrentadas por seus descendentes, tanto no aspecto econômico - na busca constante por uma vida mais digna enquanto cidadãos - como as frequentes situações de discriminação racial sofridas por estes ao longo dos anos.

As experiências no campo nos trazem, realmente, percepções valiosas para a pesquisa, talvez as mais importantes, pois a cada ida e contato com os interlocutores, surgem novas compreensões do nosso objeto. Neste sentido, para o estudo etnográfico de uma comunidade rural negra da contemporaneidade, a experiência do campo apresenta-se como de vital importância para se delinear os caminhos para a compreensão da mobilização identitária recente de um grupo.

Ao longo da pesquisa, percebi que a experiência do contato com os interlocutores em campo nos momentos de descontração no convívio social, fora do modelo de aplicação das entrevistas, ainda que semiestruturadas, apresentaram-se reveladoras quanto aos posicionamentos dos sujeitos. Pareceu-me que se sentiam mais espontâneos e coloquiais quando não questionados formalmente para expor tanto sobre o convívio na comunidade, como suas percepções sobre a identificação quilombola.

Observei, a partir das conversas dos sujeitos nos fins de tarde à frente das residências e daquelas estabelecidas entre parentes na realização de suas atividades diárias, desejos, angústias e expectativas que nas entrevistas não aparecem com tamanha clareza e pertinência. Seguindo os passos interpretativos do antropólogo Clifford Geertz a respeito da pesquisa de campo (1983): “Em país de cegos, que por sinal, são mais observadores que parecem, quem tem um olho não é rei, é um espectador”. Talvez possa afirmar que mais do que um espectador atento no campo, melhor é “ser afetado”, usando uma expressão de Jeanne Favret-Saada, ou seja, ter a oportunidade de vivenciar momentos e situações do cotidiano da comunidade, podendo produzir uma relação de comunicação com essas pessoas desprovidas de maiores formalidades e constituídas de atuações espontâneas. E esta situação aconteceu na minha relação com os interlocutores de Vicentes.

Os moradores da Comunidade foram, na minha terceira visita ao campo, demonstrando o interesse em que eu me inserisse em variadas atividades do cotidiano local, como realizar caminhadas e jogar bola juntamente com algumas mulheres da localidade nos finais de tarde, dançar no samba de roda e realizar leituras de textos religiosos na Trezena de Santo Antônio e visitá-los em seus lares para conversar informalmente sobre assuntos diversos. Eles queriam realmente que eu vivenciasse os seus modos de vida e, assim, decidi participar dessas atividades sem buscar, naqueles momentos, apreender dados ou fazer análises sobre o que essa experiência poderia, depois, servir para a pesquisa. Foi no processo de escrita que percebi o quanto esta aproximação com os moradores, ajudou-me na produção do texto, principalmente na descrição e análise de suas rotinas.

Posteriormente a fase da pesquisa de campo, no trabalho de composição da monografia, optamos por apresentar as falas dos interlocutores da forma o mais fiel possível ao que foi capturado pelo aparelho de gravação, respeitando suas especificidades linguísticas. Contudo foram realizadas algumas revisões gramaticais, no intuito de tornar mais claro para o leitor a informação transmitida.

Estaremos usando, ao longo deste texto, a letra inicial do nome dos interlocutores na apresentação das falas destes e, para a fala do entrevistador, será usado a sigla *ent*, em referência as letras iniciais do vocábulo entrevistador. Os momentos de pausa nas falas dos interlocutores, bem como expressões de riso, tristeza, dúvida, dentre outras presentes no momento gravado, tornaram-se, também, elementos de análise pois estes

fazem parte do contexto performático e podem ser constitutivos do trabalho da memória. “Os lapsos e incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade [...] A fala fragmentada e emotiva é portadora de significações que nos aproximam da verdade”. Ecléa Bosi (2003, p.64-65).

As entrevistas com os moradores de Vicentes foram todas realizadas em suas residências, até por que demonstraram-se, desde o início deste trabalho, confortáveis e tranquilos para dialogar sobre si mesmos e sobre o grupo em um espaço onde mantêm referência de afetividade e segurança.

As fotografias capturadas no campo terão um espaço relevante na composição deste texto, não - somente como elemento ilustrativo dos lugares e eventos constituintes da memória do grupo pesquisado, mas, principalmente, como valor textual que auxilia a contar a sua história. Segundo Pesavento (2008, p. 19), “a reminiscência, operação imaginária de sentido, visualiza a imagem do ausente, mostra que a memória não é possível sem imagens”.

No capítulo 1, será apresentada sob a perspectiva histórica e geográfica a formação da Comunidade de Vicentes no território do Município de Xique-Xique, estabelecendo relações dos habitantes locais com as cheias do Rio São Francisco e secas constantes que assolam a região e contribuem para alterar suas rotinas e mudar consideravelmente as suas vidas na medida em que precisam encontrar meios de sobrevivência em decorrência das dificuldades encontradas com essas intempéries climáticas. A constituição da família de Vicentes, a partir das ligações matrimoniais entre os filhos de Vicente e Joventina com membros da família Sancho Martins, terá também aqui um destaque, pois pretende-se compreender quem são esses indivíduos, seus modos de vida e valores produzidos nos contatos estabelecidos entre si e com indivíduos das comunidades circunvizinhas, especificamente, de Juremal, da Marreca e do Rumo, devido a aproximação mantida entre estes com àqueles ao longo dos anos.

Já no capítulo 2, a proposta é apresentar as manifestações culturais e religiosas presentes em Vicentes e as influências que possuem na vida dos seus moradores, bem como analisar a afirmação identitária quilombola a partir da prática de tais manifestações. A religiosidade do catolicismo popular do Nordeste brasileiro é bastante expressiva na Comunidade e as atividades do samba de roda e da roda de São Gonçalo são realizadas sempre no contexto das festividades religiosas, especialmente na Trezena de Santo Antônio, realizada no mês junho. Neste contexto cultural e religioso, os moradores

buscam formas de saúde e bem-estar, através dos benzimentos, das rezas, das plantas medicinais, mas, principalmente, buscam nas práticas médicas de saúde oficial o meio de viver bem na localidade.

Identificamos desde o início da pesquisa, que os moradores de Vicentes possuem muitos parentes residindo no Estado de São Paulo, especialmente na capital e região metropolitana, por isso julgamos imprescindível tratar, no capítulo 3, desta relação mantida com o referente Estado, na qual envolve questões relativas ao processo migratório de indivíduos em busca de trabalho e renda e, assim, melhorias em sua condição social e econômica de vida. As dificuldades encontradas no acesso à educação formal oferecida na Comunidade, em comunidades vizinhas e na sede do Município, constituem-se fatores preponderantes para a saída, especialmente, dos mais jovens de Vicentes para as metrópoles, pois não alcançam condições necessárias dignas através de uma formação escolar que os possa conduzir a algum tipo de sucesso profissional no futuro. As propostas de educação formal definidas para comunidades quilombolas e divulgadas pelo MEC não chegaram ainda a esta Comunidade cuja necessidade de investimentos no oferecimento de uma melhor educação aos seus moradores, especialmente às crianças e aos adolescentes faz-se inadiável.

Nos capítulos 4 e 5 serão apresentadas e discutidas questões relativas ao pleito quilombola em andamento pelos moradores de Vicentes. Especificamente no 4, será abordado como se deu o início da reivindicação da identidade quilombola por estes sujeitos, quais os agentes e as agências governamentais e não-governamentais que os têm auxiliados neste processo e as resoluções administrativas referentes a titulação fundiária até o final do ano de 2015. No capítulo 5, analisaremos a compreensão dos quilombolas com a identificação recém-acionada, as possíveis mudanças que a referida identificação provocou em suas vidas e as expectativas futuras deste “ser quilombola”. A relação estabelecida entre a identidade quilombola com outras identidades acionadas por eles no território onde vivem, como de ribeirinhos, sertanejos e católicos, serão, também, analisadas para a compreensão de quem são estes indivíduos no contexto local.

Pretendemos compreender, através desta pesquisa, as razões pelas quais a Comunidade de Vicentes reivindicou a identidade quilombola; tais como as possíveis opções: a garantia da posse da terra; a aquisição de benefícios sociais até então pouco alcançados; continuação em um território cujas relações de afetividade e pertencimento

foram cimentadas ao longo dos anos; a conquista de visibilidade e de maior respeito do Estado e do governo local; afirmação de sua “negritude”; busca pelo reconhecimento das suas práticas culturais e religiosas, dentre outras motivações.

1 LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE E USO DOS RECURSOS NATURAIS

Será analisada, neste capítulo, a planta de localização de Vicentes, elaborada por um engenheiro agrimensor do INCRA, integrante do grupo de técnicos que visitaram a Comunidade para delimitação de seu território. A proposta é relatar como aconteceu a ocupação espacial e os contatos estabelecidos entre os quilombolas e indivíduos de comunidades circunvizinhas, pois constatamos nos depoimentos de grande parte dos interlocutores, informações relevantes a respeito de como foram e são estabelecidas estas relações: os conflitos, as amizades, as ligações de apadrinhamento, de trabalho, enfim as consequências dos referidos contatos na vida destes quilombolas.

Consultando fontes históricas sobre a área onde está situada a Comunidade de Vicentes, identificamos dados relevantes, como as constantes cheias do Rio São Francisco entre os séculos XIX e XX, bem como os inúmeros períodos de estiagem que provocaram e ainda provocam mudanças na vida destas pessoas sempre em busca por sobrevivência ou melhorias em sua condição social e econômica. Neste sentido, relações de apadrinhamento e parentesco se firmaram ou ocorreram distanciamentos entre parentes, promovendo novas configurações da família dos descendentes de Vicente Baldino.

As experiências do cotidiano dos quilombolas assemelham-se àquelas vivenciadas em muitas comunidades rurais sertanejas e ribeirinhas do nordeste brasileiro: a baixa renda econômica das famílias, as atividades com a agricultura familiar e com pequenas criações de animais; a pesca artesanal; a expectativa constante para a chegada das chuvas; os benefícios recebidos através dos programas sociais do Governo Federal; as poucas alternativas de lazer e demais dificuldades enfrentadas no cotidiano. O contato estabelecido com os recursos naturais, especificamente a caatinga e o rio, nos conduz a refletir sobre a atuação desses sujeitos na relação com seus pares e com outros grupos sociais, porque as secas constantes e os períodos de enchentes alteram suas vidas, pois eles necessitam tomar decisões importantes sobre permanecer na sua terra ou mudar, temporariamente, para as casas de pessoas amigas residentes em comunidades próximas ou migrar para metrópoles do país.

Será imprescindível, também, descrevermos, sob a perspectiva da configuração espacial, econômica e do povoamento, as comunidades fronteiriças a Vicentes: Juremal e Marreca, por terem sido numerosas citadas nas narrativas dos quilombolas. Estenderemos, também, esta análise para a Comunidade do Rumo, pois os descendentes de Vicente Baldino ainda possuem terras na referida localidade e parte da trajetória deste homem ali se passou.

Com uma área composta de 5.200,809 km², o Município de Xique-Xique na Bahia faz limites ao sul com o Município de Morpará, ao leste com os Municípios de Itaguaçu e Gentio do Ouro e a oeste, o Rio São Francisco. O bioma de Xique-Xique compõe-se de cerrado e caatinga e a temperatura média anual apresenta as seguintes variações: médias das máximas 35°C, médias das mínimas 25°C.

Ao pesquisar informações sobre os povoados que fazem parte da zona rural de Xique-Xique, junto ao setor do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) da Prefeitura deste Município, fui informada por um técnico de Informações Geográficas e Estatísticas que não há dados formais no Órgão sobre os povoados existentes na Cidade. Há referências apenas aos distritos: Distrito⁷ de Copixaba, Xique-Xique e Iguira⁸. Este último abrange diversos povoados, Juremal, Mato Grosso, Quixaba, Umburanas, Marreca (Velha Iguira) e Vicentes. Na verdade, à medida que as pessoas se instalam e constituem suas famílias nas localidades rurais, nomeiam-nas informalmente e é desta forma que as comunidades tornam-se amplamente conhecidas.

Esses povoados circunvizinhos a Vicentes possuem uma estrutura espacial e de ocupação semelhantes. Esta é uma área descrita geograficamente como do semiárido baiano onde os habitantes na zona rural, na sua maioria, dependem das chuvas para plantio de produtos agrícolas destinados a comercialização e sobrevivência de suas famílias. Mesmo com a disponibilidade da água do rio, essas populações necessitam de instrumentos como bombas para a absorção da água e sua devida condução até os espaços onde estão suas plantações, situação que gera custo e nem todas as famílias possuem condições de obter as bombas ou há a oportunidade de recebê-las do Governo.

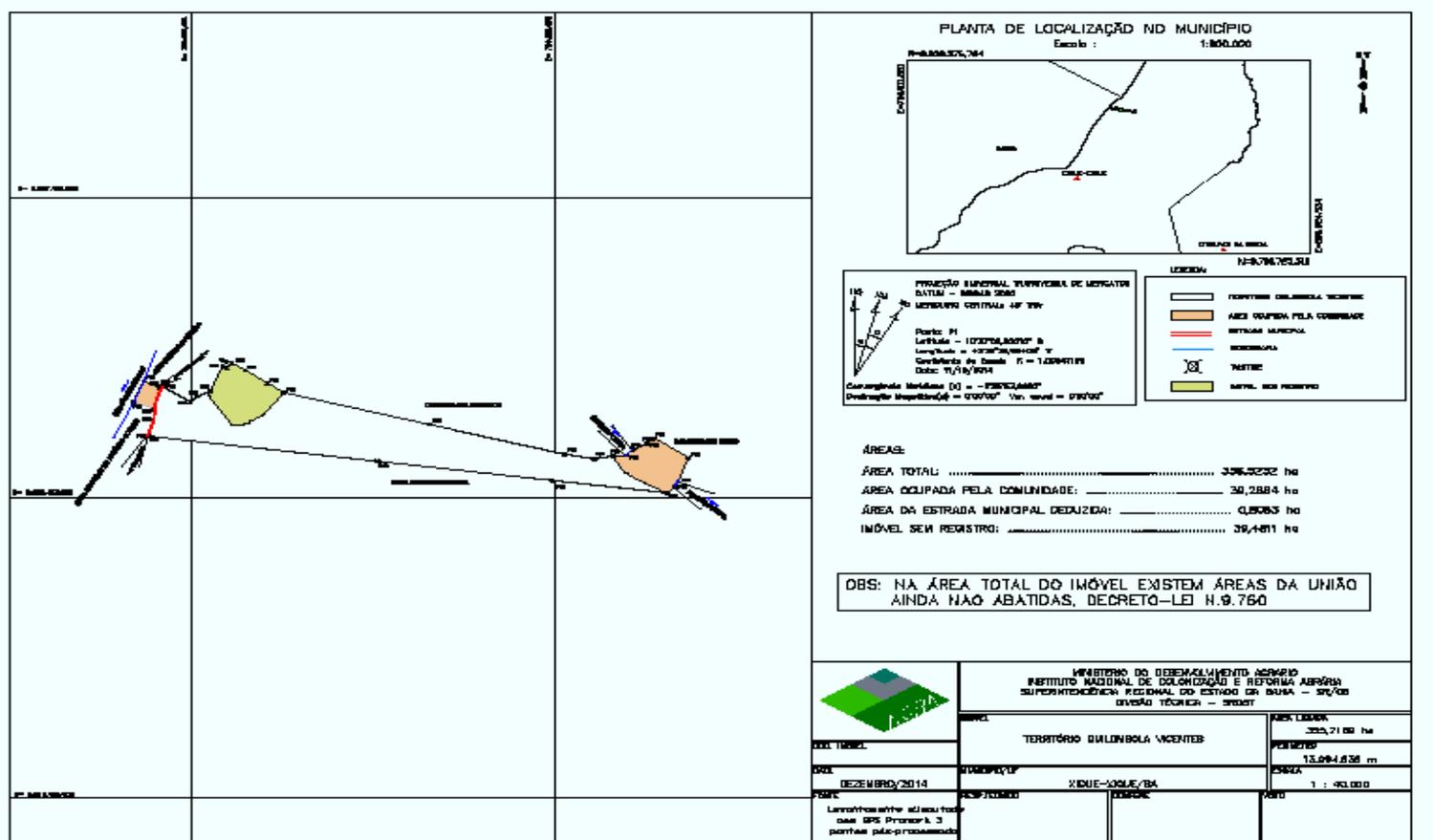
⁷ Unidades administrativas dos municípios, criadas através de leis ordinárias emanadas das Câmaras Municipais e sancionadas pelo Prefeito.

⁸ Popularmente conhecida no Município como Nova Iguira.

1.1 CONFIGURAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DE VICENTES E A RELAÇÃO COM COMUNIDADES CIRCUNVIZINHAS

O levantamento cartográfico realizado em setembro de 2014 por um engenheiro agrimensor, servidor público do INCRA-Bahia, através de aparelho Sistema de Posição Global (GPS) apresenta que a área líquida⁹ do território quilombola dos Vicentes é de 355, 7169 hectares, sendo que esta Comunidade ocupa atualmente somente 39,2884 hectares.

Figura 4 - Mapa de localização de Vicentes



Fonte: Ramon (Engenheiro agrimensor/ INCRA-Ba)

Parte da área líquida do imóvel refere-se a áreas da União ainda não abatidas, ou seja, são áreas relativas às Linhas Médias das Enchentes Ordinárias do Rio São

⁹ Área líquida – área deduzida da estrada municipal que passa no interior do território quilombola.

Francisco (Lmeo) sob responsabilidade da Secretaria do Patrimônio da União (SPU) do Ministério do Planejamento, existindo, também, uma área onde está indicado um imóvel sem registro constituído de 39, 4811 hectares.

A área menor indicada na planta de localização da Comunidade refere-se àquela onde se localizam as residências dos quilombolas, especificamente à margem direita do Rio São Francisco, fazendo limites com o povoado de Marreca e com área de posse do Sr. Antônio Coelho. Uma outra parte indicada como atualmente ocupada pelos quilombolas refere-se às terras¹⁰ compradas por Vicente Pereira Baldino no Povoado do Rumo acerca de 23 quilômetros da área onde estão as suas residências. Esta área do Rumo é limitada de ambos os lados pelo Riacho Ipueira.

Grande parte da área líquida apontada como pertencente ao território quilombola faz limites com áreas concernentes ao povoado da Marreca. Antônio Coelho, proprietário de terras ao lado de Vicentes é originário da Marreca, bem como a área indicada como sem registro e que se constitui em alagadiço nos períodos de cheia do rio, foi utilizada, por muitos anos, por pessoas residentes da Marreca. Relatos de representantes de um grupo político do Município afirmam ter dialogado com essas pessoas no sentido de que não viessem a ocorrer conflitos entre estes e a Comunidade, principalmente porque os quilombolas queriam desde o início evitar quaisquer desentendimentos com seus vizinhos.

Quando questionado por mim sobre onde fica localizada essa área de alagadiço também usada por indivíduos da Marreca, o interlocutor Albertino, 44 anos, filho de Bertulina, afirma:

Ent: E o rapaz do INCRA disse que tem uma área aqui de vocês que é do Rio São Francisco, é alagadiço, é?!

A: É. Pois o alagadiço que ele fala é essa terra aí, daqui pra lá [aponta para um lado do lugar]

Ent: E tem água mesmo, é?!

A: Não, só no tempo, né, quando enche o rio!

Ent: Entendi, quando enche o rio.

A: Se [...] a água vem dali [...]

Ent: É longe daqui, dá pra ir andando?

A: Pra ir aonde, no rio?!

Ent: Nessa área que ele diz que [...]

A: Ah, uma lagoa, né?! É não, né longe não! Só que já tá secando ela, já secou [...] É logo ali. Quando ele veio, tinha água, tava cheia! Aí esse ano o rio, a enchente foi pouca, ó, a enchente foi baixa esse ano, aí não chegou a encher lá, que todo ano a água entra lá por a Marreca, aí enche [...]

Ent: E lá usa pra quê?!

A: É uma lagoona mesmo! Quando enche, é peixe, é tudo tem, é cheio!

¹⁰ Terras registradas no Cartório do Município de Xique-Xique.

Ent: Mas não se planta nada, não né?!

A: Eles plantam capim, quando seca [...] Ano passado, plantaram capim quando seca.

Ent: Quem que planta?

A: O povo da Marreca. Ela fica mais emparelhado com eles. Eles ficam com [...] a gente entra aí, ói, anda um pouco, aí chega lá.

Ent: Mas uma parte é de vocês?

A: Tem. Que lá tinha olaria, tinha tudo! Eles aqui faziam telha lá [...] Que lá não secava não, antigamente. Eles faziam telha lá! Os mais velhos, aí, os irmão de pai [...]

Já a referida área no Rumo foi por muitos anos utilizada por Vicente Baldino e sua família, principalmente pelo fato de quando sobrevinham as cheias do Rio São Francisco, mudavam-se para lá temporariamente, segundo relatos de Lielson e Gilberto¹¹ - netos de Vicente.

L: Vicente tinha uma escritura, eu vi ele dizendo que entregaram a um certo Francisco Marçal. As terras do Rumo eram registradas. A escritura marcava Rumo de dentro a Rumo de fora (daqui até o Rumo). Vicente morava aqui e trabalhava lá no Rumo. Todo mundo tinha uma casinha lá. Ficavam por lá, um ou dois meses, durante as enchentes. Vicente trabalhava em roça, na fazenda dele: Plantava algodão. Ele comprou essa propriedade no Rumo. Toda vida ele teve essa propriedade no Rumo. Ele está enterrado no cemitério de lá.

G: Quando eu conheci Vicente ele já estava meio idoso, era daqui pro Rumo. Eu não sei onde ele nasceu. Quando ele chegou aqui, ele ficou morando um tempo na Marreca e depois ele veio pra cá. O Rumo é onde eles chamam de caatinga. Teve garimpo de pedras de cristal no Rumo. Lá não alaga. Eu e minhas irmãs temos terra no Rumo.

Esta área foi dividida, posteriormente, entre os filhos e os netos de Vicente. Entretanto, segundo me contou Albertino, nesta localidade onde a família já viveu períodos de prosperidade, apenas ele tem ido na área para plantar e guardar o gado.

A: Nessa roça lá no Rumo, ele morava era lá. Eles moravam era lá. Lá tinha, era tudo cercado, é tipo uma fazenda: Tinha curral, tinha casa, tinha tudo! E criava meio mundo de cabra! As terras do documento é essa de lá que eles tinham!

Ent: Mas vocês ainda vão pra área da caatinga, ali do Rumo?

A: Ôxe, eu vou! [Ênfase no tom de voz] O terreno, eu cerquei lá [...] Eu boto o gado lá, boto tudo! Eu ando lá direto! Hoje mesmo, eu ainda vou pra lá. Umás três horas, eu tenho que ir lá. Daqui quem só labuta na terra, só sou eu! Só! Os outros não foram não! Largaram de mão! Aí eu já estava labutando, né, aí depois disso aí, eu digo sabe, eu é que não vou abandonar. Você deixar aí?! Vou segurar. Teve uns tempos lá que lá era largado! Nem cerca tinha mais, nem nada! Era no aberto. Aí eu comecei cercar devagar [...] Foi quando terminei. Mas os outros aí, não mexem não!

¹¹ Relatos colhidos pela antropóloga Sheila Brasileiro quando da visita desta à comunidade.

Como já dito, Albertino, bisneto de Vicente, é o único da família que utiliza um trecho da terra do Rumo, herdado de sua avó e seu pai, para plantio e para abrigar algumas cabeças de gado. Ele possui muito interesse em continuar trabalhando na terra onde viu seu pai e avós trabalharem, ao contrário dos demais herdeiros. Inclusive ele ficou bastante exaltado no momento da entrevista ao se referir a este assunto.

Os “tempos áureos” do Rumo também estão relacionados à fase de descoberta do seu garimpo no final de 1930, de acordo com informações do xique-xiquense Juarez Chaves, fruto de sua pesquisa pessoal divulgada em seu blog na internet¹². Naquele período circulou pelo Município de Xique-Xique a notícia que na Serra do Rumo possuía grande afloramento de cristal de rocha e que se mostrava promissora sendo, inclusive, conhecido por alguns garimpeiros que visitaram a região, como o maior garimpo de cristal já descoberto. Iniciou-se, com isso, uma verdadeira corrida em direção a Serra do Rumo, duplicando a população de Xique-Xique face à constante chegada de aventureiros de todas as partes do Brasil. Muitos deles enriqueceram com a atividade, entretanto, em 1942, ocorreu um grande incêndio na localidade que acabou por destruir casas e afastar os mineradores.

Atualmente, o Rumo é um povoado com 117 residências, muitas delas ainda construídas de taipa onde vivem 228 habitantes num cenário que nem de longe lembra aquele de grande movimentação de pessoas e de dinheiro narrado nas crônicas pelos habitantes mais velhos do Município. Já Vicente Baldino e sua família, mesmo possuindo terras neste povoado, preferiu não se envolver com a prática da mineração. Vicente somente utilizava as terras do Rumo para plantio e criação de animais e toda a família se transferia para lá nos períodos de enchente, quando a área onde residiam em Vicentes inundava, segundo informou Bertulina:

B: O garimpo do Rumo começou depois que Vicente chegou aqui. Mas ele nunca trabalhou no garimpo, ele trabalhava no sítio dele, plantando algodão. Quando o rio enchia, ia todo mundo pro Rumo.¹³

O analista técnico do INCRA, Cristiano, registrou os nomes dos respectivos descendentes de Vicente Baldino para a constituição do inventário das terras do Rumo para, posteriormente, o referido Órgão indenizá-los em moeda corrente, depois de avaliadas por peritos agrários, pois essa propriedade rural tem escritura pública.

¹² Disponível em < [http:// www.Xiquexiquense.blogpost.com.br](http://www.Xiquexiquense.blogpost.com.br). Acesso em out. 2015.

¹³ Depoimento colhido pela antropóloga Sheila Brasileiro quando da sua visita à Vicentes.

Assim, a área total demarcada será legalmente considerada como de uso coletivo para os quilombolas, como dispõe o artigo 24 da Instrução Normativa¹⁴ dos procedimentos internos e administrativos do INCRA a respeito da titulação fundiária.

Estas terras divididas entre os filhos e netos de Vicente para usufruto de cada um dos herdeiros, foram, segundo me contaram pessoas de Vicentes, instrumento de negociação entre Gercira, filha de Maria Madalena e neta de Vicente, com indivíduos da região, pois ela vendeu sem registro legal a parte dela e, também, a de alguns herdeiros. Parece haver conflitos neste sentido, pois os próprios herdeiros citados na compra não foram consultados sobre a venda. O depoimento¹⁵ de Zilda, outra neta de Vicente, residente em Nova Iguaçu comenta a questão:

Z: Em Vicente tem uma mulher, Gercira, que quer ser dona de tudo lá. Minha mãe, Joana, é irmã da mãe dela, Maria Madalena. Cada qual tinha um pedacinho de terra no Rumo. Ela mora aqui, mas também passa uns tempos lá em Vicente porque tem terras de plantio lá. Ela vendeu as terras dos irmãos no Rumo. No Rumo eles não têm terra mais, se vier enchente ou vai pro Bebedouro, pra aqui, pro Morro. Quando tem enchente o povo bota os eletrodomésticos no barco e corre tudo. Durante a última enchente, o povo de Marreca, Vicente e Juremal foi transferido para Nova Iguaçu.

Não há informações precisas de como foi realizada essa negociação entre Gercira e os supostos compradores. Mas sabe-se que com a titulação fundiária de caráter coletivo, as pessoas que compraram a terra terão problemas, ou seja, perderão o direito a esta, na medida em que o INCRA finalize o processo de legalização fundiária de Vicentes.

Atualmente, parte da movimentação existente no Rumo concentra-se nos enterros que acontecem no Cemitério local denominado de São Francisco, pois a referida área está distanciada do rio onde as cheias do rio não alcançam, o que proporciona uma maior segurança aos agrupamentos vizinhos de neste povoamento enterrarem seus mortos.

¹⁴ Este artigo dispõe: O Presidente do INCRA realizará a titulação mediante a outorga de título coletivo e pro indiviso à comunidade, em nome de sua associação legalmente constituída, sem nenhum ônus financeiro, com obrigatória inserção de cláusula de inalienabilidade, imprescritibilidade e de impenhorabilidade, devidamente registrada no Serviço Registral da Comarca de localização das áreas. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO- MDA - Instituto de Colonização e Reforma Agrária- INCRA- Coordenação de regularização de Territórios Quilombolas. *Procedimentos Administrativos para Regularização de Territórios Quilombolas*. Goiás: Apostila para Evento de Capacitação, 2010.

¹⁵ Depoimento, também, colhido por Sheila Brasileiro.

As pessoas originárias do Juremal, Vicentes e Marreca percorrem alguns quilômetros em carros ou até mesmo a pé, partindo de suas comunidades sempre que necessitam sepultar seus familiares no Rumo, seguindo por uma estrada estreita composta de muita terra e pedregulhos e cercada por uma vegetação formada por cactus, arbustos e árvores cujas folhas caem no período da seca, fenômeno que acontece na maior parte do ano.

Ao pesquisar registros escritos sobre a prática da mineração na Serra do Rumo, identifiquei somente poucos relatos. Os mais comuns são citados em crônicas de viajantes e narrativas de antigos moradores do Município. Contudo verifiquei, de forma ampla, a posição e influência relevante da prática da mineração no Município de Xique-Xique, entre os séculos XVIII a XIX.

Figura 5 - Povoado do Rumo



Fonte: Foto da autora, Rumo, 2015. Entrada do Povoado do Rumo onde constituiu-se, há alguns anos, uma lagoa denominada de Ipueira.

Fernando Silva (1955), ao apresentar os resultados de uma etnografia realizada em 1952 na sede do Município e na Marreca - trabalho supervisionado e dirigido por Donald Pierson¹⁶, juntamente com outros pesquisadores em ciências sociais cuja proposta se constituía em um levantamento social e ecológico de diversas localidades

¹⁶ Professor e diretor do Programa de Pesquisa do Instituto de Antropologia Social *Smithsonian Institution de Washington* da Escola de Sociologia e política de São Paulo entre 1945 e 1952 que coordenou um estudo ecológico e sociológico do Vale do São Francisco, resultado da parceria entre a antiga Comissão do Vale do São Francisco e a Escola de sociologia e Política de São Paulo. PIERSON, Donald. *O Homem no Vale do São Francisco*. Tomo II. Superintendência do Vale do São Francisco (SUALE) - MINISTÉRIO DO INTERIOR. Rio de Janeiro: 1952.

do Vale do Rio São Francisco - relatou que com o advento do ouro no século XVIII, com a riqueza do peixe na ipueira e com a constituição das fazendas de gado, formaram-se inúmeros e novos agrupamentos populacionais nesta área.

E outros exploradores do Vale, tais como Richard Burton¹⁷ e Halfeld¹⁸ destacaram, do mesmo modo, a visibilidade alcançada por Xique-Xique. O primeiro afirmou, em 1867, que se considerava a localidade, na época, como a tão “sonhada” Província do São Francisco cuja fundação se cogitava. Já o segundo, preconizou também no século XIX, que Xique-Xique obteria um futuro promissor. As referências mais significativas a respeito de tal ascensão econômica e, conseqüentemente, populacional deste Município através da mineração, apontam a Serra do Assuruá enquanto o “grande polo” de riquezas de onde se extraíam ouro e diamantes.

O Município de Xique-Xique ocupou grande destaque como porto fluvial desde o período de colonização portuguesa no país, iniciando seu povoamento em 1663 com a instalação da "Fazenda Pedras", de propriedade de Antônio Guedes de Brito Filho, Barão da Casa da Ponte. Segundo afirma o historiador xique-xiquense, Cassimiro M. Neto (1999), em 1685, o português Theobaldo José Miranda Pires de Carvalho comprou do Barão terras situadas à margem direita de uma Ipueira que foi batizada com esse mesmo nome e constituiu a Fazenda Praia onde em suas proximidades se formou uma pequena povoação denominada Ilha do Miradouro¹⁹.

Assim, muitos dos aglomerados rurais constituídos em Xique-Xique, bem como outros situados no Rio São Francisco, iniciaram sua povoação em decorrência da aposta dos indivíduos em ascender economicamente ou ao menos possuir condições dignas de sobrevivência proporcionadas pelas riquezas naturais: o peixe, o solo e os minérios, como no caso dos habitantes de Vicentes que foram, aos poucos, construindo suas casas e roçados, não se intimidando com a situação de domínio exercida pelos grandes fazendeiros da época, geralmente sujeitos brancos, na sua maioria de origem portuguesa e que, provavelmente, demonstravam preconceito racial, de maneira explícita, aos negros da época.

¹⁷ Viajou pelo Rio São Francisco em 1867, deixando relatos sobre o Município de Xique-Xique no livro: *The Highland of Brazil*, 2vols. London, 1869.

¹⁸ Autor do *Atlas e Relatório concernente a Exploração do São Francisco desde a Cachoeira de Pirapora até o oceano Atlântico*, levantado por ordem do Governo de S. M.I o senhor Dom Pedro II. Rio de Janeiro, 1860.

¹⁹ Diz a lenda de origem da cidade que desta ilha as pessoas podiam visualizar, ou melhor, mirar o ouro das Serras do Assuruá que na época fazia parte do território do Município. Assim de “mirar ouro”, formou-se o termo Miradouro.

Silva (1955), examinou alguns aspectos da estrutura social de Xique-Xique e da Marreca, de meados do século XX, baseando-se em aspectos teóricos e metodológicos de estudos sobre comunidade que “entendiam a comunidade como o conjunto de agrupamentos humanos distribuídos em território contíguo e unidos por interesses econômicos, sociais religiosos, os quais levam a certa regularidade de interação social, etc. (SILVA, 1955, p.10). Neste sentido, nos aproximamos ainda mais dos variados aspectos de conteúdo histórico que envolve o estudo da Comunidade dos Vicentes, principalmente pela proximidade com a Comunidade da Marreca e pela relação estabelecida entre ambos os povoamentos no decorrer dos anos.

A história do povoado da Marreca, também conhecido em Xique-Xique, de Marreca Velha, localizado à margem direita do Rio, constituiu-se, em 1765, enquanto fazenda de propriedade do português Marçal Ferreira dos Santos que a batizou de Marrecas. O topônimo Marrecas foi em 1953 alterado para Iguira, tornando-se um dos distritos do Município. Após a grande cheia do rio, em 1979, que deixou essa localidade quase submersa, os seus moradores então mudam-se, provisoriamente, para outros lugares, tendo perdido parte dos seus bens. Assim, a Prefeitura de Xique-Xique decidiu firmar convênio com a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Chesf) e inaugurou, em 1982, um Conjunto Habitacional onde foi constituído o novo Distrito de Iguira, em área mais longínqua do rio e com distância de 8 quilômetros da sede municipal, ficando conhecida até hoje como Nova Iguira e para onde o Governo pretendia deslocar, além de todos os moradores da Iguira Velha (Marreca), todos os demais residentes das localidades vizinhas. Alguns receberam suas casas em Nova Iguira e para lá mudaram-se, mas outros resolveram permanecer nos seus antigos lares após o fim da enchente.

Os contatos existentes entre os habitantes da Marreca e Vicentes, segundo as narrativas, iniciaram-se desde a chegada de Vicente Baldino à região, pois este primeiro aportou na Marreca. São feitas diversas referências à Marreca, pelo fato de terem acontecido relações de casamento, apadrinhamento, amizade entre estes ou, na grande maioria dos casos, por que são citados alguns conflitos existentes, resultado da discriminação e preconceito racial que os quilombolas afirmam ter sofrido. O interlocutor Albertino enfatiza que apesar de ter ocorrido um crescimento no número de indivíduos negros, ao longo dos anos, na Marreca, a discriminação com os quilombolas de Vicentes ainda não cessou de acontecer.

A: Marreca, o povo só tratava assim [...] os negos dos Vicentes. Aqueles mais cheios de moral, né?! Porque na Marreca tá cheio de negro, mas eles não enxergam! Moço, o povo da Marreca trata desse jeito: Ói os negos dos Vicentes! Ôxe! [Ênfase na voz] Eles chamam é direto!

Ent: Ainda chamam?!

A: Não chamam o quê?! Quando tem uns: ah, quem é aqueles? Ói os negos dos Vicente! Nem que seja por brincadeira!

Já segundo Bertulina, a referida denominação deixou de ser amplamente utilizada:

B: Antes tinha esse negócio do [...] é negro! Tinha esse negócio de negro, porque não gostavam de negro, né?! O povo da Marreca não gostava dele (de Vicente) naquele tempo, porque ele era negro! Eles tão bons agora, porque tão sabendo que é proibido, né?!

Depoimento semelhante apresenta a interlocutora Anita - bisneta de Vicente ao se referir à mãe fenotipicamente “branca” que acabou se casando com seu pai negro:

A: Minha mãe é da Marreca. O povo da Marreca não gostava do povo daqui. Tenho parentes na Marreca ainda. Eles não gostavam de preto. Mas agora eles aceitam.

Bertulina disse-me que os casos de discriminação com os habitantes de Vicentes eram muito mais comuns quando ela chegou, em 1969, na Comunidade, pois quando acontecia um relacionamento amoroso entre indivíduos das duas localidades, os pais da moça ou do rapaz originários da Marreca geralmente não aprovavam o relacionamento, não dando a bênção para o possível casório. Ela citou um caso de uma senhora residente na Marreca que possuía um ódio tamanho de pessoas negras que estendia esse sentimento para animais e objetos de cor preta: “Quando nascia um pinto preto, essa mulher mandava matar o bicho! E não gostava de nada preto em sua casa!”

Silva (1955) cita, também, relatos de pessoas residentes na Marreca, no ano de 1952, onde verificamos a existência de uma discriminação bastante recorrente e “explícita” dos marrequeiros²⁰ aos indivíduos negros:

- Aqui todos procuram casar com gente direita! Só há umas poucas famílias de preto aqui. Mas essas não são daqui! Vieram de fora e não casam com gente aqui da terra. ²¹

²⁰ Os relatos colhidos pelo pesquisador, na maioria das vezes, não descrevem os nomes dos informantes, apenas apontam algumas características físicas ou de ocupação destes.

²¹ Não há nenhuma informação do pesquisador sobre o informante.

- Tenho horror a pretos! Tenho até medo de ser castigada e ver uma de minhas filhas casadas com um preto!
Aqui só gostam de um, porque é bom, é vaqueiro e precisam dele!²²

A sociedade brasileira acreditou viver por muito tempo numa suposta “democracia racial” idealizada em prosa e verso e apoiada em pesquisas acadêmicas desde a obra “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre nos anos de 1930; estudos realizados por Thales de Azevedo em “A elite de Côm na Bahia” e por Donald Pierson em “O Homem no Vale do São Francisco”, citando aqui os que consideramos mais representativos. Este último tratou desta suposta mestiçagem ao caracterizar o típico homem são franciscano, seus usos e costumes, embora tenha citado as variações de influências da presença africana e indígena ao longo do Vale do Rio:

Indivíduos de descendência racial mista predominam agora na população de quase todas, se não de todas as comunidades, constituindo evidência do que parecem ser todas as combinações das três estirpes raciais básicas [...] A evidência da mistura racial, contudo, não é uniforme em todo o Vale, variando segundo a localidade, pelo menos até certo ponto, em virtude de circunstâncias diferentes de povoamento e subsequente migração, taxas diferenciais de reprodução e isolamento. (PIERSON, 1972, p.25)

Silva ainda apresenta a seguinte descrição para as variações de cor dos habitantes da Marreca: “moreno escuro, mulato alvo e mulato escuro”, incluindo o termo “roxo”, também usado na localidade para designar uma pessoa de tom “arroxado”. Apoiado em estudos que buscavam comprovar certa “harmonia racial brasileira”, atendendo a interesses firmados através de convênios estabelecidos entre universidades americanas e o Governo do Brasil, este pesquisador utiliza categorias classificatórias para a cor da pele dos indivíduos, inclusive é perceptível sua inclinação em demonstrar o “braqueamento” dos sujeitos para representar o modelo nacional da identidade brasileira, correspondendo à necessidade de harmonizar o problema da situação social do indivíduo e a coloração da sua pele, adequando-se ao que Wagley (1952) denominou de “social race”.

Esses estudos sobre Xique-Xique e Marreca, por se pautarem no discurso ideológico da miscigenação da população brasileira, de meados do século XX, e se referirem a área onde os habitantes dos Vicentes relatam ter vivido diversas experiências de discriminação por serem negros e descendentes de cativos, são

²² O pesquisador descreve as características físicas da informante: “tem cabelos louros e olhos azuis, já avó de alguns netos”.

relevantes para este trabalho, pois ao cruzarmos informações de períodos distintos, dadas por indivíduos em convívio, partindo das fontes orais, podemos estabelecer aproximações discursivas, conflitos, distorções ou confirmações do dito e possibilidades de análise do não-dito.

Os ditos e não-ditos do discurso dos sujeitos em sua relação com a história produzidos através da linguagem – partindo dos pressupostos teóricos dos estudos da Análise do Discurso Francesa de Pêcheux (1997) - são constituintes de variados sentidos e aqui buscamos apresentar a partir da análise das falas dos interlocutores que retomam, alteram ou se ressignificam discursos anteriores, portanto, outras memórias constituintes da história do grupo. Orlandi (2005, p.333) apud Obdália Silva (2008, p. 42) nomeia essa memória discursiva de “interdiscursos” e o conceitua como “todo conjunto de formulações já feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”. Assim, partindo das falas dos interlocutores, percebem-se opções por modos de vida, atuação no social, acionamento das identidades que nos fornecem as tintas para matizar esse quadro e compreender seus mais prováveis sentidos.

Casos de preconceito aos indivíduos de fenótipo negro ainda produzido por alguns habitantes da Marreca e citados pelo interlocutor Albertino, corresponde a uma conjuntura de posicionamentos ideológicos de caráter amplo e complexo ainda não resolvidos na sociedade brasileira, visto que os dispositivos legais que repugnam e punem esse tipo de preconceito não avançaram muito enquanto componentes práticos. Bertulina, como já citado neste texto, comentou sobre o receio das pessoas em demonstrarem o preconceito, pois poderiam ser punidas pelas leis brasileiras referentes ao assunto, contudo outras falas dos quilombolas atestam que, ainda assim, o preconceito não deixou de existir.

Os contatos existentes entre ambos os povoados provavelmente não se deram apenas em decorrência de conflitos pelo uso da terra ou por demonstrações explícitas de preconceito racial, pois alguns indivíduos destas Comunidades contraíram matrimônio e, assim, novas configurações de parentesco se firmaram. Alguns filhos fruto das referidas uniões optaram por residir em Vicente, outros na Marreca; os netos e bisnetos nasceram, cresceram e, assim, a necessidade de manter contatos mais frequentes aumentou. Amália, uma das tataranetas de Vicente, residente na Marreca casou-se com um homem originário desta localidade e assim formou sua família em

uma casa onde cuida também de sua bisavó, Antônia²³, com mais de 80 anos de idade. Amália ressaltou o seu sentimento de pertencimento com a Comunidade de origem e a constante ligação mantida com esta:

Ent: Você gosta daqui de morar aqui em Marreca?

A: Ah, já tou acostumada! [risos] Porque mesmo morando ali nos Vicente, porque a gente é dos Vicentes ali [...] não tem como, é o lugar que a gente nasce, pode rodar por onde rodar, e ali! Mas é pertinho [...] Tudo que tinha que comprar é aqui na Marreca, aí eu mudei pra aqui, tou aqui, já tou aqui, não saí mais!

Ent: Faz quanto tempo que você tá aqui?!

A: Eu já tenho 25 anos.

A: Você anda lá nos Vicentes?

Ent: Ando. Eu ando direto lá! Todo dia eu vou lá [...] Tenho outra irmã lá. Meu povo todo é lá [...].

As ligações de compadrio, os contatos firmados através de amizade, constituíram-se noutros fatores preponderantes para maior aproximação entre as duas comunidades no âmbito do social. O convívio tem sido mais frequente até por que muitos habitantes de Vicentes necessitam ir até a Marreca para comprar alimentos; o transporte coletivo usado para ir ao centro de Xique-Xique é também espaço onde indivíduos de ambos os povoados conversam sobre assuntos variados e, assim, constroem ou mantêm laços afetivos.

Em visita ao Povoado da Marreca juntamente com Bertulina e a agente de saúde do Distrito de Iguira, em janeiro de 2015, observei algumas nuances do aspecto relacional entre sujeitos de Vicentes e Marreca. À medida que passávamos pelas ruas, boa parte dos transeuntes cumprimentavam-nos, em especial Bertulina, e comentavam conosco a respeito da seca prolongada durante 2015, da produção agrícola em baixa, da falta do pescado, da presença de roubos na estrada local e da situação das pessoas que migraram para São Paulo. Visitamos cinco residências de pessoas da Marreca onde, geralmente, as conversas apresentaram-se bastante cordiais. Entretanto percebia certo desconforto das duas senhoras quando viam alguns dos moradores, pois diziam conhecê-los apenas “de vista”, evitando qualquer tipo de contato com estes. Fenotipicamente, a grande maioria dos moradores de Marreca é “branca”, possui cabelos e olhos claros.

O cotidiano na Marreca parece transcorrer sem muitas novidades, embora esta Comunidade seja maior e mais povoada do que os circunvizinhos, Vicentes, Rumo e

²³ Umas das netas de Vicente Pereira Baldino.

Juremal. A Marreca possui 290 casas onde residem 758 pessoas. São três grandes ruas situadas paralelamente na localidade: uma delas na orla fluvial onde se vê a igreja, algum comércio e uma casa de farinha.

Figura 6 - Às margens do rio



Fonte: Foto da autora. Marreca, 2015. Vê-se na imagem mulheres lavando roupa e pouca movimentação nas margens do rio na Marreca.

Nas margens do rio, ainda se vê mulheres lavando roupa, embora tenha água encanada no lugar. Constatei também a movimentação de pescadores comentando entre si sobre a seca do rio e a falta de peixe até mesmo para consumo próprio. As embarcações usadas por eles conduzem alimentos e pessoas residentes em aglomerados rurais situados na outra margem do rio.

Já a situação do povoado do Juremal localizado um pouco mais próximo à Vicente, não é tão diferente acerca da preocupação das pessoas com a seca, pois no trecho por onde o rio corre, bancos de areia vêm se formando e, assim, configura-se uma nova e árida paisagem.

O Juremal é menor do que a Marreca, entretanto há um número maior de pessoas residindo neste lugarejo do que em Vicente, pois são 72 residências e 173 habitantes ao total. Há uma pequena igreja, casas, escola primária, um conjunto habitacional construído com recursos do Governo Federal e roçados onde as pessoas cuidam de plantas frutíferas, pequenos animais, como cabras, bodes, galinhas. As casas se ajuntam em blocos onde pequenos núcleos familiares se organizam, ou seja, a família vai crescendo e os filhos casam-se e constroem suas casas ao lado da casa de seus pais e avós.

A água usada pela população de Juremal é escassa e de má qualidade, pois a caixa d'água instalada no lugar tem apresentado problemas e as pessoas chegam a buscar o líquido no rio ou em povoados vizinhos, inclusive constatei a ida de algumas crianças e de seus pais à Vicentes para buscarem água. Elas andam por alguns minutos, a depender de onde se localizam suas casas para obterem a água.

Figura 7: Falta d'água



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Crianças do Juremal vão buscar água em Vicentes juntamente com seus pais para uso diário.

A água utilizada para consumo em Vicentes apresenta também problemas em decorrência da necessidade de manutenção dos aparelhos utilizados para a condução da água do poço artesiano até às residências, pois após alguns anos de instalação não ocorreu interesse dos governantes em melhorar suas condições de uso. Inclusive para adquirir o poço, a Comunidade passou um período considerável de espera, segundo nos informou Albertino:

Ent: A água não tinha, né?! Esse poço aí mesmo ó, quando foi pra instalar ele passou mais de 20 anos, depois que perfuraram ele, passou mais de vinte anos [...] Veio instalar quando Reinaldinho²⁴ [...]

A: De quando perfurou a funcionar...

- É [...] Veio funcionar, porque Reinaldinho botou pra funcionar, porque os outros já tinham “comido o dinheiro” E com certeza, né?! Magalhães²⁵, mandou fazer aí, Carlos Santos fez²⁶, aí [...]

Ent: Na época de Carlos Santos?

A: É. Aí depois Magalhães entrou aí, disse que ia instalar e não instalou. Quando falou de novo, disse: não, já comeram foi o dinheiro! Reinaldinho

²⁴ Prefeito de Xique-Xique entre 1983 e 1989.

²⁵ Prefeito de Xique-Xique entre 1993 e 1997 e entre 2001 e 2004.

²⁶ Prefeito de Xique-Xique entre 2005 e 2008 e 2009 e 2012.

falou, né, se é mentira [...] é dele! Mas ele falou: - Já comeram o dinheiro. Se eu ganhar, eu vou instalar ele [...]
Ent: E instalou mesmo?!
A: Instalou! Fez o pé da caixa...
Ent: Há poucos anos, né?!
A: Tem [...], trouxe a caixa e botou. Depois veio e mandou os caras instalarem! Depois, ôxe esse poço aí tem pouco tempo que eles instalaram aí [...], aí veio uns aí trazendo um caixa de chapa [...] de alguma coisa assim, quando fizeram os pés da caixa, quando botaram que encheram de água, a caixa tombou no mesmo dia que encheu! Que era pra ficar as duas [...] aí caiu! Caiu, pegaram, tiraram e levaram de novo! No Juremal tem uma dessa! Tem uma?! Mas a água de lá parece que não é tão boa igual a daqui! Você olhando assim na caixa, você vê toda amarela!
Ent: Vi uns meninos pegarem água aqui.
A: Eles vem. A de cá ainda é melhor do que a de lá?! Talvez seja, né, porque a água daqui é melhor, porque ela é mais doce!
A: E aí puxa como pra chegar nas casas das pessoas?
Ent: Oi a casinha lá, ô, aí caiu na caixa, aí ele só é abri o registro.
A: Todos tem acesso a esse água, né?!
E: É, todos! Nas casas aí tudo!

Bertulina disse-me que antes da instalação do poço artesiano pela Prefeitura, as pessoas da Comunidade necessitavam andar alguns quilômetros para pegar água²⁷ no rio. Neste sentido, a instalação do poço foi uma conquista importante para todos do lugar, ainda que não tenha havido manutenção para a garantia do seu bom funcionamento e distribuição de uma água com mais qualidade. A Associação de Moradores de Vicentes tem buscado recursos financeiros através da arrecadação de 3 reais mensais por cada família para poder estar investindo em melhorias para o poço, entretanto o valor pouco tem ajudado.

É notável a aproximação mantida entre os habitantes das populações do Juremal e Vicentes, pois ao visitar e conversar com pessoas do Juremal, bem como ouvir relatos daqueles de Vicentes, identifiquei ligações por parentesco, compadrio, casamento ou amizade entre eles. Inclusive há indivíduos originários de Vicentes morando em Juremal e algumas crianças de Vicentes frequentam a escola de Juremal. Assim, suponho existir tal aproximação, porque ambos os povoamentos vivem situações semelhantes, quanto às dificuldades e necessidades enfrentadas no cotidiano.

Outro exemplo dessa relação mais íntima entre as comunidades corresponde aos momentos em que algumas pessoas de Vicentes são convidadas a fazer o beneficiamento da mandioca em uma casa de farinha situada numa pequena

²⁷ Realizavam o transporte da água em vasilhames puxados por burros, cavalos ou na maioria das vezes, em latas na cabeça, especialmente no caso das mulheres.

propriedade do Juremal. A mandioca é então raspada, transformada em farinha através do uso de diversos aparelhos, alguns ainda manuais. As pessoas raspam a mandioca e, depois, recebem parte da produção final, utilizando-a geralmente para consumo próprio.

Figura 8: Casa de Farinha Comunitária



Fonte: Foto da autora. Juremal, 2015. Casa de farinha no Juremal.

Os visitantes destas comunidades, geralmente, são presenteados com a farinha de mesa ou com a tapioca em agradecimento pela visita ao lugar. E quando os moradores locais viajam para São Paulo, levam o referido alimento para seus familiares. A farinha representa, desta forma, a produção local, a valorização da prática antiga do plantio da mandioca nessa região e da confecção da farinha através do modelo comunitário onde os indivíduos aproveitam para trocar experiências, expectativas, alegrias, angústias, configurando uma relação de reciprocidade, pois o dono da terra onde está situada a casa de farinha não contrata, ele convida os sujeitos que oferecem o trabalho que gera a comida. Assim, “paga-se com comida, o trabalho que irá gerar comida para pagar o trabalho”. (WOORTMANN, 1990, p. 35).

As condições precárias da casa (buracos dispostos nas paredes, nas portas e no telhado) não impedem de, anualmente, este tipo de processo da produção da farinha acontecer, pois é muito aguardada por moradores do Juremal e de Vicentes. A farinha de mesa e a tapioca obtida, a depender do tamanho da família, tendem a durar por todo o ano. Geralmente, os encontros desses grupos para a produção da farinha realizam-se nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro.

De acordo com relatos, nestas oportunidades a maior participação é de mulheres de diferentes idades. A mandioca é, na verdade, um alimento muito comum no sertão, pois seu custo-produção é barato e ainda tende a resistir aos longos períodos de seca. Entretanto se houvesse mais investimento na melhoria ou construção das casas de farinha para os diversos agrupamentos rurais da região, a exemplo de Vicentes, proporcionaria maior produção do alimento e, possivelmente, a opção de comercialização e geração de renda para as pessoas do Município.

1.2 ENTRE AS SECAS E AS ENCHENTES

Notícias sobre os períodos de seca na Bahia há desde longa data. José Aras (2003) atesta que a primeira seca passou-se em 1559 e o século XVIII foi o campeão de ocorrências dessa situação em toda a região do Nordeste do Brasil. No século XIX, não foi muito diferente, pois em grande parte dos anos houve seca, inclusive entre 1877 e 1880 morreram mais de 700.000 sertanejos somente no Ceará. Já no século XX, com as constantes secas vivenciadas pelos nordestinos, o Governo Federal criou o Departamento de Obras contra a Seca (DNOCS), mas a fome e a constante mortandade levaram muitos indivíduos a migrarem para a Amazônia e para o Estado de São Paulo em busca de sobrevivência e melhores condições de vida.

Em 2015, a seca atingiu muitos municípios do nordeste brasileiro e tal episódio preocupou os pequenos agricultores e ribeirinhos da área do semiárido baiano onde 256 municípios sofreram, a exemplo de Xique-Xique, com a duradoura estiagem. Em 2014, em reportagem vinculada no site G1- Bahia, o diretor do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) de Xique-Xique informou que devido à seca, houve uma significativa baixa no volume de água do canal que abastece o Município, afetando principalmente quem depende da agricultura familiar e da pesca para sobreviver.

A preocupação com essa situação em Xique-Xique foi divulgada em diversos veículos da mídia baiana, principalmente por que o diretor do SAAE temia uma possível falta de água até mesmo para o consumo humano caso a seca perdurasse. Diálogos com órgãos estatais foram estabelecidos para sanar o problema. Ainda que não tenha sido constatada a falta d'água para o consumo da população, as comunidades rurais continuam sofrendo pela falta de investimentos e propostas estruturantes, a longo prazo, através do governo do Estado para diminuir os efeitos das secas. Nesse sentido, a relação vivenciada com a seca por essas populações é intensa, pois acontece praticamente todos os anos, segundo informa Alfredo Gomes (1988, p.57) apud Daiane Martins (2010):

A seca não se restringe ao período seco, mas muito pelo contrário, estende-se a todos os momentos da vida social, econômica, religiosa e cultural do nordestino sertanejo. Se é período seco, de estio, a sua significação é inquestionável; se é período de chuvas onde se vive o "inverno" e as plantações se concretizam, é a ausência da seca que lhe dá significado, pois dela o sertanejo não pode esquecer.

A cada ano, a população da área rural de Xique-Xique aguarda os períodos de chuva para obter o auxílio para resolver questões básicas de sobrevivência, como o sustento das famílias através da prática da agricultura e da pesca. Em todas as visitas ao campo, percebi que o assunto mais comentado entre as pessoas, especificamente entre os residentes de Vicentes, é a respeito da falta de chuvas, pois a vida local é afetada, a saúde, o trabalho e o entretenimento. E a crença nos santos padroeiros são frequentemente acionadas por estes indivíduos na realização dos pedidos para que a chuva caia. Ouvi um senhor do Juremal enfatizar para outro residente em Vicentes, em janeiro de 2015, sobre a necessidade de serem feitas procissões para Santo Antônio no sentido de ser resolvida a situação da ausência de chuvas: “Vamos fazer procissão para Santo Antônio, gente! A seca tá demais! O rio tá muito seco!”

Figura 9 – Seca



Fonte: Foto da autora. Xique-Xique, 2014. Imagem da estrada municipal mostra a situação da seca em junho de 2014 em Xique-Xique.

As chuvas esperadas para os meses de dezembro, janeiro e fevereiro não são suficientes para mudar o cenário de seca e trazer significativas esperanças para os habitantes da região. Até por que os programas assistenciais oferecidos pelo Governo Federal destinados a essas populações, em parceria com o Governo Estadual e a Prefeitura, como o Garantia-Safra, a instalação de poços artesianos, são instrumentos ainda pouco expressivos para promover mudanças reais e significativas na economia rural. A intenção do Estado ora se resume a “minimizar” os efeitos da seca, a exemplo do discurso divulgado, em 2015, no site da Prefeitura de Xique-Xique:

A Gestão Municipal de Xique-Xique buscando cada vez mais sanar as necessidades das comunidades rurais busca junto ao governo do Estado, ampliar o acesso ao abastecimento de água, para minimizar os efeitos da seca. Em parceria com a Companhia de Engenharia Ambiental da Bahia (Cerb), o município de Xique-Xique conta já com vinte e oito poços artesianos (28), sendo que 14 já estão em pleno funcionamento e os demais em andamento, para aumentar a oferta, ampliando os serviços de saneamento básico, articulando assim a sustentabilidade ambiental da zona rural.

Os quilombolas de Vicentes convivem com a seca e a falta de investimentos em seu território, assim como os indivíduos residentes nas demais comunidades circunvizinhas, e a chuva representa a concretização da esperança de uma vida mais digna, através da constituição do verde impresso na vegetação. Em diálogo com Albertino, este afirma:

Ent: Este ano choveu aqui?!

A: Choveu, mas chuvinha variada! Que era pra tá ainda tudo verde aí!

Ent: Que mês choveu aqui?

A: Choveu mais ou menos de novembro. De novembro pra cá, deu uma chuvadinha, mas chuva fina. Não foi nem invernada pra molhar mesmo [...] descende mesmo! Era pra tá tudo verde ainda, mesmo, esta época! Já tá bem seco!

O rio, também, tem grande importância e influência na vida destes grupos rurais, contudo com a seca, o volume de suas águas diminuiu e até mesmo para navegar de barco, em certos trechos, tem ficado cada vez mais difícil, interferindo diretamente na travessia dos ribeirinhos em direção a algumas ilhas onde possuem pequenas plantações e praticam a pesca artesanal com as redes que produzem. Mas se há alguns anos, a pesca era suficiente para alimentar a família e era uma fonte de renda para estas pessoas, hoje a situação está bem diferente, pois muitos têm reclamado da pouca quantidade de pescado obtida, ao jogaram as redes e tarrafas no rio.

Em passeio de barco no rio com Bertulina, seu filho Albertino e o neto Maurício, em junho de 2015, acompanhei o trabalho de recolhimento de uma extensa rede que foi jogada alguns dias antes por Albertino e estava devidamente presa a algumas plantas dispostas na margem fluvial. O pai esteve orientando o jovem Maurício a retirar o instrumento na expectativa de obter boa pescaria. Entretanto havia na rede somente folhas secas e apenas um peixe e um cágado que foram preparados para o almoço

daquele dia da família. Segundo Bertulina: “Ô, gente, muita rede que joga no rio e não pega nada!”

Outros fatores preponderantes que contribuíram para esta situação de seca e morte dos peixes do Rio São Francisco relacionam-se à poluição e ao impacto ambiental provocado pela instalação de barragens, em 1974, pela CHESF²⁸, pois os efeitos então provocados incidiram sobre o cotidiano dos ribeirinhos e estas comunidades dependem, na maioria dos casos, da pesca e do plantio de várzeas para sobreviverem. Para Marson Andrade (2002, p. 11), “como resultado da represa construída pela CHESF, hoje pescadores não chamam o São Francisco de rio, mas de lago”.

Figura 10: A falta do pescado



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. As pessoas dos Vicentes jogam as redes de pesca e as deixam por vários dias em pontos específicos do rio e, ao retornarem, encontram poucos pescados.

Na composição da paisagem do rio em Xique-Xique apresentam-se, igualmente preocupantes, os bancos de areia,²⁹ formados devido ao assoreamento do rio, dificultando a navegação local. A erosão situada às margens, resultado do desmatamento, tem causado uma imagem de desolamento que, possivelmente, será sanada, se forem implantados projetos de revitalização e preservação deste rio.

²⁸ Com a construção das barragens, acima delas, cidades e povoados inteiros ficaram submersos nos imensos lagos de Sobradinho e Itaparica, como a cidade de Remanso. ANDRADE, Renata Marson Teixeira de Andrade. *Quebrando o “Rio da unidade nacional”: comunidades tradicionais na política do Rio São Francisco*. Revista Afro - Ásia, nº. 32. Salvador, Ba: 2005.

²⁹ Da divisa da Bahia com Minas até o Município de Xique-Xique, em vários pontos o assoreamento impede o rio de correr. Onde passavam barcos, agora passam carros, carroças. Dá até para apostar corrida de cavalos no leito do São Francisco. <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2014/11/bom-dia-brasil-percorre-rio-sao-francisco-e-mostra-escassez-de-agua.html>

Discussões em torno da revitalização do São Francisco por organizações não-governamentais, ecologistas, ribeirinhos, Comissão Pastoral da Terra, dentre outras entidades, parece ter avançado pouco em suas propostas de recuperação e preservação do rio, mesmo após a constituição do Fórum composto em 2001 por mais de trinta organizações civis cuja finalidade básica, segundo indica Renata Andrade (2005), seria mobilizar o resto da sociedade para juntar esforços no intuito de preservar o rio. A vitória inicial do grupo constituiu-se em deter o projeto de transposição do Rio em 2001 proposto pelo Ministério da Integração Nacional cuja finalidade é levar água do São Francisco para as localidades semiáridas do nordeste brasileiro.

Desta forma, por acreditamos que interesses diversos permeiam os vários setores da sociedade civil envolvidos em tal empreendimento, sejam eles políticos, sociais, ecológicos, provavelmente ainda haverá necessidade de um debate público mais amplo entre instituições governamentais e a sociedade brasileira como um todo para unir esforços e interesses comuns que possam provocar, paulatinamente, a melhoria da qualidade de vida dos ribeirinhos e da saúde do próprio rio. Infelizmente, a sociedade xiquexiquense têm se mobilizado pouco sobre o assunto, pois apenas realizou alguns debates superficiais em redes sociais, na mídia radiofônica local e discursos pontuais de grupos políticos.

Estudos da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF) indicam que a região do Vale passa tanto por períodos de extrema seca, como outros de cheias. Se por um lado, as secas persistem nessa região, as cheias do rio são fases preferidas por muitos ribeirinhos em comparação à situação de seca, pois, ainda que provoquem alterações na vida das pessoas - a mudança para áreas altas da região - a água em abundância simboliza fartura e fertilidade, segundo conclui Albertino:

[...]

A: Eu mesmo preferia que todo ano tivesse uma enchente!

Ent: Por quê?

A: Porque é melhor, todo ano que tem a enchente [...] Pra nós, é melhor! Porque é, molha tudo! Pra nós é melhor, porque no ano que não tem enchente é uma crise! A lagoa aí, lagoa da ipueira, tudo seca. Aí o pior é isso aí. Então tendo a enchente, tem peixe. Mas se a enchente passa dois meses alta, aí que é bom! Na hora que vaza é a fartura de peixe!!

Ent: Mesmo que vocês mudem para outras localidades?

A: Mesmo que mude, eu prefiro ter aquele trabalho todo dia [...] Eu passo lá [...] um mês ou dois, mas quando volto, eu tou sabendo que vai ter o ano todo! Vai ter o ano todo! Ôxe, antigamente o rio enchia todo ano, tinha enchente! Ôi quando a gente retirava, retirava mais água [...] tomava até as calças,

ficava aqui! [Mostrou-me a perna]. A gente pra ir até ali, tinha que ir por ali. Pra ir pra Marreca, tinha que ir por dentro das roças. Outras horas de barco por ali, outras horas de barco pela estrada. Mas era bom demais!!! Todo ano, todo ano era bom! Se tiver é uma riqueza! A última enchente foi em 92. Não teve mais nenhuma!

Estudos e pesquisas em Geociências promovidas pelo IBGE (1994), sobre as enchentes³⁰ do Rio São Francisco, indicam a do ano de 1992 como uma das mais significativas que aconteceram nesse Rio. Contudo a de 1979 produziu grande impacto na vida das cidades ribeirinhas e foi bastante relatada pelos interlocutores entrevistados.

Como já citamos, em decorrência da enchente de 79, inaugurou-se em 31 de janeiro de 1982 o Conjunto Habitacional onde se constitui o Distrito de Nova Iguaçu. Para esta localidade, deveriam ser transferidas as populações das comunidades afetadas pela enchente, a exemplo dos habitantes de Vicente. No entanto, muitas pessoas dessas comunidades preferiram ser indenizadas com o valor de 35 cruzeiros - moeda corrente daquele período no Brasil - pela perda de seus bens, transferindo-se, provisoriamente, para outros lugares não alagados, até as águas baixarem para, assim, poderem retornar para as suas residências. Uma parcela menor de pessoas decidiu mudar-se para a Nova Iguaçu onde receberam uma casa. Neste sentido, nas palavras de Albertino:

A: Eles deram 35 conto naquele tempo pela casa. Aí eles pegaram o dinheiro e foram pro Rumo. E foi uma enchente que aqui uma casa dessa não ficou nada aí, cobrindo tudo!

Ent: Mas vocês não quiseram ainda sim ir pra lá, para a Nova Iguaçu?

A: Não, ele disse que não ia não! Num só foi ele que não quis não, foi um monte aqui que não quis. Lá foi uns dez que pegou casa lá, os outros não quiseram. Assim mesmo esses que pegaram a casa, os que não tão morando lá, já venderam?

Ent: Foi na época que foi construir Nova Iguaçu, não foi?

A: Construiu em 80. Talvez em 80 parece. Que em 79 teve a enchente grande, que eu me lembro, né, [] que eu tinha oito anos, mas eu me lembro dela. Aí daí pra cá. Aí depois fizeram, Reinaldo fez, Reinaldo Braga.

Ent: Alguns quiseram ir, outros não?!

- Os que não quiseram, eles deram 35 contos. Disse: quem não quiser a casa, eu dou o dinheiro! Mas aí porque foi indenizado tudo aí [...] porque eles achavam que iam ficar debaixo d'água. Ah! Ficou tudo debaixo d'água aqui?!

A: Ôxe [...] uma cumieira dessa aqui cobriu tudo das casas. Esse pé de pau aqui [...] desses aí, ó, afundaram [apontando para um local]. Só ficou os maior,

³⁰ Segundo O Presidente do Comitê Executivo de Estudos Integrados da Bacia do São Francisco - CHHEE/VASF para se considerar uma enchente no Rio São Francisco é necessário que sua vazão ultrapasse 8.000 m³/s. *Diagnóstico da Qualidade ambiental da bacia do Rio São Francisco - Sub-bacias do Oeste baiano e Sobradinho. Série de Estudos e Pesquisas em Geociências*, nº 2. Rio de Janeiro: 1994.

os pés de árvore maior ficaram! Aqui tinha duas casa altas: a de meu avô que é no lugar daquela que não tem as telhas ainda [apontou para uma casa do lugar] e meu tio João Rodrigo lá embaixo que era as maiores, que era bem mais alta assim, não ficou nada!!! Só via o remanso dela! Esse rio aí era um rio só! De lá do Rumo, as canoas cortavam pelo meio do alagadiço [...] só dos paus grandes, porque esses outros eram tudo por fora! Demorou, vi! Foram quase dois meses de enchente?!

Ent: E vocês ficaram onde?

A: Lá no Rumo, nessa terra lá. Aí eles fizeram as casas lá, tudinho, fez as barraquinhas. Foi num sei quantas enchentes seguida, viu?!

O sentimento de pertença ou de enraizamento ao lugar de origem pode ter sido o elemento preponderante daqueles que optaram por não se mudar para Nova Iguaçu. Ainda que o Estado lhes tenha oferecido uma casa em um local seguro onde não vivenciariam os efeitos das enchentes, muitos não quiseram deixar definitivamente seus lares, pois sabiam que quando as águas baixassem, poderiam recomeçar a vida em sua “terra”. Sem contar os que se mudaram, porém resolveram depois vender a casa e retornar. Nesta perspectiva, consideramos pertinentes as seguintes análises de Simone Weil (2001, p.43), sobre pertencimento ao território:

Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano, precisa ter múltiplas raízes. Precisa saber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente.

Na verdade, os planos do Governo em transferir as pessoas das áreas afetadas pelas cheias do rio, não condiziam inteiramente com os interesses das populações locais. Portanto ouvir os relatos de quem viveu a situação, ou seja, apresentar a voz que ecoa do outro lado da história, a voz dos excluídos, é instigante e reveladora para compreendermos as nuances entre as ações do Estado e os reais desejos e necessidades do povo.

Albertino demonstrou clara exaltação ao tratar da experiência com as enchentes. Ele fez uma descrição minuciosa da situação e em todo momento aumentava o tom de voz e realizava pausas na fala como se estivesse buscando em suas lembranças os acontecimentos mais representativos de um evento que significativamente alterou por dois anos a vida da família. “E nesse emaranhado de fios de memória, a narrativa pode conduzir-se por variados caminhos, ou seja, não é um documento unilinear”, Ecléa Bosi (2013, p. 20), pois mostra o quão complexo é o fato, permitindo se chegar à zona de conexão entre história com as experiências do

dia-a-dia. E ainda segundo Bosi (2013, p.20): “não esqueçamos de que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção “é a apropriação veemente” do que nós sabemos que não nos pertence mais”.

Quando questionei a Albertino a respeito da situação das pessoas originárias de Vicentes que se mudaram para a Nova Iguira, ele salienta:

A: Tem na Iguira [...] quando fizeram a Iguira, lá fizeram duas ruas, já da parte de fora, que eram os Vicentes.

Ent: Como assim?! Não entendi?!

A: Fizeram a Iguira [...] aí lá [...] da praça pra lá um pouco, aí fizeram duas ruas só do nosso povo.

Ent: Separado dos outros?

A: Aquelas duas ruas não tinha ninguém, só do povo daqui!

Ent: Só o pessoal de Vicentes foi pra lá?!

A: Aí depois foi que foi construindo mais e enchendo pra lá. Mas no final da Nova Iguira [...] tipo pra separar, né?!

Ent: Pra separar!

Figura 11 - Distrito de Nova Iguira



Fonte: Foto da autora. Nova Iguira, 2014.

As poucas famílias de Vicentes que decidiram aceitar a proposta do Governo e tomar posse de suas casas no Conjunto Habitacional Nova Iguira, concentraram-se, basicamente, em duas ruas desta localidade, separados dos demais moradores. O interlocutor Albertino sugeriu que a separação aconteceu devido à “discriminação racial” sofrida pelas pessoas de Vicentes. Mas podemos, também, inferir que por estarem recomeçando suas vidas, após a citada enchente, em um lugar onde não era o seu de origem e onde não se sentiam pertencentes sob a perspectiva identitária, podem ter considerado mais interessante se organizarem bem próximos uns dos outros.

Por outro lado, há outros indícios de exclusão sofrida, ao longo dos anos, conforme relatos da população de Vicentes, como a alternativa de somente poderem enterrar seus mortos no cemitério do Rumo em um espaço separado dos demais indivíduos residentes em outras comunidades próximas. Tal situação não acontece mais, entretanto deixou lembranças ruins aos quilombolas. Quando Vicente Baldino chegou ao Município de Xique-Xique e em parte do século XX, os negros tinham que construir suas casas exclusivamente em uma única rua da Marreca. Esses fatos podem ter se configurado a partir da possível imposição feita por indivíduos “brancos”, demonstrando uma atitude separatista, situação certamente comum e evidente no Brasil dos séculos XIX e XX.

Como parte de sua pesquisa de doutorado, Elisângela Ferreira (2003, p.193), ao analisar a situação de fuga de uma mulher escrava com seus filhos de Pernambuco para Xique-Xique em meados do século XIX e a trajetória dessa família em busca de uma vida digna, provoca a reflexão a respeito das formas de exclusão sofridas por aqueles que tinham sido escravos, juntamente com seus descendentes, e mesmo após abolição da escravidão em Xique-Xique, lugar onde também se instaurou a economia escravocrata:

Naqueles sertões, como em todo o Brasil escravista, a cor da pele tendia a ser por si só um primeiro signo de status e condição social para qualquer forasteiro. Se considerarmos que mesmo os forros tinham tanto a mobilidade espacial como a limitada, pois permaneciam ameaçados pelo perigo da reescravização. Imagine-se uma família inteira de nove membros sobre os quais pesava a desconfiança da condição de cativos por parte da comunidade, ainda que eles tenham sempre sustentado a condição de livres ou libertos.

A condição de escravo dos indivíduos negros na sociedade brasileira deixou marcas significativas por séculos na história de famílias e comunidades que sofreram concretamente a exclusão e precisaram buscar meios de inclusão digna no meio social. No caso específico dos descendentes de Vicente Baldino, a união com a família Sancho Pereira, a constituição de laços de compadrio, de amizade e de matrimônios eclesiásticos, o trabalho intenso com a lavoura, a pesca, a criação de gado, a produção da cerâmica e da farinha, tornaram-se as saídas possíveis de integração dos moradores da Comunidade no cenário social e econômico do Município.

1.3 QUEM SÃO E COMO VIVEM OS QUILOMBOLAS

Da união matrimonial entre Vicente e Joentina nasceram dez filhos: Maria, Francisca, Joana, Joaquim, Pedro, José, Maria Madalena, Manoel, Anita e Izabel. Três filhas do casal casaram com filhos provenientes da família Sancho Martins. Por exemplo, Maria Baldino casou-se com José Sancho Martins e entre os filhos nascidos desta união, há ainda vivos, Gilberto, atualmente um dos tocadores do instrumento musical caixa no evento de samba de roda, bem como Rosalina, ainda viva e residente na Marreca e Laércio, residente em Vicentes.

Não há informação sobre a data de nascimento de Vicente Baldino e de Joentina. Apenas nos foi informado por Bertulina de que Vicente faleceu, provavelmente, entre 1950 ou 1951:

B: Acho que o velho morreu foi em 50 ou em 51.

Ent: Quem?

A: O Vicente.

Ent: Ah, nos anos 50.

Figura 12 - A família



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Maria Baldino, à esquerda, com seu filho Ioiô.

Francisca é mãe de Maria da Caixa³¹, a ex-tocadora do instrumento caixa no evento do samba de roda. Ela possuía mais de cem anos de idade, no período da entrevista, ainda que seu registro³² estivesse marcando menos.

³¹ Maria da Caixa faleceu em janeiro de 2016.

³² Muitas pessoas originárias de localidades rurais dessa região demoravam algum tempo para serem registradas em cartório, portanto as datas de nascimento não correspondiam de fato, em muitos casos, às datas indicadas nos registros escritos.

Joana é mãe de Lielson, o pai de José dos Santos, ex- presidente da Associação de Moradores dos Vicentes.

Joaquim casou-se com uma mulher originária da Marreca e nesta localidade constituiu sua família.

Pedro residiu em Vicentes e alguns de seus filhos moram, atualmente, no povoado de Umburanas, próximo à Juremal, e outros, em Vicentes e também em São Paulo.

José preferiu ficar no Rumo cuidando de sua roça. Uma de suas filhas, ainda viva, está em Xique-Xique. Segundo relatos, esta senhora, que foi criada por Vicente, já está bem velha e doente.

Maria Madalena teve vários filhos e entre eles, Gercira, a mãe de João José Rodrigues de Oliveira, o esposo da interlocutora Maria de Teté, que então afirma:

M: Diz que aqui formou esse lugar de três irmãs casadas com três irmãos. De uma família e de outra [...] É de uma família e de outra. Acho que era Pereira Baldino e Sancho Martins! É Sancho Martins. Aí é igualmente ao Rei do Gado ... [risos] os Mezenga e os Berdinazzi. É que nem eles aqui. Aqui é um ovo só! Aqui tem contada as pessoas que não são parentes mesmo!

Quando visitei a casa uma das netas de Vicente, Antônia³³, na Marreca, e mantive diálogo com Amália, a sua bisneta, e também com Bertulina sobre a constituição familiar da Comunidade de Vicentes, estas afirmaram:

Ent: Qual é o nome dela?

A: É Antônia Sancho Martins.

Ent: Por que tem sempre esse sobrenome?

A: Por causa dos pais. Uns são Pereira Baldino que é do Vicente e Sancho Martins é dos pais. Casa no civil, aí põe [...]

B: Gilberto é Sancho Martins, Manoel, é Sancho Martins. A família é toda Sancho Martins [...] do pai [...]

Ent: Então a família é muito grande, né?!

B: Vixe, mãe de Deus! Moça, tem netos, tem uns dez netos aí que tem dez filhos! Neto do finado Vicente. Cada um filho tem não sei quantos filhos! E Joana que é a mãe de Lielson, quantos filhos ele não tem?! Ele tem 94 ou 95 anos. Família enorme! Espalharam-se [...] Espalhou! Em São Paulo ainda morreu duas filhas do finado Vicente e morreu um filho no Tocantins [...] e tudo deixou filho! Agora aqui tem pouquinho, porque já foram tudo embora.

A grande maioria dos interlocutores entrevistados possui, portanto, o sobrenome Pereira e Martins, comprovando a narrativa sobre a união dos filhos oriundos das duas famílias, ou seja, a partir das referidas uniões matrimoniais,

³³ No momento da entrevista, somente balançava a cabeça, pois não fala mais e mantém-se numa cama por causa de problemas de saúde. Esta senhora possui mais de 80 anos de idade.

nasceram filhos, netos, bisnetos e, também, juntaram-se os agregados, formando a família de Vicentes.

Outro filho de Vicente Baldino, Manoel, mudou-se para Tocantins ainda jovem e neste Estado constitui sua família. As filhas Anita e Izabel residiram por muitos anos em São Paulo, não tiveram filhos e por lá foram sepultadas. Pudemos verificar que alguns dos filhos de Vicente Baldino não compuseram sua família em Vicentes. Na verdade, a família ampliou-se e ultrapassou as fronteiras territoriais onde deu início a história do ancestral Vicente.

Há, hoje em dia, muitos descendentes situados no outro lado da fronteira, ou seja, vivem em outros territórios cujos valores, modos de vida, influências culturais, distanciaram ou deixaram de pertencer ao território primeiro. Claro que muitos vão e depois retornam; outros, ainda que distantes, procuram manter contato, até porque a ideia de pertencer a um dado grupo social ultrapassa as barreiras limitadoras de uma área geográfica qualquer, ainda mais em se tratando de uma sociedade moderna com a nossa na qual as formas de mobilidade e de comunicação estão cada vez mais rápidas. Entretanto houve clivagens na família cimentadas pelo tempo de afastamento, pelas uniões matrimoniais em novos contextos e por várias oportunidades de trabalho e renda oferecidas em outras cidades.

Quantitativamente, houve uma considerável diminuição dos habitantes da Comunidade, pois, segundo consta no relatório da antropóloga Sheila Brasileiro, em outubro de 2012 havia entre 150 a 200 pessoas residindo em Vicentes; e em 2015, soma-se uma média de 80 habitantes. Nas palavras de Bertulina: “Aqui é pouquinha gente! Era tanta gente antes que não cabia nesse campo!”

Mas e quem ficou em Vicentes e continua a experimentar a rotina do lugar, interagindo com os seus pares, família, amigos e visitantes? De quais atividades se ocupam para sobrevivência e entretenimento? Conforme da interlocutora Fabiana:

F: A rotina [...] dos homens é: eles vão pra roça e para a pescaria. E cadê o peixe?! Não tem. Peixe não tem. Até o rio tá secando! Eles colocam a rede, tudo raso, raseou, encheu de croa³⁴. Aí não tem mais nada [...] A maioria de nós aqui só vive mode³⁵ esse bolsa-família.

Percebi um misto de conformismo e paradoxalmente de denúncia neste discurso. Parece tratar-se de certa fadiga da vida experimentada, pois, de acordo com

³⁴ Termo muito usado na região para designar uma grande quantidade de areia disposta num dado lugar.

³⁵ Expressão comumente usada por falantes da área rural que significa: por causa, devido.

BOSI, Ecléa, (2003, p.155), “na raiz da compreensão da vida do povo está a fadiga. Não há compreensão possível do espaço e do tempo do trabalhador manual se a fadiga não tiver presente e a fome e a sede que dela nascem”. No momento da entrevista, Fabiana fez uma pausa para reflexão quando perguntei sobre a rotina do lugar, sugerindo que considera de pouca importância as atividades realizadas cotidianamente, devido à escassez de oportunidades e dos recursos ecológicos disponíveis.

Mesmo postura e ponto de vista, aparecem nas falas dos interlocutores Nilda e Albertino respectivamente:

N: O que eu faço aqui é limpar a casa, varro o terreiro, só isso [...]

Ent: E seu Marido?

N: Ele, às vezes, é mais pescando [...] Hoje mesmo já saiu de manhãzinha, acho que quando já chegou, foi pra ali.

A: Eu mesmo aqui só vou ali na ilha olhar uns bichos que eu tenho e às vezes vou ali no Rumo [...] só! E molhar ali e pescar, só o que a gente faz!

Figura 13 – O plantio na roça



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Indivíduos cuidando da plantação de mandioca e feijão.

Já Maria de Teté analisa as diferenças existentes entre o passado e o presente na Comunidade, referindo-se às mudanças positivas, no caso da instalação da água encanada, e às mudanças negativas, correspondentes, especialmente, ao comportamento de crianças e jovens, destituídos, segunda ela, de determinados valores morais:

M: Aqui mudou muito! Que de primeiro a gente [...] de primeiro, aqui não tinha água, agora tem água, dentro de casa, né?! Todo mundo ia pro rio, mas se chegasse numa comparação, a gente tava aqui, vamos supor, que nem eu que tinha meus meninos pequenos, naquele tempo, e dissesse: -Ei, fulano, ói, seu menino tava no rio! – O quê?! Quem pegar lá, pode dar uma surra! Todo mundo tinha medo dos mais velhos. Agora, esses meninos de agora, não tem medo de nada! De primeiro, qual era essa pessoa que xingava ninguém! Ninguém xingava! Era tudo com respeito! Agora, é tudo aí pelo mundo [...] Ninguém liga, ninguém fala pra [...] De primeiro, ave-maria, minha irmã!

Ent: A senhora gosta daqui?!

M: Gosto, eu gosto daqui! Porque não tem jeito, né, não?! Eu gosto, porque aqui é muito tranquilo. Agora, porque assim não se compara com a cidade [...] É tudo tranquilo aqui! De vez em quando aqui aparece um engraçadinho aí, alguma coisa [...] É assim mesmo!

A falta de respeito dos mais jovens para com os mais velhos, conforme cita Maria de Teté, parece não existir na relação dos adultos com os idosos, pois na maioria das vezes, observei que se cumprimentam usando expressões como: fique com Deus! Deus te dê uma boa sorte! Deus te dê uma sorte feliz! Deus seja louvado! E é comum vê-se a apresentação de gestos com as mãos que representem, por exemplo, o sinal da cruz, comumente utilizado em ritos católicos.

O dia começa cedo em Vicentes. Entre quatro e cinco da manhã, já se vê alguns homens da Comunidade saírem de casa para a labuta nas roças, para cuidar das pequenas criações de animais ou para pescarem no rio. A maior parte das mulheres fica em casa cuidando dos filhos, dos afazeres domésticos, dos animais e das plantas frutíferas em seus quintais, com exceção de algumas delas que também realizam o trabalho de capina na roça, pescam, aram a terra para o plantio e colhem os produtos agrícolas.

Observei, nas visitas à Vicentes, algumas mulheres tecendo redes de pesca, a exemplo de Sônia. Informalmente, quando iniciamos uma conversa, ela me disse que além de tecer redes, sai ainda de madrugada para pescar com seu marido, Albertino. Do mesmo modo, cuida da casa, dos netos e das pequenas plantações e animais numa área cercada ao fundo da casa. Ela também disse fazer sabão artesanal e, quando é necessário, planta em uma ilha localizada do outro lado do rio: “As condições são difíceis, mas a gente se vira como pode”.

Figura 14 - A criação de caprinos



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Criatório de caprinos pertencente à Bertulina.

Lena, com mais de 50 anos, viúva e neta de Maria da Caixa, disse-me que, mesmo possuindo uma casa em São Paulo e todos os seus filhos estarem morando naquela metrópole, sente-se imensamente feliz em Vicentes, pois quando está em sua roça, planta melancia, abóbora, feijão, e, também, capina o mato e ara a terra. Na maioria das vezes, sai de casa com o nascer do sol, munida de um facão na cintura em direção à sua roça e acredita fazer este trabalho melhor e com mais força do que muitos homens do lugar.

L: Aí eu pego o facão e boto na cintura e vou [...] Agora, lá tem os matos aí, por causa de algum bichinho [...]

Ent: A senhora vai capinando, é?

L: Capino, depois eu [...]

Ent: Capinando até onde?

L: Lá naquele pezinho de manga. [Aponta para uma mangueira do roçado] Aquele ali?

Ent: É, aquele lá!

L: Sozinha, isso tudo?!

Ent: Sim, aí planto. No tempo, tem as mandiocas, as abóboras, as melancias [...] aí eu tiro, dou pra as pessoas. Ôxe, faço melhor do que muito homem daqui!

Lena mostrou-me os coqueiros, goiabeiras e cajueiros de seu roçado que de tão grande chega até as m

argens do Rio São Francisco. Há claramente uma relação de pertencimento territorial. Apesar de passarem por diversas dificuldades como a falta ou escassez de programas de educação e saúde de qualidade, bem como de oportunidades de

emprego, as pessoas de Vicente possuem sentimentos de afetividade com a sua terra, suas origens e família.

Bertulina também evidenciou para mim a sua satisfação em estar no seu roçado plantando, colhendo e cuidando dos animais. Diz não dar oportunidade ao cansaço e aos problemas de saúde comuns em sua idade, pois é gratificante trabalhar com a terra, plantar e depois poder colher os frutos deste trabalho.

Muitos produtos da alimentação diária desses moradores são aqueles plantados por eles, principalmente a mandioca, batata, abóbora, o feijão, milho, maxixe e a melancia. Criam galinhas, porcos, caprinos e ovinos também utilizados nesta alimentação. No entanto, mensalmente, as famílias necessitam acionar os carros que realizam o transporte coletivo em direção à sede de Xique-Xique para retirar o benefício do bolsa-família ou os aposentados vão retirar seus proventos. Nestas ocasiões, eles aproveitam para realizar compras de diversos produtos para alimentação, limpeza e outras necessidades. Geralmente compram os produtos em grande quantidade para evitar a ida regular à sede. Por vezes, aproveitam esses momentos para realizarem consultas em clínicas médicas ou para resolver problemas pessoais.

Figura 15 - Mulheres da Comunidade na labuta na labuta na roça



Fonte: Foto da autora. Vicente, 2014. À esquerda, Lena apresenta o seu quintal, e na imagem à direita, Bertulina colhe o feijão de corda.

A rotina dos adolescentes no período de férias entre dezembro, janeiro e fevereiro resume-se, basicamente, em circular pelo lugar de bicicleta ou motocicleta; jogar bola no campo local ao final da tarde; reunir-se nas portas das residências para

conversar ou ouvir música; ajudar os pais nas atividades da roça e na pesca, assistir televisão ou ainda jogar sinuca no único barzinho da Comunidade.

Como pude verificar no mês de junho, pelas manhãs, a movimentação de pessoas é menor, especialmente nos períodos de muita ventania e poeira circulando pelo lugar. Nestas ocasiões, muitos então preferem fechar suas residências e recolherem-se em seus afazeres domésticos.

Figura 16 - Tarde de ventania



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Manhã de muita ventania e poeira no mês de junho.

O campo de futebol local é simples, composto de muita areia e rodeado de mata nativa, mas bastante espaçoso, atendendo tanto às crianças, como rapazes e as mulheres para a realização de partidas de futebol. Há um time de futebol formado por jovens rapazes da Comunidade que participam anualmente de campeonatos organizados com jovens dos demais povoados da região. Segundo informações dos moradores, já chegaram a vencer alguns desses campeonatos, recebendo prêmios em dinheiro destinado a produção de pequenas festas.

Observei, principalmente, no período de férias escolares, muitos encontros de grupos de jovens que passam horas conversando em frente a algumas casas e ouvindo música em som alto, como acontece em muitos outros lugares, de grandes à pequenas cidades brasileiras.

Já as crianças, quando não estão na escola, brincam e correm pela comunidade geralmente descalças, jogam bola à tarde no campo de futebol, tomam banho no rio, caçam passarinhos, entram nos quintais das residências para brincarem, sem pedir

licença aos donos, até porque conhecem a todos, assistem televisão, pois há antenas parabólicas³⁶ instaladas nas casas. Não obstante, percebi que ficam muito mais na rua brincando do que assistindo televisão.

Figura 17 - Lazer em Vicentes



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Crianças e mulheres da Comunidade jogando bola no campo local ao final da tarde.

Observei que o uso da tevê é mais comum entre os adultos e alguns adolescentes, e o uso do aparelho celular é reduzido, até porque para se conseguir obter o sinal para a realização de ligações comuns, é necessário fazê-las em alguns espaços específicos do lugar, sendo que muitos ainda usam o único telefone público disposto próximo a escola local. Não identifiquei o uso da internet pelo celular e não há nem mesmo um computador no Povoado. Entretanto, não constatei qualquer resistência dos moradores quanto ao uso de aparelhos tecnológicos, pois ouvi a reclamação de alguns a respeito da qualidade do sinal das antenas de tevê e o interesse dos representantes da associação de moradores em obter um computador para uso coletivo, principalmente para uso dos estudantes. Todavia, falta dinheiro, segundo eles, para a compra do objeto.

Nas noites de lua cheia é comum as pessoas permanecerem por mais tempo a frente de suas residências conversando ou ainda andando a pé entre as comunidades vizinhas aproveitando a claridade da lua, pois a iluminação através da energia elétrica é ruim, acontecendo o mesmo no povoado do Juremal. Mas muitos parecem não se

³⁶ Todas as casas em Vicentes possuem essas antenas. No entanto, os aparelhos não funcionam muito bem, pois as imagens das televisões são ruins.

intimidar em circular em de motocicletas, a pé ou em bicicletas nas noites menos claras, apesar dos comentários sobre os roubos ocorridos atualmente na estrada local.

Figura 18 - Noite na Comunidade



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015.

Ainda que a rotina diária dos moradores de Vicentes aconteça com aparente tranquilidade, há, como em qualquer outra localidade, conflitos familiares, festas, barulhos provocados por alguns sujeitos alcoolizados, algumas brigas entre adolescentes e as constantes visitas daqueles de fora da Comunidade. Estes acontecimentos causam burburinhos e maior movimentação entre as pessoas pelas residências locais, porque todos moram muito próximos uns dos outros.

2 REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E RELIGIOSAS

Deus vos salve, senhor Santo Antônio.

Por sua feliz grandeza. Resplandece no seu trono. Dentro da nossa Igreja.

Analisaremos a Trezena de Santo Antônio que acontece anualmente na Comunidade dos Vicentes, e, neste contexto, a prática do samba de roda e da roda de São Gonçalo, bem como as demais atividades religiosas praticadas. A grande maioria dos moradores desta Comunidade é católica e utiliza os espaços da igreja local para *performatizar* as referidas manifestações em períodos específicos do ano.

Nessa Trezena, percebi um maior envolvimento do grupo nos momentos do samba de roda e da roda de São Gonçalo, podendo até mesmo afirmar que estes são “momentos extasiantes” para o grupo, visto que, quando estas atividades começam, todos os presentes, integram-se de alguma maneira e com notável alegria. Independentemente de haver uma parcela menor de adolescentes e crianças atuando no samba de roda, estes permanecem em grande número dentro da igreja assistindo a *performance* dos dançarinos.

Ao vivenciar as etapas da organização da Trezena de Santo Antônio, constatei determinadas dinâmicas de convivência dos moradores nestes dias: as trocas de objetos (fôrmas de bolos) e ingredientes para feitura dos bolos, o envolvimento com a atividade de pedir esmola realizada em nome do Santo padroeiro nas residências de comunidades circunvizinhas; a arrumação diária da Igreja pelos mais jovens; a movimentação que acontece com a chegada dos parentes de outros povoados ou de outras cidades para participarem da festa, a atuação dos responsáveis pela organização das treze noites, a celebração religiosa, a apresentação da dança de São Gonçalo à frente da igreja e a do samba, dentro da igreja, o momento da distribuição de comidas e bebidas. Enfim buscar-se-á apresentar tanto a celebração religiosa e profana, assim como as atividades que são realizadas para que esse evento aconteça todos os anos.

A maioria dos habitantes desta Comunidade, como muitos sertanejos nordestinos, é adepta ao catolicismo, havendo uma pequena igreja - consagrada a Santo Antônio - onde acontecem as celebrações religiosas quando das raras visitas dos padres, sendo que muitos dos ritos católicos são conduzidos pela própria população local. Aliás, o espaço da igreja da Comunidade é utilizado para a realização dos rituais religiosos e, também, para promover atividades da Associação de

Moradores Local e de outros eventos, a exemplo do samba roda e de comemorações festivas diversas. Bertulina justifica a escolha do grupo em dançar o samba dentro da igreja:

B: A gente canta a toada ali, canta e depois a pessoa bate na caixa, aí cala né? É o bатуque né?! É cantando toda vida, toda vida e o povo dançando, dançando, dançando sempre dentro da igreja. Tem lugar que eles assim fazem do lado de fora. Aqui a gente sempre canta dentro da igreja, porque ali fora tem muita poeira [...]

Informalmente, Bertulina confidenciou-me a ocorrência de alguns comentários negativos provenientes de indivíduos de outras comunidades sobre o costume das pessoas de Vicentes de usar o vinho para confraternização dentro da igreja. Mas ela procura sempre justificar este costume, alegando o uso moderado e a representação simbólica do vinho enquanto bebida utilizada em alguns ritos da igreja católica. Inclusive, ela pede para que estas pessoas se retirem do ambiente, quando se excedem com a bebida.

Ainda pensando neste universo de práticas religiosas e culturais, abordaremos a respeito de determinadas crenças populares usadas pelos quilombolas no seu cotidiano para buscar saúde e bem-estar, como a utilização de plantas para fins medicinais, as práticas de benzimento ainda existentes para cuidar de males mais comuns das pessoas. Buscar-se-á também discutir como estes percebem a eficácia dos tratamentos de saúde que lhes são oferecidos pelos serviços médicos do Estado.

Relatos dos moradores do povoado dos Vicentes, bem como fotografias do lugar e divulgação de notícias pela mídia da região e pelos órgãos do Estado envolvidos no processo de legitimação da identidade quilombola da Comunidade, serão analisados como fontes testemunhais do contexto em foco. Não perdendo de vista, portanto, que as imagens expressam uma força a respeito da sua validação e reconhecimento nas sociedades.

As imagens são experiências sensoriais e emotivas do ser humano, provocando sensações múltiplas, pois segundo Pesavento (2008), são mentais pelo fato de serem fruto da percepção que nos conduz a processos cognitivos de reconhecimento, identificação, classificação e atribuição de significados e constituem-se a partir de desejos, conflitos e experiências diversas, produzindo a memória social dos grupos, importante para a compreensão de sua história e reconhecimento identitário.

2.1 O CICLO DE FESTAS LOCAL

Enquanto pesquisadora imaginava identificar em Vicentes, no primeiro momento da pesquisa, práticas religiosas como o candomblé ou a umbanda, por serem popularmente conhecidas como representativas da cultura negra, mas na verdade, a Comunidade possui uma relevante relação com as crenças tradicionais do catolicismo e desenvolve suas atividades culturais como o samba de roda e a roda de São Gonçalo, como acontecem em outras comunidades rurais do nordeste brasileiro.

É deveras compreensível a relação deste grupo com o catolicismo, em decorrência da origem e constituição histórica dos fundadores do lugar. Assim, de um modo geral, acredito que cada uma das comunidades negras rurais no Brasil, a exemplo de Vicentes, possui suas especificidades culturais e religiosas que foram sendo construídas e ressignificadas ao longo dos anos de acordo com suas demandas econômicas, sociais, afetivas, organizacionais enquanto grupo. Sob esta perspectiva, não se deve perder de vista que o acesso à mídia e as novas ferramentas tecnológicas da sociedade contemporânea também têm promovido influências e mudanças nas dinâmicas socioculturais dos indivíduos destas Comunidades.

Determinadas danças e ritmos, como o samba de roda, o lundu, os batuques em geral, fazem também parte deste conjunto de práticas de influências africanas na cultura brasileira utilizadas, especialmente, nos discursos políticos da militância negra. Mas concordando com Patrícia Pinho (2004) de que cultura e política são interpenetrantes e interdependentes e que buscam transformar, dentre outras coisas, a ordem hegemônica vigente, é necessário para os grupos quilombolas valorizarem e reafirmarem a herança histórica dos elementos africanos presentes em suas formas culturais como elemento importante para afirmação identitária, constituindo estratégia de luta e enfrentamento contra o preconceito racial e a pouca visibilidade no contexto social e político do nosso país.

Ao visitar as comunidades vizinhas a Vicentes, Juremal, Marreca, Rumo, o Distrito de Nova Iguira e a Comunidade rural de Vacaria, próxima ao Rumo, verifiquei que em todas estas há uma igreja católica situada geralmente na área central do lugar

onde anualmente acontecem os festejos dedicados aos santos padroeiros³⁷ quando, segundo relatos, há uma grande movimentação de pessoas em seus contextos.

E quando estive acompanhando um grupo de pessoas de Vicentes na Comunidade do Rumo e da Vacaria para a realização do pedido de esmola ao Santo Antônio, em junho de 2015, percebi que há muitos adeptos de outras religiões como especialmente as “evangélicas”, pois quando o referido grupo perguntava ao dono da casa se podia entrar para cantar em nome do Santo e passar a bandeira pelos cômodos, alguns não aceitavam, e o grupo imediatamente justificava a negativa, alegando tratar-se de um “crente”³⁸. Em Vicentes, há apenas uma senhora evangélica. O restante dos indivíduos define-se católico.

Figura 19 - Pedido de esmola para Santo Antônio



Fonte: Foto da autora. Rumo, 2015. Grupo de pessoas de Vicentes em visita ao Povoado do Rumo para a realização do pedido de esmola em nome do Santo Antônio.

Segundo Antonacci (2014), influxos desde o século XVIII dos missionários católicos nos sertões como pregadores das Santas Missões (grupos de padres de diferentes ordens religiosas e nacionalidades que percorreram os sertões nordestinos), principalmente em regiões carentes de párocos e acompanhamento

³⁷ Padroeiro do Juremal - Nossa Senhora; Padroeiro da Marreca - São José; Padroeiro do Rumo - São Francisco. Padroeiro de Nova Iguira.

³⁸ Termo popularmente usado nestas áreas para quem é evangélico.

assíduo de membros do clero, ainda são parte significativa do universo social e religioso destas pequenas comunidades, sendo o cruzeiro fincado à frente das igrejas a representação material imagética da fé católica. No Vale do São Francisco, essas missões pertenciam primeiramente às ordens dos Jesuítas, depois vieram a dos capuchinhos, franceses, italianos que se instalaram na região com o objetivo de transformar aldeamentos indígenas em comunidades cristãs³⁹.

A Trezena de Santo Antônio, no mês de junho, festividade dedicada ao Santo Padroeiro de Vicentes, é um grande acontecimento na vida da Comunidade, pois além de se realizar e pagar promessas, todos têm a oportunidade de participar ou assistir a roda de São Gonçalo e o samba de roda, proporcionando, portanto, momentos de lazer, encontro e confraternização, como também de reafirmação de valores e costumes do grupo.

A história de devoção ao Santo Antônio começou com os primeiros habitantes do lugar, especificamente através de Joventina Pereira da Cruz e, assim, foi se firmando até os dias atuais, segundo indica Bertulina:

Ent: Por que o padroeiro daqui é Santo Antônio? Como começou esta festa aqui?

B: Nem sabe mesmo dizer como foi que Santo Antônio chegou aqui. Foram eles que trouxeram. Foi. Que eles... que disse que esse velho, que ele era de lá pro lado do Pernambuco, que disse que era de Pajeú da Flor, né?! Então quando eles já vieram, já trouxeram Santo Antônio.

Ent: Quando a senhora chegou aqui, já tinha o Santo Antônio?

B: Vixe, valeime⁴⁰!!! [Ênfase na voz] Quando eu cheguei aqui, o Vicente e nem a Joventina não eram mais vivos!

Ent: E já era Santo Antônio, o padroeiro?

B: Toda vida! Começou com Santo Antônio, toda vida! E a velha [...] essa velha tinha uma fé tão grande, que o povo [...]

Ent: Que velha?

B: A Joventina, a dona, a primeira.

Com as missões religiosas que adentraram o Vale do São Francisco, ligadas à Província de Santo Antônio do Brasil, entre 1679 e 1863, constituiu-se na cidade pernambucana de Pajeú da Flor, cidade natal de Joventina, o Santo Antônio como padroeiro da referida cidade. Esta senhora então leva para Vicentes a fé no Santo,

³⁹ De acordo com Gabriela Martins (1998), apesar da intenção dos missionários em proteger os indígenas dos grandes proprietários de gado que adentravam as matas para utilizá-las como pastagens, terminaram por estabelecer o aldeamento compulsório em missões. E muitos indígenas acuraram-se para áreas mais afastadas do Rio São Francisco, em decorrência desses fatores. MARTINS, Gabriela. O Povoamento Pré histórico do Vale do São Francisco (Brasil). *Clio Arqueológica*, n 13 - UFPE. Pernambuco: 1998.

⁴⁰ Interjeição popular usada nessas áreas rurais para designar surpresa, susto, admiração.

iniciando os festejos da trezena no mês junho. Após o falecimento de Joventina, outras mulheres assumem a direção da festa: primeiramente foi Rosa, irmã de Maria da Caixa, depois esta última acaba assumindo o posto que, em seguida, passa para Bertulina, conforme depoimento a seguir:

B: Eu cheguei em 67 [...] E elas já faziam a Trezena. Maria e a finada Rosa, que era a irmã dela. Aí depois a Rosa morreu. Aí Maria era mais devagar, né?! Aí eu comecei [...] Comecei a organizar [...] Fiquei organizando, organizando e até que chegou que a igreja era pequenininha, aí vamos lutar pra fazer a igreja maior. Então, deram uma ajuda [...] que a freira tava dando os parabéns pra gente, da benfeitoria da igreja que [...] o tempo que ela andava por aqui era pequenininha, quando chegou. Aí ela ficou admirada e tava agradecendo nós, dizendo que a gente tinha lutado e tinha alcançado. Até pediu também que o povo ajudasse a comprar mais banco para a igreja mais banco para a igreja [...] Quando eles fossem fazer uma promessa, aí eles fizessem assim [...] de dar uma coisa melhor: era um banco, ajudar a pagar a luz, dando esses presentes.

A Construção da igreja de Vicentes e os melhoramentos realizados em sua estrutura interna e externa, no decorrer dos anos, acompanham, em boa parte, a própria história da organização da trezena, devido aos valores econômicos arrecadados com a festa. Observei que entre a trezena de 2014 e 2015, houve melhorias na estrutura física da igreja. Os organizadores da festa disseram-me que como não recebem auxílio da paróquia de Xique-Xique no sentido de investir nessas melhorias, buscam alternativas para isto. Para tanto, a ida nas comunidades circunvizinhas para pedir esmola ao Santo⁴¹, tem ajudado significativamente, pois as pessoas, além de doarem alimentos que servem para organizar cestas básicas a serem sorteadas ao final da trezena entre as famílias de Vicentes, doam também dinheiro cuja finalidade, segundo os organizadores da festa, é para a compra de diversos materiais necessários para a igreja.

Os indivíduos tanto de Vicentes, como das comunidades vizinhas, demonstraram respeito e fé ao Santo Antônio, pois alguns emocionavam-se com os cantos e com a passagem da bandeira em seus lares pelo grupo encarregado de pedir a esmola, realizando, muitas das vezes, suas súplicas em voz alta. Esta fé sedimentada ao longo do tempo trouxe conforto e alegrias para alguns na realização dos seus

⁴¹ No pedido de esmola ao Santo, um dos participantes do grupo entra com a bandeira na casa da pessoa, enquanto uma delas toca o pandeiro e todos cantam os versos ao Santo. A bandeira com a imagem do Santo é então entregue ao morador que a passa por todos os cômodos da casa, ocorre o agradecimento entre os envolvidos e a uma sacola com o pedido da esmola é então passado.

desejos, como nos contou Bertulina, ao rememorar a fé de Joventina no Santo, bem como a sua própria crença com as benesses alcançadas a partir desta relação:

B: Que ela [Joventina] dizia assim, diz que o povo perdia qualquer coisa, um gado sumia. Que agora não, porque agora quando some, já sabe que foi o ladrão que pegou. Mas de primeiro [...] é! De primeiro desertava! Pois o povo vinha aí, ela fazia a promessa de Santo Antônio, fazia o pedido e era certinho. Achava, voltava. E uma vez eu fiz foi com doze cabeças de ovelhas nossa que sumiu, que criava assim solto, sumiu. Passou três meses sem aparecer e loiô, meu marido rodava esse mundo todo de Rumo, Vacaria, nesse mundo, pra lá pra cima e nada! Aí eu fiz a promessa [...] e fiz o pedido a Santo Antônio e fiz uma promessa as almas, a Santo Expedito. Todo dia eu fazia a promessa: que se minhas ovelhas aparecessem, eu rezava um ano! Todo dia rezava o pai nosso, todo dia. Tinha dia que eu rezava de manhã, outros dias rezava meio-dia, outros dias, rezava de noite. A hora que eu lembrava, eu rezava! Aí teve uma festa lá em cima no Porto, aí eu fui. Aí meu marido falando, disse que quando foi de tarde, essas ovelhas vieram assim, uma adiante e outra atrás; uma adiante [...] as onze cabeças, vem todas onze. Os cabritos que saíram deste tamaninho assim [mostrando com as mãos], já estavam tudo os carneiros, só foi pra vender! Parece como quem tava era presa [...] Aquelas ovelhas estavam numa roça de pasto. Eu acredito! Aí não sei como, nem como não, elas saíram e vieram embora, vieram. Aí quando eu cheguei de lá, aí meu marido, neste tempo, não tinha telefone, aí disse assim: - Ei, Bitu, nossas ovelhas apareceram. - Apareceram quantas? - Apareceram onze. Deixe que no dia que elas saíram daqui, elas foram dormir lá no Juremal. Aí os cabritos, as ovelhas saíram e eles não viram, ficou. Lá ficou lá, aí berrando lá. Aí uma mulher chegou, pegou o cabritinho, aí pôs lá na roça junto com as ovelhas dela. Aí ela disse: - Esse cabrito é do povo dos Vicentes! Aí tinha um filho que é doido, foi lá, ela disse: - Ô meu filho, vai pegar as ovelhas lá! Ele foi. Quando chegou lá, apanhou as ovelhas, acho que o cabrito não viu, ficou lá na roça. Aí saiu berrando, berrando, berrando. Aí, a mulher, tinha uma cacimba, o bichinho caiu dentro da cacimba, morreu afogado! Lá na casa dela. Então eram doze com esse. Aí as onze vieram e o outro, ela depois ela falou pra nós. Por isso que eu digo, que foi de antiga data [...] a chegada de Santo Antônio. E aqui era um festejo. Aqui era muita gente, muita gente mesmo! Quando eu cheguei aqui!

Bertulina demonstrou significativo entusiasmo ao narrar o referido fato. Entre gestos, alternâncias vocais e pausas, o corpo buscava transpor para o presente, através do ato de rememoração, imagens do passado ainda vívidas que mais pareciam ter acontecido há pouco tempo. Se, de acordo com Bosi (2013, p.19), “podemos colher enorme quantidade de informações factuais, mas o que importa é delas emergir uma visão de mundo”, é possível considerar que a visão de mundo de muitas dessas pessoas, representada na voz de Bertulina, é a crença no sobrenatural para a realização dos seus desejos e o encontro de soluções para os problemas diários, sendo esta opção de importante valor para quem dela acredita.

Na trezena, em cada uma das treze noites, no momento da celebração religiosa, cantos são entoados e leituras de textos listados para cada noite são executadas pelos presentes, na sua maioria por mulheres. Mesmo havendo a relação

dos “noiteiros”, ou seja, as pessoas responsáveis pela organização de cada noite, Bertulina é quem conduz a celebração. Na verdade, alguns desses “noiteiros” preferem soltar os fogos ou levar e distribuir os alimentos ao final da festa, a realizar leituras dos textos religiosos ou entoar os cantos.

Figura 20 - A igreja



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Ornamentação da igreja para a Trezena de junho de 2015.

Percebi notadamente que os cantos entoados na Igreja demonstram, geralmente, intensa fé e que adultos, adolescentes e até mesmo crianças sabem cantá-los, despreocupados em seguir a ordem dos versos descritos através dos papéis impressos. Ao final da parte religiosa, o som das palmas e do instrumento caixa proporciona vibração ao se cantar em aclamação ao Santo.

Promessas são feitas, bem como agradecimentos pelas graças alcançadas, sendo notória a fé dispensada ao Santo, pois algumas pessoas se emocionam, choram, aplaudem e cantam fervorosamente os cantos, não arredando o pé da igreja enquanto todo o ritual da novena não termine. Outros se posicionam no local onde são postas as velas e continuam concentrados em orações pedindo ou agradecendo ao Santo.

Figura 21 - Louvor ao Santo



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2014. Momento final da celebração religiosa em dedicação ao Santo Antônio na Trezena de junho de 2014.

Após a etapa de dedicação das orações e cantos ao Santo, a cada noite da Trezena, as pessoas se dirigem até o espaço à frente da igreja para *performatizar* a roda de São Gonçalo e, depois, retornam à igreja para dançar o samba de roda. Geralmente Bertulina em companhia de Gilberto e, às vezes, Bertulina juntamente com outro morador da Comunidade ficam na direção de ambas as danças.

Neste momento em que as pessoas dirigem-se até à frente da igreja para *performatizar* a roda de São Gonçalo, seguem todas juntas, cantando para Santo Antônio e carregando nas mãos ramos de flores até o cruzeiro localizado à frente da igreja. E quando inicia-se a roda de São Gonçalo, os dirigentes da performance, voltam-se para o interior da igreja e pedem licença aos santos, especialmente a Santo Antônio. Em várias etapas da roda, repetem o movimento deste pedido de licença.

A Dança de São Gonçalo é uma cerimônia coreográfico-religiosa de origem portuguesa que é realizada em louvor de São Gonçalo do Amarante. Esta dança é coreografada em roda, sendo que sua realização destina-se, especialmente, no pagamento de promessas ao Santo e difundiu-se por muitas cidades brasileiras,

tomando características de cada região⁴². Em Vicentes, a dança é apresentada somente no período da trezena de Santo Antônio, após a celebração religiosa, como uma das maneiras de homenagear os santos da igreja, especialmente o Santo Antônio.

Figura 22 - A roda de São Gonçalo



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2014. Gilberto e Bertulina comandam a roda de São Gonçalo, pedindo licença aos santos a cada reinício da roda.

Na realização da roda de São Gonçalo em Vicentes, observei que as mulheres, crianças, homens, adolescentes, primeiramente organizam-se em círculo em torno do cruzeiro e, depois, formam-se em pares em duas filas, cantando, batendo palmas, alternando diversas vezes de lugar e acompanhando o ritmo das músicas através do som do pandeiro e do instrumento caixa⁴³. Dona Bertulina descreve como se dá esta apresentação:

B: Ali a gente roda, aí faz troca no meio, depois toca em cruz: um troca, outro troca pra um lado; o outro troca pra outro, vai trocando [...] um dum lado, outro do outro. Depois aquela é a roda viva. Aí tem aquela fila só trançando assim. Aí depois tem a derradeira que é de fechar a roda, trocar todo mundo. Tem que todo mundo passar ali pra trocar.

⁴² Disponível em < <http://www.curtadoc.tv/curta/cultura-popular/danca-sao-gonçalo/> Acesso em 15. Fev.2016.

⁴³ Tambor feito de madeira ou metal recoberto de membranas em ambas as extremidades. Pode apresentar uma esteira de metal colocada em contato com a membrana inferior, que vibra quando a membrana superior é tocada por uma ou duas baquetas de madeira. É utilizado nas baterias de escola de samba, nas bandas de pífanos e outros grupos musicais populares. Disponível em < <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 29 de out. 2015.

Aqueles que não participam da roda de São Gonçalo, aglomeram-se na calçada da igreja, sentam-se em cadeiras ou mantêm-se de pé observando a performance do grupo. E entre gestos, voz, ritmo, o corpo *performatiza* e simboliza os anseios, angústias, contam histórias, atualizam velhas esperanças, reexperimentam os ritos de fé sedimentados ao longo de anos, reafirmam identidades, reativam quadros de memória construída no social necessária a continuidade do grupo no seu processo de diferenciação com outros grupos. É neste movimento que possivelmente se dá de maneira positiva a coesão social do grupo da qual trata Halbwachs (1968) apud Pollak (1989), quando a comunidade produz relação de afetividade, reforçada através da memória comum.

Figura 23 - A roda



Fonte. Foto da autora. Vicentes, 2014. Início da roda de São Gonçalo na Trezena.

E, assim, voltando-se para o cruzeiro, símbolo imagético das missões católicas nessas terras cuja representação expressa vida e morte, os moradores de Vicentes iniciam a sua apresentação carregando ramos de flores nas mãos para saudar ao Santo Gonçalo e, também, pedir licença para suplicar suas necessidades, suas dores e suas conquistas.

Sob esta perspectiva, Antonacci (2014) afirma que a partir da introdução das missões nos sertões, grande parte da vida desta população está sustentada pela

representação mística da cruz numa perspectiva penitencial, fortalecida pelos sofrimentos e privações da realidade social dos indivíduos.

Figura 24 - Performance na roda



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2014. As pessoas enfileiram-se na roda de São Gonçalo para trocar de lugar com seus pares.

Em meio ao som dos instrumentos, o barulho dos fogos, as risadas de alguns na *performance* e as conversas dos mais velhos ensinando os passos aos mais jovens, são entoados versos cujo conteúdo canta o cotidiano dos sujeitos destas áreas rurais, como o contato com elementos da natureza, a relação com os amores, a fé católica, evocando e realizando pedidos aos santos. Vejamos trechos destes cantos:

É filho de Deus amém, [bis]
pai, filho e espírito santo
pai, filho e espírito santo, ai, ai, ai.

Lelê disse ontem, [bis]
Hoje tornou a dizer.
Hoje tornou a dizer, ai, ai, ai

Lelê, sua promessa, [bis]
trate logo de fazer,
trate logo de fazer ai, ai, ai.

Na casa da laranjeira, [bis]
enverdece e bota flor,
enverdece e bota flor, ai, ai, ai.

Lelê, Santo Antônio, chegou hoje,

chegou hoje da Bahia,
chegou hoje da Bahia, ai ai,ai.

Lelê, ele é padroeiro,
Feito uma rosa brilhando,
feito uma rosa brilhando, ai, ai, ai.

Lelê, passarinho canta. [bis]
pra aleluia do senhor,
pra aleluia do senhor, ai, ai, ai.

Valei-me, meu Santo Antônio, [bis]
Abençoe meu bem,
abençoe, meu bem, ai, ai, ai.

Lelê, sabiá cantando,
é senhor do Bonfim,
é a Senhor do Bonfim, ai, ai, ai.

Lelê, eu vou me embora, [bis]
por amor a lua cheia,
por amor a lua cheia, ai, ai, ai.

E, mais ao final da roda, o Santo Gonçalo é aclamado com muita animação pelo grupo:

Roda viva, roda viva, dê louvor a São Gonçalo!
Protetor dos violeiros, [bis]
[...]
Em cima daquela mesa tem uma velinha acesa.
Uma é de São Gonçalo, a outra é de Santa Tereza!

A roda é viva talvez por que simbolize os anseios das pessoas em reafirmar sua pertença ao território, sua história, suas identidades, seus valores e crenças. Os movimentos inicialmente mais lentos da troca de lugares entre os pares na roda de São Gonçalo, dão lugar, ao final do ato, a uma maior rapidez, onde os poucos que permanecem, geralmente os adultos, correm uns entre os outros, apresentando sempre muita atenção aos movimentos em *performance*. Neste sentido, o momento da corrida na dança simboliza o instante apoteótico, pois não há quem não vibre com este final, em palmas, gritos, risos e animação.

A roda de São Gonçalo é também *performatizada* em outros povoados de Xique-Xique, como no Mato Grosso⁴⁴, mas há diferenças, porque neste último há maior investimento financeiro na produção e ornamentação da prática, como o uso de

⁴⁴ Povoado localizado mais próximo à Juremal.

grandes fitas e arcos e de determinadas roupas confeccionadas, especialmente, para o ato, diferentemente do que acontece em Vicentes.

B: Ali qualquer um dança assim, mas se tiver os dançadores, os dançadores [...] No Mato Grosso, eles tem os arcos. Eles quando vem, quando chama [...] mas é uma despesa horrorosa! Ali tem que pagar.

Figura 25 - Euforia na dança



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Momento em que os participantes da roda realizam movimentos rápidos entre os seus pares, provocando o levantamento de poeira no ambiente na Trezena.

Não pudemos verificar se há diferenças na apresentação da roda de São Gonçalo de ambas as comunidades, como por exemplo, a letra dos versos cantados, o ritmo musical, até por que não é essa a proposta deste trabalho. A cultura popular é viva e dinâmica e obviamente que diferenças existirão, porque são constitutivas das identidades dos grupos.

Há certa harmonia nos passos, gestos e entoar dos cantos entre os participantes desta roda em Vicentes. Assim podemos sugerir significativo envolvimento com esta prática, inclusive as crianças com menos idade observam com atenção aos adultos, procurando imitá-los. Todavia não se sabe se essas crianças de hoje notadamente animadas com a manifestação, darão continuidade ao evento no futuro, não - somente pelas influências e dinâmicas das inovações do mundo globalizado, mas também, pelo possível afastamento dos rituais do catolicismo popular em detrimento de outras escolhas religiosas ou culturais. Bertulina enfatizou

em entrevista, que possivelmente não acontecerá mais este festejo, quando ela não puder dirigi-lo.

B: Aí tem essa coisinha aí, porque eu vou ali. Na hora que eu digo assim, acabou, acabou mesmo! Aí todo sábado reza o ofício [...] todo sábado. Mas seu eu sair daqui um ano, um ano ninguém reza [...] num reza de jeito nenhum! Aí na hora que diz: "Bitu chegou!". Ôxe, esse sábado vai ter reza!

Bertulina simboliza a continuação de práticas em consonância com as "tradições", e os mais jovens, ainda que acatem e manifestem interesse por estas práticas, apresentam menor envolvimento, talvez "por que estes declarem não uma identidade primordial, mas uma escolha de posição no grupo ao qual desejam ser associados" (Hall, p.67. 2003). Diferenças entre gerações são parte constitutiva no interior de qualquer grupo, bem como, diferenças de gênero, religião, dentre outras. Desta forma, não acreditamos ser possível identificar no grupo de Vicentes uma unidade dos posicionamentos dos sujeitos diante dos elementos culturais e religiosos praticados.

Na trezena, quando termina a roda de são Gonçalo, todos adentram a igreja e iniciam o samba de roda e, em seguida é feita breve pausa para o lanche. As pessoas são servidas usualmente com bolos, biscoitos, pipoca, refrigerantes - a tubaína - e um tipo de vinho adocicado popularmente conhecido no comércio popular brasileiro. Sob esta perspectiva, constatamos que a culinária com dendê, tipicamente divulgada na mídia e no setor turístico da Bahia como uma das representações da cultura negra, não é utilizada e muito menos conhecida em Vicentes. Talvez esta questão de oferecer bolos e refrigerantes esteja ligada aos costumes da população de Xique-Xique e região, pois é comum em momentos festivos, vermos as pessoas serem servidas, principalmente, com bolos e refrigerantes.

A confecção dos bolos envolve bastante as mulheres da Comunidade, pois na medida em que elas seguem para as residências umas das outras, trocam não somente as fôrmas de bolo e os ingredientes, mas principalmente experiências, porque umas ensinam às outras a melhor maneira de fazer a iguaria; aproveitam também para conversarem sobre variados assuntos, principalmente sobre a festa, sobre os visitantes e a possibilidade de corrigir os erros cometidos na noite anterior.

Aqueles que residem em São Paulo e pedem aos seus parentes para anotarem seus nomes na lista de noiteiros, enviam dinheiro para a produção dos alimentos e para a compra de velas na realização dos pedidos e agradecimentos. Geralmente as

mães ou irmãs desses indivíduos cumprem a ação de representá-los e mantém contato sobre como foram estes momentos.

A igreja da Comunidade torna-se neste contexto de celebração um espaço dinâmico e multifacetado, pois as pessoas sambam, comem e bebem no seu interior. Quando se decide terminar a festividade, todos se recolhem para seus lares e somente continuam a festa na noite seguinte. Neste sentido, eles compartilham experiências, expectativas e valores, através das letras das músicas do samba, da dança, do ato de celebrar sua fé.

Figura 26 - Jovens na igreja



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Momento em que as crianças e adolescentes aguardam para serem servidas com os lanches da festa na Trezena.

A procissão em homenagem ao Santo Antônio acontece no último dia da trezena, em 13 de junho, no dia de aniversário do Santo, quando a maior parte dos visitantes oriundos de comunidades vizinhas se faz presente. Todos os anos, nesta data, o padre da paróquia de Xique-Xique celebra uma missa. É um acontecimento bastante aguardado em Vicentes, pois são muitos que acompanham a procissão ou ficam aguardando a sua passagem pelo lugar. Os fogos são doados pelos devotos do Santo e as muitas caixas dispostas na igreja são utilizadas para anunciar e convocar as pessoas a participarem das comemorações do período.

Esta procissão geralmente é realizada em um percurso curto, pois segue por uma única rua e também por uma área próxima ao campo de futebol local, composto por muita areia e poucas árvores. Em seguida, todos retornam à igreja, aplaudindo o Santo e aclamando o “Salve Santo Antônio! Salve!”

Alguns visitantes partem de próximas ou longínquas comunidades para fazerem ou pagarem suas promessas na Igreja de Vicentes. É um festejo bastante conhecido em toda a região. Uma senhora e sua filha do Distrito de Nova Iguira afirmaram-me, informalmente que participam todos os anos da procissão.

Figura 27 - A Procissão de Santo Antônio



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2014. Imagem da chegada do Santo à Igreja, após a procissão para Santo Antônio no período da Trezena.

A sobrinha da interlocutora Lena, disse-me que participa sempre das festas religiosas de Vicentes e, geralmente, passa parte do ano em Vicentes cuidando da avó e a outra, em sua residência em um povoado da cidade de Barra: “Não consigo ficar muito tempo longe daqui. Tem meus parentes, minha vó, já velhinha. Eu gosto daqui, mesmo tendo uma casa lá para o outro lado do rio!” Já sua tia Lena também admite gostar da festa: “Não perco essa trezena por nada! Passo um período em São Paulo, mas não deixo de estar aqui nessa época. É muito animado!”

Há outros eventos católicos praticados em Vicentes, como a reunião de algumas mulheres aos sábados para rezar o ofício de Nossa Senhora. Bertulina

reclama da pouca participação de pessoas da Comunidade neste evento, mas possui esperanças de que a situação atual mude.

Em seis de janeiro, são realizadas orações na igreja em homenagem aos Santos Reis. Celebram, do mesmo modo, a quaresma conforme depoimento de Bertulina:

B: Todo ano, aí vem a quaresma. A quaresma a gente começa dia de quarta-feira de cinzas, vai até domingo de páscoa [...] rezando o terço e esses benditos. Aí quando é dia de segunda-feira, a gente reza o ofício das almas e dia de sábado, o ofício de Nossa Senhora [...] e terça, quarta, quinta e sexta a gente reza o terço. Cada dia a gente reza um bendito. Quando é na semana Santa, nós vamos alimentar [...] o povo chama assim [...] nós vamos alimentar as almas e a gente vai rezar aí na estrada com a cruz e a luz e a matraca. E tem a matraca, que é de bater. Então ali é um sinal [...] aí as pessoas ficam pedindo os pai-nosso pra aquelas alma que morreu disso, que morreu daquilo; morreu perdido, outros que morreram do coração, morreram sem a luz de Deus. E a gente que tá aqui no pé da cruz, vai todo mundo rezando o pai nosso que aquela pessoa tá pedindo, né?! Aí todo mundo vai rezando. Aí quando é quarta-feira tem a procissão de Nossa Senhora das Dores, na quinta-feira tem os lava-pés; sexta feira tem a celebração da palavra Aí a gente apresenta, faz uma apresentação; tem o ministro, tem o primeiro leitor, o segundo leitor e tem o grupo. Então aí a gente faz uma apresentação na sexta-feira. Depois tem a adoração da cruz e aí quando termina a adoração da cruz, a gente faz a procissão com o senhor morto pregado na cruz. Aí de noite tem alimentação, vem o pessoal e tem os penitentes que vem se cortar, né?! Aí quando é no sábado, tem a vigília, a gente pega um bocado de gravetinho de pau, faz uma fogueira e cada um pega um pauzinho daquele pra jogar no fogo. Diz que ali é pra queimar os pecados. [risos].

Percebemos a existência de interligações entre os ritos não mais desempenhados pela Igreja Católica com ritos ainda oficialmente praticados. O ato penitencial encontra-se no primeiro caso, já o lava-pés e a procissão com a imagem do Senhor Morto está no segundo caso. Possivelmente, essas práticas foram sendo ressignificadas ao longo dos anos na Comunidade, ou seja, dados elementos foram sendo introduzidos e outros desprezados, à medida que novas lideranças entraram em cena na produção dessas atividades, a exemplo de Bertulina que afirma ter trazido como também levado aprendizados católicos de Vicentes para sua comunidade de origem, o Povoado do Capricho, situado no outro lado do rio, pertencente à cidade de Barra.

B: Porque eu já ganhei aquela rotina, aquele costume da casa de minha mãe, da casa de minha madrinha. Já comecei, quando entrei na escola [...] Ela era muito devota, aí ela me colocou no catecismo. Depois me crismaram e aí eu fiquei nisso. Quando eu cheguei aqui [...] meu povo lá no Capricho não tinha esse negócio de festejo, essa coisas assim! Aí depois eu cheguei lá, todo mundo rezava a quaresma e todo sábado é que a gente rezava e tinha três festejos: de São Sebastião, janeiro; São João, em junho e São Miguel em

setembro. Tinha esses três festejos. Quando eu cheguei aqui, continuei fazendo a mesma coisa.

- Que trouxe de lá, que aprendeu lá?

- Aprendi lá, desde menina que eu comecei a frequentar a igreja católica [...]

Indivíduos de Vicentes e de outras localidades da região reúnem-se na sexta-feira Santa na Comunidade de Vicentes para marcarem seus corpos, renovando a cada ano, por exatamente um período de sete anos, o ato de flagelar-se para salvação da alma, rememorizando o ato do Cristo em sacrificar-se pela humanidade. A salvação das almas no rito penitencial tem um significativo valor, tanto para as almas de pessoas vivas, como a de mortas, pois, segundo a interlocutora, estas almas necessitam ser “alimentadas”, ou seja, tomadas por orações e cantos a elas destinadas para encontrarem esta salvação divina.

E é desta forma que homens e mulheres saem de Vicentes à noite para percorrem um longo espaço da estrada entre Vicentes e Juremal onde ficam fixadas sete cruces - cada uma representando às sete paradas de Cristo em direção ao calvário da cruz – seguindo por uma estrada iluminada pelas velas que carregam ou, muitas vezes, pela presença da lua, rezando e cantando ao som da matraca⁴⁵ e acompanhado de um grupo de homens, dispostos um pouco mais atrás, munidos de objetos cortantes (navalhas, lâminas de aço) e cobertos de capas brancas flagelando-se em favor da moral penitencial. Os depoimentos revelam que as pessoas procuram observar discretamente os penitentes para não atrapalharem a concentração exercida no rito penitencial destes, contudo segundo Bertulina, boa parte dos presentes participa desta atividade muito mais por curiosidade do que por fé ao ato.

Conforme Cariry (1982) apud Antonacci (2014) a prática de homens pertencentes às camadas populares do campo de se reunir para o ato penitencial é comum desde o século XVII no Nordeste do Brasil, remontando às atividades de flagelação praticadas na Igreja Medieval, assemelhando-se aos movimentos também experimentados por grupos sociais da Europa. Entretanto Antonacci (2014) acredita que esta prática no Brasil remonta mais especificamente ao período inicial da colonização aqui implantada por ordens religiosas da Igreja Ibérica.

⁴⁵ Instrumento de percussão feito em madeira, com uma ou mais tábuas, que se deslocam, percutindo a própria prancha onde estão presas, quando o instrumento oscila. A matraca produz um rumor seco, persistente. CASCUDO, Câmara da Luís. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ª. Ed. Global Editora, São Paulo: 2000.

Figura 28 - A fé



Fonte: Foto da autora. Jurema - Vicentes, 2015. Uma das cruzes que ficam afixadas na estrada entre Vicentes e Juremal, e que são usadas no evento penitencial.

A Comunidade de Vicentes também se reúne em 12 de outubro para celebrar Nossa Senhora e, na ocasião, organizam uma festa para as crianças. Da mesma forma, celebram o Natal, estruturando lapinhas⁴⁶ no interior da igreja e fazendo autos de natal por dez noites. A cada uma dessas noites os autos são direcionados para a lapinha pertencente a uma dada família do lugar.

⁴⁶ Denominação popular do Pastoril, com a diferença de ser representada a série de pequeninos autos diante do presépio. CASCUDO, Câmara da Luís. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ª. Ed. Global Editora, São Paulo: 2000.

2.2 O SAMBA DE RODA

Em Vicentes, a realização do samba de roda sempre se constituiu uma prática cultural exercida por seus moradores desde muito antes do reconhecimento étnico quilombola. Esta manifestação acontece em períodos específicos do ano sempre em comemoração de encerramento dos festejos católicos, como na Trezena de Santo Antônio, em junho; na celebração do Santo Reis, em janeiro e, também, no natal.

Figura 29 - O samba na igreja



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015.

As pessoas da Comunidade têm demonstrado interesse em ampliar a execução do samba de roda para outras festividades católicas. Na minha primeira visita, em 2014, Bertulina citou-me informalmente que o samba de roda era dançado basicamente na trezena de Santo Antônio e, algumas vezes, após o término da celebração dos autos de natal em dezembro. Contudo, na segunda visita, em 2015, informou-me que dançaram o samba de roda também na celebração do Santo Reis em janeiro e estavam decididos a dançar na próxima comemoração de Nossa Senhora em outubro do referido ano. Provavelmente, o reconhecimento étnico adquirido pela Comunidade tenha influenciado no sentido dos seus moradores ampliarem tal prática, reforçando a sua importância, pois os antropólogos envolvidos no processo a

consideraram como sinal diacrítico para a diferenciação identitária. Mas é importante salientar que o grupo tem manifestado essa prática dentro dos parâmetros de seu cotidiano.

O samba de roda de Vicentes não é *performatizado* com àquelas indumentárias tipicamente usadas em rituais do candomblé ou em atividades turísticas tais como às vistas no Recôncavo Baiano onde mulheres utilizam saias rodadas e coloridas. As pessoas vestem-se de forma comum. Eles inclinam o corpo para um dos lados, rodopiam e balançam sutilmente os braços e quadris e pisam forte no chão, sendo que um dos dançarinos faz um solo no centro da roda e, após sua apresentação, toca rapidamente em um dos participantes para que este também se apresente no meio da roda. Os formadores da roda sambam no interior da igreja ao som dos instrumentos caixa e pandeiro.

O corpo traduz através da força emitida na produção dos sons das palmas e dos pés em contato com o chão de cimento, muita energia e alegria com o evento, contagiando todos os presentes. Nitidamente, percebemos o quanto a música e a dança estão intimamente imbricadas na composição do ato performático. As letras das músicas parecem apresentar pouca importância, interessando, na verdade, o ritmo, elemento envolvente e produtor de sentidos, conforme atesta Raymond Williams apud Muniz Sodré (1998: p.20):

Do que já sabemos, parece claro que o ritmo é uma maneira de transmitir uma descrição de experiência de tal modo que a experiência é recriada na pessoa que a recebe não simplesmente como uma abstração ou emoção, mas como um efeito físico sobre o organismo – no sangue, na respiração, nos padrões físicos do cérebro – um meio de transmitir nossa experiência de modo tão poderoso que a experiência pode ser literalmente vivida por outros.

Percebi no momento da síncopa do samba significativa animação, pois os sons produzidos pelo corpo são reforçados com a descontinuação do ritmo da música. Assim, “a síncopa é a batida que falta. É a ausência no compasso da marcação de um tempo (fraco) que, no entanto, repercute noutra mais forte” (Sodré, 1998, p. 20). Ainda para este autor, o samba, bem como o jazz são originários de ritmos africanos, e a síncopa do samba dançado pelos negros do sistema escravocrata brasileiro constituiu-

se uma tática de falsa submissão: o negro acatava o sistema tonal europeu, mas ao mesmo tempo desestabilizava, ritmicamente, através da síncopa, (Sodré 1998, p.25). Sendo estes elementos musicais influências dos ritmos africanos trazidos pelos negros que aqui aportaram, acreditamos que sejam usados de forma dinâmica por estarem em contato com outros ritmos. Não podemos pensar em congelamentos culturais, mas sim em ressignificações, readaptações, confluências rítmicas em solo brasileiro.

Figura 30 - Sambando na roda.



Fonte: Foto da atuora. Vicentes, 2014. No centro da roda, está Lena.

Em Vicentes, as mulheres são maioria na roda de samba, inclusive as idosas não deixam de dançar, apesar de possuírem certas limitações nos movimentos. Observei um número maior de mulheres participando da roda em 2015 do que em 2014, assim como um número maior de adolescentes. E aquelas mulheres que participavam da roda com seus filhos pequenos, demonstravam satisfação em vê os pequenos aprendendo os passos, no ritmo da música.

Maria da Caixa, com seus cem anos de idade, na época da pesquisa, não participava mais dos festejos da Trezena e do samba de roda na igreja. No entanto, por sua residência estar localizada bem à frente da igreja, ela ficava sentada numa cadeira entre a porta e a calçada, observando toda a movimentação da festa. Com

voz pausada e trêmula, ela me contou com entusiasmo sobre a atividade de tocar o instrumento caixa por longos anos:

M: Eu andava com a caixa [...] desde os 18 anos [...] Pra cima e pra baixo! Lá no Mato Grosso e nas ilhas lá do outro lado do rio! [...] Batendo a caixa. Aí, quando tinha viola, a gente colocava também.
Ent: A senhora aprendeu com quem a tocar a caixa?
M: Meu pai era tocador de berimbau [...] Meu pai era. [risos]
Ent: O povo chamava a senhora?
M: Pra cima e pra baixo [...]
Ent: A senhora não vai na igreja mais não?!
M: Eu não! Tenho medo de levar uma queda!

E quando comento com Bertulina sobre o entusiasmo de Maria da Caixa ao observar de casa a festa, ela me confirma o quão Maria fica feliz nestes eventos:

Ent: Eu vi que já eram onze horas e ela ainda estava lá observando a festa.
B: Ali, ó, o povo fica sambando e ela, [bateu palmas] batendo palma, filha de Deus! Tava! Eu tava de lá e compadre Manuel disse assim: Olha pra Maria! [...] Mandou um copo de vinho pra ela! Ela ainda bebe. Ela bebe um vinhozinho. Ela não bebe é cachaça, mas um vinhozinho ela bebe! Tinha dia que as meninas riam, ela batendo a caixa e eu, vinhozinho nela! Tinha dia que sai trocando... [risos]
Ent: De tanto que bebia [...]
B: Mas agora ela não sabe de nada!

Ao bater palmas quando o samba estava acontecendo, Maria da Caixa parecia simular as batidas emitidas pelo instrumento que ela tocou por muitos anos. Provavelmente, estas experiências ainda estejam bastante vivas em sua memória. “É o tempo vivo da memória” - parafraseando Ecléa Bosi - pois este não cessa com o passar dos anos e não se entrega às armadilhas das impedições apresentados pelo corpo em função da idade ou pelo cansaço advindo da monotonia do cotidiano ou até mesmo pela influência tecnológica do mundo moderno.

Já o número de homens na participação do samba de roda é menor e aqueles, ainda na fase da adolescência intimidam-se em dançar ao centro da roda, apenas arriscam-se a bater palmas e acompanhar a *performance* dos demais.

Figura 31 - Os homens no samba



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2014.

Os poucos homens no meio da roda são aqueles com mais de 40 anos, no entanto, não deixam de ser menos expressivos nos passos da dança do que as mulheres. Inclusive alguns causam significativa euforia no público com a força aplicada aos pés e com os movimentos realizados pelo corpo. Na verdade, a maioria dos homens da Comunidade prefere ficar apenas assistindo a roda de samba, ou de dentro da igreja, ou ainda dispostos por entre as janelas do referido espaço. Poucos são aqueles que permanecem dispersos e alheios a este momento.

É evidente o envolvimento geral dos moradores com a festa, até porque este acontecimento é, sem dúvida, o mais esperado do ano na Comunidade, devido, dentre outros fatores, ao aumento e à movimentação de um maior número de pessoas circulando pelo lugar. Vários grupos de moradores aproveitam a agitação então existente e aglomeram-se nas calçadas para conversar com os visitantes, compondo um ambiente bem diferente do habitual. Bertulina disse-me que o samba de roda de Vicentes é o melhor da região e alguns curiosos visitam o Povoado para aprender como se dança o samba para então poderem realizar esta prática em suas comunidades.

B: Você viu?! Umas pessoas da Marreca tavam filmando nós dançando o samba de roda. Eles querem aprender para fazerem o mesmo por lá também, porque na Marreca não tem samba de roda na Trezena do padroeiro de lá.

O samba de roda ainda acontece em alguns bairros e povoados do Município, segundo informações de uma das representantes do Conselho de Cultura de Xique-Xique, também pesquisadora e incentivadora das tradições populares locais, Giselda Meira⁴⁷ que enfatiza a prática do samba de roda enquanto influência da cultura dos escravos e de seus descendentes na região:

G: A Comunidade de São Pedro no bairro dos Paramelos é o celeiro de nossa cultura xiquexiquense.

Ent: E lá tem samba de roda?

G: Ô, o mais forte da região é o de lá! Pedrinhas tem, mas é morto! É [...] Ponta da Ilha que também é forte, mas Ponta da Ilha prevalece a música na cultura daqui. Prevalece a música. Lá é a veia musical. Todos os cantores bons nascem ou moram lá. É quem mora tem uma veia musical boa. E lá também tem samba, tem reisado. Mas São Pedro é dez em tudo! E você comparando com a Champrona [...]

Ent: A Champrona é uma ilha?

G: É. Uma ilha. Você comparando a Champrona, com a Utinga. Todas as comunidades que você [...] E quando tem qualquer apresentação de São Pedro, o pessoal da Champrona vem apresentar. E você percebe que são todos assim, descendentes de negros.

Giselda já acompanhou o samba de roda em Vicentes e afirmou a importância tanto desta Comunidade, bem como de outras da cidade, de continuarem desenvolvendo a referida prática, no sentido de valorizarem e de se autoafirmarem como sujeitos negros conscientes da sua história, valores e cultura, mesmo com a falta de apoio do poder público e do governo local em incentivá-los neste processo.

⁴⁷ É coordenadora e pesquisadora do grupo Samba de Roda Pisada do Bairro dos Paramelos e trabalha nos finais de semana com o referido grupo desde 2009.

2.3 CRENÇAS E BUSCA PELA SAÚDE E BEM ESTAR

Existem práticas de prevenção e cura de doenças em Vicentes nas quais as pessoas se apropriam de princípios ativos das plantas e de seus rituais de preparação, bem como de evocações dos espíritos dos mortos e de ritos de “benzedura” ainda vigentes e bastante respeitados e utilizados, especialmente pelas mulheres adultas e idosas, tanto para o tratamento de doenças, como para a melhoria das suas condições de vida na relação com seus pares.

As concepções de saúde e doença diferem entre as culturas, do Ocidente ao Oriente, no interior dos países e Estados - Nação, entretanto algumas destas concepções se relacionam na medida em que o ser humano, na tentativa de se precaver e tratar os males que afetem o seu bem-estar em sociedade se apropria de variados saberes e crenças que os afastem dos perigos materiais e/ou espirituais.

Parafraseando Paulo Granjo (2009), “processos de domesticação da incerteza” praticados pelo ser humano, em culturas diversas, são acionadas porque na medida em que os homens são atingidos por conflitos oriundos da sua atuação no social, seja de ordem espiritual ou material, sentem a necessidade de gerir as causalidades de tais conflitos. Acrescentaria, entretanto, que esta necessidade humana da qual Granjo denomina de “combate a humilhação da incerteza” explica-se, porque o homem ao não aceitar a dependência em face de algo - que não compreende - busca estabelecer um forma de relativo domínio sobre isto. As relações de poder constituem as relações dos homens entre si e destes com os fatos pouco compreendidos.

A concepção de saúde como ausência de doença, diagnóstico, tratamento e cura para debelar a enfermidade do corpo, passa a ser compreendida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) com a alteração, no século XX, do texto-base de definição de saúde, como perfeito bem estar físico, mental e social do ser humano⁴⁸. Desta forma, a saúde está correlacionada ao processo social da relação dos homens entre si e destes com a natureza. Marco Segre e Fávio Ferraz (1997), apresentam objeções à definição de Saúde da OMS, considerando-a irreal porque

⁴⁸ MINISTÉRIO DA SAÚDE – *Portal da Saúde*. Disponível em <http://www.saude.gov.br>. Acesso em 27 jan. 2015.

aludi ao "perfeito bem-estar", colocando uma utopia por não ser possível caracterizar uma situação de perfeição.

De forma ampla, a compreensão dos moradores de Vicentes sobre saúde parece estar mais próxima ao que a medicina ocidental preconizou por muito tempo como um estado natural do homem e a falta deste estado, o gerador do desequilíbrio do corpo - a doença - a qual necessita de diagnóstico, tratamento e cura. No entanto, em Vicentes algumas pessoas também creem que muitos das causas das doenças estejam relacionadas às influências dos espíritos e assim procuram buscar outros tratamentos aliando-os ou não aos tratamentos oferecidos pelos hospitais. Na verdade, dependendo da doença, da maneira pela qual acometeu o doente e a demora na resolução do problema, dá-se a escolha da forma de tratamento que julga mais relevante.

Nesta perspectiva, a partir de entrevista realizada com Sônia, 44 anos, moradora de Vicentes foi constatado que há alguns anos havia no Povoado de Juremal uma senhora chamada Avelina - já falecida - que utilizava práticas de cura em sua casa, através da orientação dos espíritos, como rezas, uso de folhas, auxiliada pelo som dos tambores e palmas dos participantes, no intuito de ajudar a curar especialmente doenças e demais problemas das pessoas. Vejamos o depoimento de Sônia sobre uma situação vivida por sua mãe quando esta necessitou dos cuidados de Avelina:

S: Minha mãe tava bem doente; não levantava mais, tinha muita febre, não queria comer. Nós a levamos lá no hospital do Xique-Xique e ela não melhorou. A família estava preocupada [...] Aí resolvemos levar lá na casa de Avelina [...] Mãe nem acreditava muito nessas coisas, mas a gente levou. Avelina era bem conhecida daqui! O povo acreditava nela. Tirava os espírito das pessoas, dos bêbados [...] era boa! Quando nós chegamos lá, Avelina chamou pelos espíritos e fez uns barulhos e mãe caiu no chão e ficou inconsciente. Aí a mulher falou que era a irmã de mãe que já tinha morrido e que veio para pedir uma missa a mãe, porque ela tava sofrendo que não foi boa mãe e ninguém pediu missa pra ela. Por isso estava junto de mãe [...] Depois [hum] mãe acordou e não se lembrava foi de nada! [...] Mãe ficou boa depois. Mas ela passou o resguardo: tinha que ficar três dias no quarto sem sair, sem tomar banho e só deitada. Nós ajudamos e ela cumpriu o resguardo e ficou boa!

Observa-se neste depoimento que o restabelecimento da saúde da mãe de Sônia aconteceu somente com a descoberta da causa do problema relacionado a "influências espirituais", pois o corpo foi tratado, no entanto somente quando o espírito do morto foi atendido é que se deu a cura. Assim, faltou a tia de Sônia exercer uma

atitude de aspecto moralizante, ou seja, ter sido uma boa mãe quando era viva. Como isto não aconteceu, houve um elemento gerador da ligação com a irmã, conduzindo a consequências negativas. Neste sentido a doença conduziu à reflexão das atitudes a serem exercidas por uma mãe exemplar, necessário ao reconhecimento por parte da família e da comunidade.

A respeito da celebração da missa a ser realizada pelos familiares da doente, há intrinsecamente uma correlação com a influência exercida pelo catolicismo em Vicentes, como acontece em outras comunidades vizinhas, pois grande parte da crença religiosa no nordeste construiu-se em bases católicas, devido à atuação dos missionários católicos, como já foi apontado neste texto.

A manipulação de plantas para o tratamento e cura de doenças ou de sintomas de desarmonia do corpo físico é prática ainda presente no cotidiano de Vicentes. Sônia relatou que familiares e demais moradores a procuram para obter fármacos com propriedades curativas, das mais variadas espécies, plantadas em seu quintal. Em outras residências, também, se planta, mas ela afirma ter um maior número de espécies.

Ela nos mostrou algumas dessas plantas das quais se extraem do caule, raiz, folhas ou frutos, os princípios terapêuticos necessários para o afastamento dos males e doenças:

Quadro 1- Plantas medicinais

Fármaco	Utilização e Propriedades
1- Folhas do picão	Chá para inflamação e dores em geral;
2- Folhas do malvão	Retira-se uma seiva que é usada como anti-inflamatório no pós-operatório;
3- Folhas do alecrim	Chá com os galhos para ser oferecido às crianças com dor de barriga; Mistura-se também o chá dos galhos com o leite materno para se obter uma eficácia maior no tratamento;
4- Folhas de vick	Chá para gripes e resfriados;
5- Folhas do hortelã	Chá para dor de dente;

6- Folhas do melindro	Chá para pressão alta;
7- Folha Santa	Cozinham-se as folhas com tapioca para a dor de barriga;
8- Fruto Romã	Colocam-se as cascas da romã de molho por algum tempo e depois põem-nas na geladeira para depois ser usada nas inflamações e infecções em geral;
9- Folhas da seriguela	Chá para a gripe;
10- Planta babosa	Usa-se a seiva em jejum pela manhã para diversos males, inclusive na prevenção do Câncer e AVC;
11- Raiz doenças da mulher	Usada para banho na prevenção e cura de processos inflamatórios dos órgãos femininos.
12- Folhas de capim santo	Chá calmante.

Fonte: do autor. Vicentes, 2014.

Os nomes atribuídos pela interlocutora para as plantas medicinais obviamente que foram mantidas neste texto. Sabe-se que há nomes científicos para essas plantas e há, também, variações nas denominações desses vegetais de região para região no Brasil, bem como variações a respeito da função dos fármacos no tratamento das doenças. Não nos interessa aqui a compreensão da medicina oficial sobre a eficácia e a propriedade curativa dessas plantas, até por que nossa intenção é caracterizar as crenças e métodos na profilaxia de doenças usados pela Comunidade e o entendimento desses indivíduos a respeito da concepção de saúde.

Figura 32 - As plantas



Fonte. Foto da autora. Vicentes, 2014. No canto direito da imagem, há um jirau onde Sônia expõe suas plantas usadas para tratar alguns males.

Torna-se interessante observar que em Vicentes interligam-se diversos saberes a depender da escolha das pessoas para o debelar das enfermidades: o uso de ervas, a prática de rituais religiosos e de políticas de saúde oferecidas pelo Estado, através de programas do SUS. O manuseio e uso das ervas e de ritos de benzimento representa costumes transmitidos através da família e respeitados pela maioria de seus descendentes, pois, mesmo se ressignificando com o tempo, são ainda relevantes para atender as demandas das pessoas sobre os cuidados com a saúde.

Bertulina contou-me que ainda reza muitos males referentes à dor de cabeça, “mau olhado”, engasgamento de espinha, dor de cabeça. Neste caso, é possível avaliarmos que esse rito é realizado para tratar sintomas corriqueiros. Já em situações de maior gravidade, buscam preferencialmente tratamentos nos serviços médicos de saúde. A prática de rezar as pessoas, ainda de acordo com Bertulina, é utilizada por poucos, geralmente pelos mais velhos. Tais ensinamentos não são transmitidos para qualquer pessoa, pois, não se pode revelar a qualquer indivíduo as rezas aplicadas. Ainda segundo ela, se o doente não acreditar no “benzimento”, não acontecerá a melhora procurada. Assim é necessário construir-se entre paciente e benzedor uma relação de fé e respeito para o sucesso desta empreitada.

Tais experiências de religiosidade são resultado da relação do catolicismo com crenças populares e com linguagens múltiplas representadas no nordeste brasileiro onde o espiritual se mistura às experiências materiais vivenciadas pelas pessoas. Antonnaci (2014), revela a dificuldade de se interpretar experiências de religiosidade no Nordeste pelo cruzamento de traços diversos:

(...) para minimamente darmos conta de experiências de religiosidade que advém do cruzamento de traços do catolicismo ortodoxo – um dentre setores dominantes responsáveis pela introdução de exercícios de leitura, escrita e iconografia no Nordeste -, com rituais populares ou popularizados em região onde a região se desloca de diretrizes oficiais da Igreja Católica e recobre fortes anseios sociais.

E evidente a importância para os habitantes de Vicentes do uso de práticas de cura através das plantas, de rezas e da intervenção dos espíritos dos mortos na manutenção de uma boa saúde. No entanto eles confirmam a preferência do tratamento de saúde oferecido pelo Estado, pois informam que têm percorrido quilômetros à procura de bons serviços de saúde pública: idas recorrentes em Xique-Xique, em Irecê, e, principalmente, ao Estado de São Paulo para a realização de

exames mais complexos. Reclamam das péssimas condições dos hospitais do Município de Xique-Xique e da pouca atenção dispensada pelos poderes públicos da região a eles. O grupo demonstra total descrença no sentido de possíveis melhorias neste sentido.

Sob outra perspectiva, os representantes da saúde do Município informaram - me que o oferecimento da saúde pública para esta área - mesmo merecendo algumas melhorias - é muito bom, pois há programas assistenciais do Governo Federal disponíveis no Posto de Saúde do distrito de Nova Iguaçu⁴⁹, Distrito do qual Vicentes está ligado política e administrativamente. Maria Evangelista, agente de saúde local, informou-me que realiza visitas as famílias de Vicentes e desenvolve um trabalho de assistência composto por observar os possíveis doentes e as necessidades de marcação de consultas médicas no Posto ou de transferências para hospitais; acompanhamento da pressão arterial principalmente de adultos e idosos; auxílio e orientação às gestantes e realização de campanhas de vacinação nas crianças.

Figura 33 - Saúde local



Fonte: Foto da autora. Nova Iguaçu, 2015. Posto de Saúde do Distrito de Nova Iguaçu (Unidade de Saúde Ademilson Figueiredo) que atende aos vários povoados circunvizinhos.

A relação entre os moradores dos povoados da área onde se localiza Vicentes com uma médica cubana recém-chegada, através do Programa “Mais Médicos” do

⁴⁹ Não existem dados específicos sobre o número de pessoas residentes em Vicentes que são atendidas mensalmente neste posto de Nova Iguaçu. Há somente dados gerais sobre os atendimentos realizados mensalmente: 350 pacientes em média.

Governo Federal em 2015, parece cordial segundo depoimentos, pois estes afirmam que são orientados pacientemente por esta profissional sobre os tratamentos que devem seguir. No entanto, reclamam da dificuldade em realizar estas consultas, pois precisam chegar cedo à Nova Iguaçu para conseguir atendimento, e, como a viagem de Vicentes a Nova Iguaçu dura em média quarenta minutos, muitas vezes não conseguem marcar essas consultas, porque os residentes mais próximos do Distrito, chegam primeiro ao Posto de Saúde e, logo, preenchem as vagas existentes. Sem contar que quando necessitam de especialidades como cardiologia, endocrinologia, ortopedia, dentre outras, seguem para São Paulo para serem atendidos pelos serviços de saúde pública daquele Estado. A interlocutora Lena, por exemplo, fala com certa tristeza da necessidade de viajar para São Paulo para poder cuidar da filha com problemas renais:

Ent: A senhora vai quando pra São Paulo?

L: No dia 25 de julho e volto em dezembro.

Ent: E disse que prefere aqui? [risos]

L: Não, porque a menina tá doente, aí eu fico lá, porque ela faz hemodiálise, aí eu não posso ficar muito tempo [...] Se ela tivesse saudável, aí eu ficava aqui, mas [...]

Mas por outro lado, os serviços da Serviço Médico de Emergência (SAMU) oferecidos em Xique-Xique já têm melhorado os casos daqueles residentes nas comunidades rurais que necessitam ser levados para atendimento com urgência nos hospitais deste Município e, nos casos de maior gravidade, para o Município de Irecê⁵⁰. As interlocutoras Maria de Teté e Joana⁵¹ enfatizaram algumas dificuldades encontradas, no passado, na mobilidade das mulheres em trabalho de parto até o hospital de Xique-Xique:

M: Antes a gente viajava na barca [...] Quantas mulheres ganharam nenê dentro das barcas indo pra Xique-Xique?!

Ent: E ficava remando?

M: Não, era de motor! Nesse tempo, já era viagem de motor.

Ent: E hoje em dia?

M: Agora é no carro aí! De primeiro, carro não passava aqui não!

Ent: Tinha parteira aqui?

M: Tinha parteira aí que não sabia de nada!

Ent: A senhora pariu aqui ou em Xique-Xique?

M: Aqui!

⁵⁰ Atualmente, casos de maior gravidade médica ocorrida com os indivíduos de Xique-Xique e outros município da região são direcionados aos hospitais do Município de Irecê, em decorrência do maior e melhor aparato médico para receber os referidos casos.

⁵¹ Esposa de Lielson, um dos netos de Vicente Baldino.

Ent: Mas quem pegava os filhos da senhora?

M: Deus e as mulher. Meu parto de [...] mesmo, eu ganhei numa canoa dessa indo pro Xique-Xique. A gente sofria. A gente passava eram horas de dor. Minha menina mesmo morreu disso, porque passou da hora de nasce. Quando ela nasceu, chega tava toda roxa [...].

Ent: E quando a mulher não tinha passagem?

M: Só vivia mulher morrendo no parto!

J: Minha vó mesmo morreu de parto. A mãe de meu pai e a mãe [...] Outros meninos nasciam e ficava com o resto dentro.

M: Conta aí, da mulher, o caso da mulher da Marreca que apodreceu os ossinhos do menino e saindo pelo buraco!

J: Ela engravidou de dois meninos e aí ela não botou os meninos. Aí ela tinha uma ferida na barriga, aí ela puxava os ossinhos tudo, os ossinhos saíram tudinho, saindo pelo buraco e ela botando num saquinho e levou pra Bom Jesus da Lapa, deixou lá.

M: Fez a promessa! Se ela não morreu pra deixar os ossinhos lá pra Bom Jesus?!

Talvez, as crenças espirituais destes indivíduos para auxiliar nos cuidados com a saúde tenham sido muito mais usuais no passado em decorrência da falta de alternativas de atendimento nos serviços médicos, especialmente por se tratar de uma área rural longínqua dos centros urbanos. Atualmente, ainda com certa carência na oferta dos referidos serviços, as pessoas têm maior probabilidade de tratamento.

Segundo a agente de saúde, Maria Evangelista, as possíveis causas para as ocorrências de doenças mais comuns nas localidades rurais assistidas por ela, como por exemplo Vicentes, são o AVC, o diabetes, problemas cardíacos e o câncer:

M: As pessoas daqui usam muito o sal nos alimentos, gostam de comidas gordurosas; toma muito sol, por isso o câncer de pele. Alguns gostam de usar essas plantas para chás [...] E ainda tem uns que não gostam de ir no posto e nem no hospital [...] um dia, a médica cubana aqui do posto veio visitar um senhor que estava doente, mas ele não quis contar [...] parece que bebe muito e correu da médica. Sem contar esses velhos que têm medo de tomar a vacina dos idosos!

O Estado brasileiro dispõe no Art. 196 da constituição de 1988, “a saúde como direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”. Nesta perspectiva, de acordo com Jurgen Habermas (2002), as constituições modernas baseiam-se no direito racional, propondo garantir a integridade dos sujeitos no nível individual, mas é realmente no âmbito do convívio social que acabam por garantir os direitos a partir das relações de reconhecimento mútuo.

O processo institucional dispõe sobre os direitos, entretanto estes são mediados por diversas instâncias públicas do Governo e, quando chegam a estas comunidades rurais distantes dos grandes centros urbanos, como Vicentes, são insuficientes para atender as demandas dos indivíduos no sentido de promover o seu bem-estar. Estamos considerando, portanto, o bem-estar das pessoas atrelado, pelo menos em dado nível, às políticas sociais do Estado, apesar de compreendermos que a Lei é uma ferramenta social importante, mas que não resolve as questões práticas dos cidadãos.

Muitas questões problemáticas em Vicentes e áreas circunvizinhas a respeito de situações que afetam a saúde, estão intimamente ligadas à relação mantida com os recursos naturais, pois acontecem períodos de extensas secas nesta região gerando consequências negativas na saúde dos indivíduos na medida em que a alimentação torna-se escassa; a colheita dos produtos agrícolas é deficiente para a subsistência; o peixe tem faltado por causa das secas do rio; o capim para alimentar o gado é escasso, e com o gado magro, deixa-se de obter com abundância os produtos deste animal para consumo ou venda entre as comunidades vizinhas.

Figura 34- O abastecimento de água



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Tanque para abastecimento de água presente em uma das residências em Vicentes.

De que forma a proposta da OMS sobre estar-se em saúde a partir de uma relação perfeita ou completa com o meio ambiente pode acontecer em meio à falta de

intervenções adequadas do sistema público nestes casos e a própria conscientização das populações sobre a mudança de comportamento frente às adversidades vivenciadas? Como dito no capítulo anterior, na Comunidade dos Vicentes, a água distribuída aos moradores é retirada de um poço artesiano e conduzida por bombas a um reservatório até chegar aos seus lares sem tratamento adequado e, ainda, muitas dessas pessoas utilizam as águas do rio, sem conhecimento do seu nível de qualidade, para complementar as necessidades diárias.

As pessoas residentes nestas localidades rurais têm buscado meios de estabelecer um ambiente propício para seu bem-estar, apesar das intempéries climáticas, através da crença no trabalho diário de acordar cedo, cuidar dos animais, arar ou colher a terra, pescar, associado à prática de suas crenças religiosas e a segurança adquirida no seio familiar.

Como constatamos, ao longo dos anos, as pessoas utilizam práticas diversas para tratar e eliminar as doenças e encontrar seu bem-estar - através de tratamentos em serviços de saúde, através de plantas, benzimentos, crenças religiosas. Mas, de um modo geral, creditam maior importância na medicina oficial e compreendem a saúde como um estado onde não há a doença no corpo. Provavelmente esse entendimento sobre a saúde tem sido mais significativo nos dias atuais do que há alguns anos atrás, pelo fato das políticas de saúde pública estarem se fixando em áreas rurais do Brasil e também pelo aumento do oferecimento de tratamentos de saúde pelo SUS nas mais variadas especialidades médicas nos centros urbanos.

3 MIGRAÇÃO/ O RETORNO À COMUNIDADE

[...]

Inté mesmo a asa branca bateu asas do sertão

Entoçe eu disse, adeus Rosinha,

Guarda contigo meu coração.

Hoje longe muitas légua,

numa triste solidão.

Espero a chuva cair de novo

Pra mim voltar pro meu sertão. (Luiz Gonzaga)

É comum ouvirmos de moradores das comunidades rurais de Xique-Xique, incluindo especialmente àqueles de Vicentes, comentários sobre a migração dos seus familiares para outras localidades brasileiras, especificamente para o Estado de São Paulo em busca de trabalho e da constituição de bens para garantir a si e à família melhores condições de vida, pois muitos dos que migram, ajudam economicamente quem fica.

Os depoimentos colhidos em Vicentes comprovam que todas as famílias da Comunidade possuem parentes em São Paulo, tanto na capital e região metropolitana, como no interior paulista. Comumente, ouve-se a notícia de que alguém está de viagem marcada para este Estado ou está chegando um parente de São Paulo para passar as férias em Vicentes. A relação dos moradores com a capital Salvador é ínfima, pois somente ouvi o relato de um homem que viaja regularmente para a referida capital, com o auxílio da Secretaria de Saúde do Município, para realizar tratamento de saúde.

Em Vicentes, não há oportunidades de trabalho remunerado, pois o povoado é pequeno e não dispõe nem mesmo de um comércio local, ou seja, para comprar alimentos e demais itens, seus moradores precisam viajar por mais de uma hora até o comércio da sede de Xique-Xique ou se deslocar para o povoado vizinho de Marreca para adquirir alguns itens básicos a exemplo do pão.

As atividades mais comuns praticadas diariamente na Comunidade são: plantar nos pequenos roçados que se formam a partir dos quintais das residências, cuidar da criação de ovinos, caprinos e alguns bovinos; pescar ou, no caso dos homens, realizar

alguns serviços de servente e pedreiro na medida em que estes surgem. Muitos, ao completarem 18 anos, seguem para São Paulo para trabalhar, geralmente, como operários em indústrias e fábricas, vendedores em lojas, em serviços diversos na construção civil ou no setor alimentício.

A maioria, porém, não chega a terminar o Ensino Médio, alegando que, como precisam trabalhar, e não encontram oportunidades no Município de Xique-Xique e região, acabam partindo. Inclusive com o aumento na Comunidade da quantidade de jovens – entre 16 e 18 anos - que se tornam pais ou mães, cresceu, também, a saída destes à procura de emprego e renda nas grandes cidades do país.

Ainda pensando nesta situação da falta de oportunidades em Vicentes a respeito de emprego e renda, é necessário abordarmos o acesso que os seus moradores têm à educação: primeiramente apresentando e analisando o funcionamento da escola do ensino fundamental I situada na Comunidade e, em seguida, como os jovens dão continuidade aos estudos a partir do momento em que avançam para as séries seguintes, referentes ao ensino fundamental II e ao ensino médio. E quando terminam o ensino médio, quais alternativas encontram para continuarem os estudos ou trabalharem no Município?

Os interlocutores entrevistados relatam variadas experiências vivenciadas em São Paulo: alguns afirmam que não se adaptaram à rotina de trabalho, às dificuldades de moradia, à violência, à distância dos familiares e decidiram retornar a Vicentes. Já a maioria, segundo nos informou o interlocutor Albertino, preferiu ficar em São Paulo e não possui nenhum interesse em retornar. Para ele, há uma quantidade significativa de pessoas originárias de Vicentes em São Paulo e que não há como precisar ao certo quantos são ao todo, até pelo fato deste processo de migração não ser recente.

Podem estar ocorrendo possíveis mudanças em Vicentes com essa leva de pessoas que migram para as grandes cidades brasileiras e o seu posterior retorno, ainda que seja apenas para passar curtos períodos de tempo. A música rap e o hip hop, por exemplo, apreciada por muitos jovens constantemente na Comunidade podem ser considerados influências dessas experiências em São Paulo ou então pode apenas está diretamente ligada a influência da mídia. De qualquer forma existem alterações no modo de vida das pessoas, hábitos e outras percepções apreendidas nas metrópoles.

Percebemos que o processo em curso do pleito quilombola é uma luta que não surgiu da influência daqueles que migraram e depois retornaram à Vicentes, ou seja, não chegaram no lugar sujeitos com ideias novas e propostas que pudessem ter auxiliado o grupo a tomar consciência da necessidade de reivindicar a identificação quilombola. Os moradores foram orientados e ajudados por integrantes da Igreja Católica, MPF, políticos locais, como anteriormente citado neste texto.

3.1 ACESSO À EDUCAÇÃO

A escola situada em Vicentes batizada de José Sancho Martins possui uma estrutura física comum as demais localizadas nas comunidades rurais do Município, compondo-se de um prédio pequeno com uma sala de aula, uma cozinha e um banheiro. A única sala de aula deste espaço atende às crianças da Comunidade na Educação Infantil e nas primeiras séries do Fundamental I, ou seja, a turma é multisseriada⁵² e funciona apenas no turno matutino.

Figura 35 - A Escola de Vicentes



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Escola de Ensino Fundamental I na Comunidade.

A fachada desta escola já indica a situação precária de seu funcionamento. Deveria ser uma instituição educativa - na visão principalmente dos moradores - capaz de oferecer em suas instalações maiores e melhores oportunidades para as crianças da Comunidade no acesso à educação formal. Os pais dessas crianças reclamam das condições da unidade e alguns deles afirmaram-me que preferem matricular seus filhos na escola de Juremal por acreditar em uma melhor organização e qualidade desta escola em comparação a de Vicentes.

⁵² Em 2015 foi constatado um aluno do Estágio I da Educação Infantil, e alunos do 1º. ano, 3º. Ano e um do 5º. ano do Ensino Fundamental I.

Outros pais que decidiram manter seus filhos na escola da Comunidade, como é o caso de Nilda Martins, de 29 anos, demonstra certa insatisfação com a qualidade do ensino oferecida aos seus dois filhos:

Ent: Seu filho estuda, Nilda?
N: Estuda [...] todos dois.
Ent: Que série?
N: Ele aqui já tá no segundo ano e ela começou esse ano. [Aponta para Seus filhos]
Ent: Eles estudam na mesma sala, é? De manhã ou de tarde?
N: De manhã. Vão
J: Não, vamos de manhã e chegamos aqui de tarde! [O filho, João Vitor interrompe a mãe e diz isto]
N: Ah, quem me dera que achasse uma professora para ficar com vocês o dia todo!
Ent: Ele tem aprendido sobre muitas coisas?
N: Tá mais ou menos.
Ent: Já escreve o nome?
N: Não!
Ent: Como é o nome dele?
N: João Vitor!
Ent: João Vitor, quem é teu professor?
J: É Márcia! [Fala em tom alto]

Apenas oito crianças estavam matriculadas e frequentando as aulas na referida Escola, em 2015, quando pude visitar o espaço e conversar com os alunos e a professora Márcia⁵³ cuja atuação na localidade é recente, pois ela assumiu este trabalho no início do ano letivo do referido ano. A turma composta por seis meninos e duas meninas dividiam-se entre duas pequenas mesas para a realização de suas atividades escolares.

Como o espaço da escola é pequeno, é comum vermos no intervalo das aulas, após a merenda, os alunos correndo pela Comunidade em direção ao campo de futebol ou circulando pelos quintais das casas onde se juntam para brincar. Para assistirem ao segundo momento da aula, a professora geralmente pede ajuda a alguém próximo para chamá-los a retornar. Em um desses momentos, fui uma das encarregadas de chamar as crianças que estavam brincando a alguns metros da escola. Rapidamente, todos retornaram, ainda eufóricos, à sala de aula.

⁵³ A professora tem acesso a um carro em Xique-Xique às 6:00 com destino às áreas rurais que compõem o Distrito de Nova Iguira, como Vicentes, no qual também outros professores têm acesso para condução até as escolas que lecionam.

Figura 36 – Os alunos em sala de aula



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015.

No ano de 2014, Reilson, um dos moradores da Comunidade, atuou como professor desta escola, mas como não possuía a formação em magistério e não realizou o concurso oferecido pelo Prefeitura, em 2014, foi retirado da função e relocado para outra atividade, a de coordenador do Topa (Programa Todos pela Educação)⁵⁴, passando a atuar em escolas rurais da região, mais distantes de Vicentes, tal como afirma sua esposa, Fabiana:

Ent: Em que seu esposo está trabalhando agora?

F: Ele é coordenador do Topa. É nas escolas à noite, mas só que como aqui nessa região tem uns sete que trabalham de coordenador, ele pegou uns lugares tão longe, uma dificuldade pra ir!

Ent: Onde é?

F: A Ilha da Forquilha. Eu mesmo nem sabia que existia. Na Ilha da Forquilha, fica perto da Barra e também o Capricho. O Capricho é mais perto. E o Povoado de Pesqueiro. E aí são sete professores, os outros ali vão pra pertinho, no Cipó e na Nova Iguira. Na Nova Iguira, tem dois professores. Aí tem a associação do Cipó, tem a Ilha da Forquilha, o Pesqueiro e o Capricho.

Ent: O Capricho é onde?

F: Fica do outro lado do rio.

Ent: Fica na Barra.

F: Não, é emparelhado com Xique-Xique. Mas fica do outro lado do rio, num povoado que tem pra lá.

⁵⁴ Programa criado pelo governo da Bahia em parceria com as prefeituras municipais, universidades públicas e privadas e entidades de movimentos sociais e sindicais que tem como objetivo atender aos jovens acima de 15 anos, adultos e idosos não-alfabetizados para garantir a essas pessoas dignidade e inserção no campo educacional. Disponível em <http://www.sec.ba.gov.br/topa.html>.

Maria Rita, moradora da Comunidade, também trabalhou enquanto professora da modalidade de Educação para Jovens e Adultos no turno noturno na Escola local por muitos anos. Contudo, ressentia-se de não ter continuado o trabalho, desativado pela coordenação da Secretaria de Educação local, que considerou desnecessária a permanência da turma, porque julgava que o número de alunos era reduzido e, além disso, eram as mesmas pessoas frequentando as aulas todos os anos. Provavelmente, a extinção esteja atrelada a projetos políticos de redução de custos ou por que, de forma ampla, as políticas educacionais existentes voltadas aos grupos rurais não são aplicadas como prioridade no Brasil.

Para Maria Rita, a justificativa de desativação da turma não a convenceu, pois havia sim o interesse de alguns sujeitos da Comunidade em continuar frequentando as aulas:

M: Eu já dei aula aqui, 9 anos!
Ent: Eu dou aula no EJA hoje em dia.
M: É.
Ent: Teve turma aqui, foi?
M: Teve.
Ent: Ô que legal! Pra alfabetizar os adultos? Por que acabou?
M: Porque as pessoas [Refere-se à coordenação da secretaria de Educação Local] acabaram [...]
Ent: Você ensinava alfabetização, né? Você alfabetizava [...]
M: Era [...] Já vinha um livrinho! Até hoje ainda tenho os livros.
Ent: Dando aula e acabou?
M: [...] As pessoas sempre iam, mas ela [coordenadora] dizia que era sempre as mesmas pessoas. Mas era assim mesmo! [Demonstrou tristeza]

Desta forma, os moradores da Comunidade não têm sido ouvidos a respeito das decisões tomadas sobre a educação formal oferecida localmente e eles percebem que não há interesse dos poderes públicos em atender as suas necessidades. Segundo Nascimento (2006), as escolas do campo necessitam de políticas públicas que atendam às causas, aos desafios, aos sonhos de suas populações, como por exemplo, a gestão democrática do sistema escolar, ou seja, a participação das comunidades nas decisões e fiscalização dos recursos públicos.

Oferecer melhor educação à população de Vicentes não parece se constituir em prioridade para as gestões municipais nestes anos de existência do povoado, pois Bertulina utilizou por dezesseis anos um pequeno espaço nas dependências de sua residência para dar aulas às crianças e adolescentes da alfabetização até a 4ª série do antigo primário. Enquanto primeira professora da Comunidade, em 1977, possuía apenas a conclusão da antiga 8ª série do Ensino Fundamental II. Já em 2000, a

prefeitura exigiu que Bertulina, bem como outras professoras da zona urbana e rural do Município, a partir da instituição de novas leis sobre a docência escolar no país, realizassem o Ensino Médio. Assim, ela concluiu esta fase praticamente no final de sua atuação no referido cargo.

Segundo depoimentos dos moradores de Vicentes e da própria Bertulina, no período em que deu aulas em sua casa, havia uma quantidade significativa de alunos, em média 35 a 40 alunos dividindo um pequeno espaço onde sentavam-se em cadeiras ou bancos trazidos por eles mesmos de suas residências, pois não havia mobiliário adequado para atender a quantidade de alunos existentes. Segundo informou-me Bertulina, havia alunos de outros povoados próximos, Juremal, Vicentes, Umburanas, que preferiram frequentar as aulas na escola de Vicentes, deixando de frequentar as escolas em suas localidades, porque ela era considerada um boa professora⁵⁵.

Após frequentes pedidos dos moradores, a prefeitura construiu a escola, sendo que Bertulina ainda lecionou nesta por 10 anos. Neste sentido, hoje algumas crianças têm a oportunidade de frequentarem um ambiente para o desenvolvimento de sua aprendizagem, ainda que carentes de uma melhor estrutura escolar, tanto no aspecto físico, como humano. Assim, de acordo com Maria de Teté:

M: A casinha de Bitu era tão pequenininha! Depois, aí foi na política de Magalhães. Aí o povo ficava procurando assim o que era que tava precisando, que o povo tava precisando era de uma escola! [...]. Será que os meninos iam estudar toda vida dentro da casinha de Bitu?! Era tão pequenininha a casinha de Bitu naquele tempo! Aí o povo, aí ele procurou o que povo mais precisava. O povo: - De uma escola para as crianças! Aí foi na primeira política de Magalhães. Aí ele fez a escola.

Anteriormente, a escola dirigida por Bertulina e chamada de São Vicente, em homenagem ao fundador do lugar, passa então a ser denominada de José Sancho Martins, em homenagem ao morador mais antigo no período de sua inauguração, ainda segundo informações da interlocutora Maria de Teté:

M: Aí assunta: Aí a escola daqui era [...] como era, meu Deus?! Escola São Vicente, diz que era com o lugar daqui?! Aí quando deu fé, a diretora incutiu pra botar, o nome da escola, era escola São Vicente, da escola de Bitu, na casa de Bitu. Aí quando veio pra aqui, aí ela disse que tinha que mudar o nome. Tinha que ser a pessoa mais velha de agora, entendeu?! Já de agora. Aí nesse tempo ele era vivo, aí botou o nome Escola José Sancho Martins [...].
Ent: Quem era esse José?

⁵⁵ Bertulina lecionou por 26 anos na Comunidade de Vicentes.

M: Era o pai de Gilberto, aquele velhinho que batia a caixa, de loió, de Bitu. Que loió era irmão de Gilberto, daquele velhinho que bate a caixa.

A mudança do nome da Escola local também não foi fruto da escolha dos moradores e, informalmente, percebi que estes não apoiaram tal decisão, constituindo-se, portanto, apenas uma determinação da Secretaria Municipal de Educação do Município, seguindo às normas internas deste Órgão. Há o reconhecimento por parte dos moradores do desinteresse da gestão local em atender suas demandas e não é diferente com os assuntos educacionais. Entretanto a reação das pessoas no sentido de assumir posicionamentos mais ativos no debate e enfrentamento com as instâncias governamentais responsáveis ainda é tímida. Sob esta perspectiva, é coerente atentarmos para o discurso de Cavalcante (2010):

A população do rural precisa saber da existência de direitos de uma educação que colabore com a formação de seus sujeitos falantes, o diálogo dos poderes federal, estadual e municipal precisa ser alcançado, efetivado, qualificado e produtivo. [...] A sociedade civil precisa reconhecer q luta no campo como uma luta social sem fronteiras.

Muitos dos adultos de hoje originários de Vicentes foram alunos de Bertulina. Conversando com alguns destes, informalmente, disseram-me que o respeito dedicado a ela, até hoje em dia, é em boa parte consequência da sua atuação como professora, pois as famílias sempre a respeitaram e creditaram confiança no seu trabalho.

Figura 37 - As instalações da Escola



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. As duas imagens referem-se à cozinha da Escola.

Quanto à situação dos cômodos da escola, constatamos diversos problemas, como por exemplo, a cozinha não possui uma pia para lavar os objetos usados na preparação da merenda escolar; os alimentos enviados para a feitura da merenda não atende às necessidades, pois falta alguns itens básicos para a sua devida preparação; faltam até mesmo copos suficientes para o uso dos alunos; as instalações do banheiro estão desativadas, assim as crianças precisam ir até suas casas quando necessitam; não há um armário onde possam guardar os livros e demais objetos utilizados nas aulas; faltam materiais básicos para uso, como lápis de cor, papel ofício, piloto para o quadro branco, dentre outras necessidades listadas pela professora Márcia que afirmou-me estar desmotivada com o descaso dado a esta Comunidade que realmente precisa, inadiavelmente, de maior atenção.

O próprio MEC confirma, em seu portal online⁵⁶, que mesmo oferecendo recursos financeiros para auxiliar o bom funcionamento das escolas pertencentes aos territórios quilombolas, têm realizado estudos que comprovam diversos problemas na estrutura e funcionamento dessas unidades pelo país, tais como: escolas distantes das residências dos alunos; escassez de água potável, professores não capacitados e número insuficiente desses profissionais para atender às demandas dos alunos, bem como as instalações inadequadas desses ambientes.

Figura 38 - Precariedade nas instalações



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Na imagem à esquerda vê-se o local onde as crianças têm acesso a água e à direita, o local onde são postos os livros usados nas aulas.

⁵⁶ Disponível em: [www.Http// portal.mec.gov.br/educaçã-quilombola](http://portal.mec.gov.br/educa%C3%A7%C3%A3o-quilombola). Acesso em 20 dez. 2015.

Possivelmente a referida situação se estenda a muitas unidades de ensino das demais áreas rurais brasileiras, pois, de acordo com Nascimento (2006), a legislação brasileira aponta as necessidades de melhoria no oferecimento da educação escolar no campo, no entanto esta conjuntura ainda não mudou na prática. Ele ainda analisa a falta de políticas públicas educacionais voltadas para o campo e estabelece uma reflexão sobre a situação escolar no campo e a migração dos jovens para as grandes cidades do país, o que poderia extinguir paulatinamente o campesinato:

Pode-se a princípio perguntar: Quais são as políticas educacionais, os parâmetros curriculares que estão voltados para a realidade do campo? Os documentos oficiais da legislação educacional brasileira alertam: “Adaptar os conteúdos, os calendários, o material didático às condições de vida do meio rural”. Entretanto, isso não vem sendo respeitado nas entrelinhas.

Figura 39 - Falta de condições básicas de funcionamento da Escola



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. O banheiro da escola e a torneira localizada na entrada onde se retira a água para uso diário.

Sob esta perspectiva, o Guia de Políticas Públicas para comunidades quilombolas referente ao Programa Brasil Quilombola (PBQ) produzido, em 2013, pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e Secretaria de Políticas Públicas para Comunidades Tradicionais do Governo Federal elenca um conjunto de medidas que visam atender a melhoria da educação oferecida nestas unidades escolares, desde a sua construção, ampliação, reforma, através da inclusão das comunidades em diversos Programas, tais como o Plano Nacional do Livro

Didático (PNLD)⁵⁷; Programa de construção e melhoria da escola quilombola; Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)⁵⁸; Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)⁵⁹; Programa Nacional do Campo. Mas é necessário enfatizar que todos esses Programas necessitam do estabelecimento de parcerias do Governo Federal com as secretarias de educação dos estados e, principalmente, com as secretarias de educação dos municípios do país para que, efetivamente, sejam realizadas. Desta forma, se não houver interesse em conjunto dos governos, a difícil situação atual tende a perdurar.

Em Vicentes, fui informada pela professora Márcia de que os alunos utilizam alguns exemplares de livros que sobraram daqueles destinados aos estudantes das demais escolas do Município. Inclusive ela teve dificuldade em encontrar na Secretaria de Educação de Xique-Xique o material didático direcionado a algumas das séries dos seus alunos. Sem contar que os livros não representam os interesses e necessidades dessas crianças, pois priorizam a realidade daqueles residentes em áreas urbanas e não possuem temas e propostas de trabalho voltadas para a reflexão dos elementos históricos e culturais específicos da Comunidade e do seu entorno.

A professora também afirmou que ao questionar sobre a situação de falta de material e estrutura básica para a aplicação das aulas na Secretaria de Educação Municipal, foi informada de que em decorrência da escola de Vicentes possuir um número reduzido de alunos matriculados, há pouco dinheiro oriundo do PDDE, não havendo assim a possibilidade até o momento de quaisquer perspectiva de melhorias no ensino formal oferecido a estas crianças. O MEC afirma em seu portal online que a assistência financeira destinada pelo PDDE às escolas públicas do país são transferidos de acordo com o número de alunos, de acordo com o censo do ano anterior ao do repasse. Entretanto se esta escola está situada num território quilombola, deveria receber as políticas públicas destinadas aos grupos quilombolas.

⁵⁷ Objetiva desenvolver ações voltadas ao fornecimento de livros didáticos específicos para as escolas públicas participantes do Programa. Disponível em: [www.http//portal.mec.gov.br/busca-geral/212-noticias/educacaosuperior](http://portal.mec.gov.br/busca-geral/212-noticias/educacaosuperior). Acesso em 28 dez. 2015.

⁵⁸ Pertencente ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE-MEC). O Programa inaugurou em 1995 uma nova forma de gestão de caráter democrático que busca apoio da comunidade escolar, técnicos, gestores e sociedade para encontrar falhas e deficiências neste processo. Disponível em: (idem)

⁵⁹ Busca garantir, por meio da transferência de recursos financeiros, alimentação escolar dos alunos da educação básica.

Se isto não acontece, é por que, talvez, tais políticas esbarram nos processos burocráticos quando da realização dos repasses financeiros do Governo Federal para o Estadual e Municipal ou por que não se constituem prioridades das prefeituras dos municípios aplicá-las adequadamente no sentido de oferecer condição digna aos sujeitos que delas dependem.

Ainda que a Secretaria de Educação da Bahia apresente algumas ações desenvolvidas e outras em andamento, como a formação da educação escolar quilombola para professores e líderes comunitários iniciada em 2013 e com meta de término em 2015 nos territórios de identidade localizados em diversas cidades baianas, são ações ainda tímidas para atender as inúmeras comunidades certificadas ou em processo final de titulação fundiária existentes no Estado. Essas propostas de mudança e melhoria da educação quilombola na Bahia, acompanha o discurso legal de regulamentação da Educação Quilombola⁶⁰ do ensino básico brasileiro cujo objetivo é garantir a estas escolas uma educação diferenciada para atender as prioridades das referidas populações, o respeito a sua cultura e sua história.

Não há na escola de Vicentes a aplicação de um Projeto Político Pedagógico voltado às especificidades culturais e históricas da Comunidade, inclusive após ter sido reconhecida como quilombola. Se a finalidade da chamada Educação Quilombola, proposta pelo CONAE, é contemplar, através da aplicação de um projeto político-pedagógico nas escolas destas comunidades, uma abordagem de temas e metodologias sobre a história e cultura quilombola, a situação atual de Vicentes está bem distante desta proposta, pois até mesmo a docente atualmente designada para o cargo não foi orientada ou realizou formação específica para atuar na escola local.

Conforme depoimento da professora Márcia, ela tem buscando tratar nas aulas de questões voltadas às propostas de ensino para grupos quilombolas, pois a turma fez algumas reflexões a respeito da história de formação da Comunidade, das suas origens e construção identitária. A proposta pautou-se em refletir sobre a origem do grupo, a questão da identidade quilombola e a condição de ser negro no Brasil. Para tanto, pediu aos alunos das séries mais adiantadas que redigissem um texto sobre a história do lugar. Raí, 11 anos, aluno do 5º. ano, então escreve um texto, com a ajuda de seus pais. A narrativa já amplamente contada pelas pessoas mais velhas do lugar, traz

⁶⁰A Conferência Nacional de Educação (CONAE) realizada em Brasília, 2010, realizou um debate no campo da política educacional. Essa discussão levou à criação/inclusão da educação quilombola como modalidade da educação básica. Informação disponível em www/http://escolas.educacao.ba.gov.br/educacaoescolarquilombola/

algumas informações sobre o percurso de Vicente Baldino até chegar a este Povoado, o preconceito racial sofrido por esta família, as dificuldades iniciais encontradas e trata, brevemente, da relação destes sujeitos do campo com a família, a terra e trabalho:

No passado, a história da Comunidade foi assim: Veio um homem que se chamava Vicente. Vicente era um homem negro que passava muita fome. Ele queria viver a sua vida e veio morar perto do Rio São Francisco para sobreviver. Ele sofreu muito aqui. Era um matagal. Aí ele fez sua casinha para morar e foi desmatando. Ele apanhou por ser negro, como até hoje tem preconceito. Não todos, mas a maioria da Marreca tem preconceito.

Então não só foi ele, os seus filhos, depois, foram fazendo suas casas para morar e para todos da família [...] Eles trabalhavam na enxada. No passado, o trabalho era sofrido! Todos tinham sua terra para trabalhar. Plantavam milho, mandioca, abóbora, batata para comer. O trabalho era para molhar suas plantações. No presente tem a ajuda do Governo para sobreviver [...]

Não sabemos se a descrição feita pelo aluno Raí sobre a experiência de Vicente e seus descendentes terem sofrido o preconceito racial foi trabalhada em sala no sentido de conduzir todas as crianças a refletirem sobre as informações que dizem respeito a sua própria história, modos culturais, posição afirmativa e valorativa enquanto sujeitos conscientes de seu papel social tanto no universo local, como no sentido mais amplo do Estado brasileiro. Mas a finalidade do trabalho passado pela professora sugere haver uma preocupação em estabelecer diálogos sobre a história e identidade do grupo.

O uso do termo “sobreviver” no referido texto resume bem a concepção dos moradores de Vicentes sobre seu cotidiano, pois, mesmo sendo auxiliados por programas sociais do Governo Federal, como o bolsa-família, seguro-desemprego do pescador, sendo portanto atendidos pelo menos no nível mínimo de suas necessidades básicas diárias, reconhecem que os referidos programas assistencialistas não representam o suficiente para terem uma vida social com maior dignidade.

E o problema da educação oferecida aos jovens de Vicentes perpassa, também, pela questão do distanciamento de suas casas das unidades escolares de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, pois quando estes concluem o ensino fundamental I, a partir do ingresso no 6º. ano, referente ao ensino Fundamental II, necessitam frequentar a Escola localizada no povoado da Marreca. Ainda que ambas as comunidades sejam próximas, os jovens precisam andar alguns minutos ou se deslocarem de bicicletas para assistirem as aulas na referida Escola.

Figura 40 - Escola da Marreca



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Escola do Ensino Fundamental II (6º. Ao 9º. ano) localizada na Marreca.

Quando terminam o 9º. ano, para cursarem o ensino médio, os jovens de Vicentes necessitam ser matriculados nos colégios da sede do Município, localizados há mais de uma hora de suas residências e, a partir desta etapa, contam com os transtornos de estudarem ainda mais distante de sua Comunidade, pois dependem do transporte coletivo oferecido diariamente pela prefeitura do Município. Ainda bem cedo, entre 5 e 5:30 da manhã, o carro composto de uma carroceria e coberto com lona, chega em Vicentes para pegar os alunos e conduzi-los às referidas escolas. Por volta de meio dia, o transporte chega à frente das escolas e todos então retornam à Comunidade. Este deslocamento exige o esforço diário de enfrentar as intempéries climáticas mais comuns da região, como, poeira e muito calor, sem contar que quando chove, a estrada fica quase intransitável.

O estudante Ricardo, 13 anos, conta sua rotina diária, em 2014, para cursar o Ensino Médio:

R: Eu faço a 2ª. Série do ensino médio no Colégio Modelo de Xique-Xique. Nós vamos todos os dias daqui de Vicentes para Xique-Xique. São sete alunos do Juremal e cinco de Vicentes que estudam lá. O carro passa aqui umas 5:20 e a gente acorda às 5:00 para pegar o carro. Depois o carro pega a gente 12:00 em Xique-Xique.

Ricardo também contou-me que quando ele e os demais jovens de Vicentes precisam fazer trabalhos escolares e assim necessitam de determinados livros ou de um computador ligado à internet para realizar a pesquisa recebem, na maioria das vezes, ajuda dos colegas residentes na sede do Município, pois em Vicentes não há computador e o local mais próximo onde há este recurso é em Juremal, entretanto é somente para uso particular. Assim, estes jovens ainda enfrentam problemas que na sociedade contemporânea, especialmente nas grandes cidades, mesmo nos bairros mais humildes é, cada vez menos incomum, o acesso ao uso da internet nas residências das pessoas ou próximo destas. Os pais dos jovens de Vicentes já demonstraram a alguns representantes da Prefeitura o desejo de obter este tipo de equipamento, mas até o final de 2015 ainda não haviam conseguido sucesso neste sentido.

O pai de Ricardo, José dos Santos, acredita que por Vicentes localizar-se em uma área rural de difícil acesso, pois por um lado é circundada pelo rio, e por outro, possui uma estrada de acesso ruim, não conseguem ter visibilidade no Município local, nos municípios circunvizinhos e muito menos na capital do Estado no propósito de serem atendidos em suas necessidades básicas: “Nossa Comunidade tá esquecida! Deve ser por que aqui é longe e ruim de chegar!”

De certa forma, essa ideia de distanciamento dos centros urbanos parece demonstrar uma atitude de conformismo e passividade de alguns no sentido de lutarem por mudanças sociais. Talvez pela história ainda recente de formação da Associação de moradores local, muitos indivíduos de Vicentes ainda não assumiram uma postura política ativa em prol da busca de soluções para melhoria da qualidade de vida das suas famílias. Arelada a esta questão, a morosidade da aplicação das políticas públicas, a exemplo daquelas destinadas à educação formal, em áreas rurais do país, e, também, aos grupos reconhecidos como quilombolas, acredito que tenha provocado em muitos habitantes dessas áreas um misto de esperança e conformismo.

Talvez este aparente conformismo das pessoas esconda, na verdade, certa indignação comum àqueles pertencentes a grupos subalternos diante da atuação dos poderes públicos que, ao longo da história do nosso país, dão pouca ou quase nenhuma atenção às suas necessidades sociais. Conforme nos conta Maria de Teté, há alguns anos tornava-se ainda mais difícil a oportunidade de presenciar o

desenvolvimento escolar do filho, pois nem mesmo havia transporte escolar para conduzi-los até a sede do Município:

Ent: A senhora gosta daqui?!

M: Gosto, eu gosto daqui! Porque não tem jeito, né, não?!

Ent: Se tivesse que sair daqui, a senhora saía?!

M: Saía. [Para um pouco pra pensar] Não, porque, eu vou te dizer: antes não, eu não queria não! Não queria não! Eu não queria assim: que eu tinha tanta vontade de eu comprar uma casa em Xique-Xique, no tempo mesmo de meus filhos irem mesmo pra escola, meus filhos sofreram tanto na escola! [Baixa a voz, demonstrando tristeza]. Eu não tinha parente, não tinha aderente em Xique-Xique. Minha filha estudou três anos, repetindo a quarta série, sem ter ninguém em Xique-Xique [...] Ela tinha tanta vontade de estudar! Que hoje em dia, eu tenho a foto dela que terminou o estudo dela. Como ela tinha tanta vontade de terminar o estudo dela: – Ô minha filhinha de Deus, você vai pra onde? – Ô mainha de Deus, vou caçar uma casa para ir! – Tá, minha filha, que eu vou caçar! [Quase não se ouve a voz da interlocutora]. Quando foi um dia: - ó Zé, se tu vê uma mulher lá em Xique-Xique dizendo que quer uma menina, me diga para eu botar Silvia lá! Eu corria que nem uma doida pra arrumar dinheiro, trabalhando na cebola, naquele tempo, que nem uma louca no sol quente pra arrumar dinheiro pra mandar Silvia para as casas! E ela, coitadinha, que nem uma terrível, estudando!

Ent: Não tinha carro para ir daqui não?!

M: Não tinha não! Naquele tempo não tinha não! Naquele tempo [...] tinha tanto feijão de corda, era peixe, naquele tempo era tanta coisa! Eu ajeitava as coisas [...] logo, ela nas casas e trabalhando, coitada, que só uma escrava velha nas casas e eu ainda ajeitava tudo e, quando era de tarde, ela chegava: Ó, mainha de Deus, ajeita um dinheiro pra eu comprar meu sapato que aquele já não tá mais dando pra eu ir pra escola. Eu paguei o curso para ver se ela aprendia. Aí de repente, ela arrumou o noivo dela. Ainda repetiu a 4ª. Série três anos, essa criatura, três anos! Quando deu fé, ela arrumou o noivo dela. Aí ela desistiu da escola. Quando ela terminou, ela já tinha a menina e o menino lá em Brasília.

Estes depoimentos representam a confirmação de que as famílias de Vicentes atribuem significativa importância ao acesso à educação formal para seus filhos. Inclusive, em meio à entrevista com Maria de Teté, ela demonstrou muito entusiasmo ao mostrar a fotografia da Colação de Grau de conclusão do Ensino Médio de seu filho caçula afixada em um enorme quadro na parede da sala de sua residência. Talvez pelo fato de não ter tido a oportunidade de estudar, Maria de Teté, bem como outras “Marias” da Comunidade, sentem enorme satisfação quando seus filhos cumprem as fases referentes à educação básica de ensino.

Esses jovens representam para seus pais não somente a esperança de ascensão social e econômica, mas também a possibilidade de assumirem a condição de sujeitos conhecedores de seu papel enquanto cidadãos que poderão lutar e alcançar melhorias para todo o grupo. Neste sentido, é deveras importante compreendemos que “o sujeito que se educa é o sujeito que conhece sua história de

direitos e deveres sociais, é o sujeito que se pronuncia como um sujeito de direitos” (HOLANDA, Ludmila, 2010, p.554).

Evidentemente que viver em uma Comunidade rural distante dos centros urbanos não significa, portanto, desconhecimento total dos sujeitos do seu papel social e político, ainda que não tenham tido acesso à educação formal, pois há o conhecimento adquirido através das experiências, valores e práticas apreendidas ao longo da vida. Nesta perspectiva, conforme Brandão (1995, p.47) apud Carmo (2013, p.26): “a educação do homem existe por toda parte e, muito mais que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver que educa [...]”.

A satisfação demonstrada por essas mães com a formação educacional dos seus filhos alcança, na maioria dos casos, a conclusão do Ensino Médio, provavelmente pelas dificuldades financeiras e de apoio encontradas no acesso ao Ensino Superior em Xique-Xique e região. Não ouvi relatos ou informações sobre algum jovem da Comunidade que estivesse cursando o Ensino Superior no Município ou em cidades próximas, apesar de haver um campus XXIV da UNEB na sede de Xique-Xique, onde são oferecidos os cursos de engenharia de pesca e engenharia ambiental, cursos de nível superior à distância ou semipresenciais atrelados a faculdades privadas do Estado e um campus da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) na cidade de Barra - próxima a Xique-Xique - onde são oferecidos os cursos de medicina veterinária e agronomia.

Em viagem no transporte coletivo local na estrada que dá acesso à Juremal, Vicentes, Marreca, dialoguei com pessoas da Marreca que se deslocam, diariamente, para a sede do Município para cursar o ensino superior. Elas citaram que as suas famílias as ajudam nas despesas e os apoiam, porque conseguir emprego em Xique-Xique não é fácil e com o curso superior, podem tentar concursos públicos. Entretanto foram também relatadas diversas dificuldades sobre o deslocamento diário dos moradores dessas áreas rurais, até por que a prefeitura apenas oferece o transporte coletivo diário para os estudantes do Ensino Médio.

3.2 RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS EM SÃO PAULO

A maioria daqueles originários de Vicentes que migraram para as metrópoles brasileiras, escolheram o Estado de São Paulo, especialmente sua capital e região metropolitana, para tentar uma vaga no mercado de trabalho e, assim, conseguir superar as dificuldades financeiras e ter a oportunidade de garantir uma vida melhor para sua família. Em praticamente todos os depoimentos colhidos na Comunidade, são citadas experiências neste Estado: são filhos que vão e não retornam mais; outros vão, mas retornam para passear; o marido vai primeiro e depois convida o restante da família para ir. Enfim são casos diversos das idas e vindas dos sujeitos de Vicentes entre sua Comunidade de origem e o Estado de São Paulo.

Evidentemente que esta conjuntura do êxodo de sujeitos originários da região nordeste do Brasil para as regiões sul e sudeste, especificamente para o Estado de São Paulo, na busca por emprego e renda não é nova. Segundo pesquisas de Donald Pierson (1972) no Vale do São Francisco, já no início do século XX, depois entre os anos 40 e 50 e, também, na década de 70, foram registrados números consideráveis de indivíduos de cidades ao longo do Vale que migraram para metrópoles brasileiras, especialmente para o Estado de São Paulo, fugindo das secas ou com o objetivo de alcançar melhorias em suas situação econômica, pois os que seguiram primeiro para este Estado, davam notícias promissoras sobre a nova vida, atraindo, assim, o interesse de muitos outros.

O processo de industrialização em forte ascensão em São Paulo, resultado do *boom* capitalista no século XX, conduziu uma leva de pessoas, muitas oriundas de áreas rurais, que se formou como importante mão obra para atender às necessidades do mercado e das grandes empresas. Apesar da diminuição de migrantes de outras regiões do país para São Paulo entre os anos de 1980 e 1990, este Estado continuou se apresentando como o maior polo de recepção da migração, bem como o “coração da economia nacional” (BAENINGER, 2005). E ainda, segundo Vainer, (1991) apud Baeninger (2005), para populações de áreas menos desenvolvidas do país, São Paulo permanecerá fazendo parte desse imaginário migratório em decorrência da relação migração/emprego e também pelas redes de sociabilidade formadas com os fluxos migratórios ao longo dos anos.

Em Vicentes e comunidades circunvizinhas é ainda perceptível a influência exercida nas famílias deste “imaginário migratório” referente ao Estado de São Paulo, principalmente porque é difícil encontramos nos núcleos familiares alguém que não tenha seguido para o referido Estado. As redes de sociabilidade foram decisivas para o aumento do processo de migração, pois quando esses indivíduos decidem migrar, são orientados e recebidos por parentes ou “conhecidos” naquele Estado.

Importante salientar que os contatos estabelecidos entre parentes da Bahia e de São Paulo têm sido cada vez mais frequentes, principalmente pelo aumento das facilidades de comunicação e de mobilidade atualmente existentes. O interlocutor Albertino conclui o quão significativa é a quantidade de pessoas de Vicentes residindo atualmente em São Paulo:

Ent: E esses que vão para São Paulo, vão para melhorar de vida, né, a maioria?!

A: Com certeza, vão pra trabalhar, conseguir alguma coisa, né?!

Ent: Lá tem gente [...] Tem muitos, não tem?!

A: Tem. Eu acredito que lá tem mais do que aqui! Porque aí só por a realidade, você vê! Tem uns [...] nós somos seis irmãos, só tem eu aqui!

Ent: Todos já tem filhos já [...]

A: E os outros aqui é a mesma coisa, aí tem casa que tem dois, três, quatro lá!

Ent: Mas tem gente que volta, né?!

A: Voltam! Tem uns que vão e depois voltam!

Ent: E por que será que esses voltam?

A: Uns conseguem alguma coisa e outros abusam, né, eles vão embora. Tem um monte que diz que vem, mas só se perder mesmo os empregos, porque se não perder, eles não vem. Já sabe, né, já sabe como é a realidade daqui! E a gente é sempre falando [...] tem o meu lá, eu digo: você não vai largar seu emprego pra vim embora! Chega aqui pra fazer o quê?! Ficar aí mais os outros, aí de tarde nas portas dos outros, nas portas sentado, não adianta nada! Aí num tem futuro não!

Se a grande maioria dos indivíduos que migram para São Paulo e por lá adquirem emprego, não retornam mais a residir na Comunidade, parte daqueles que retornaram não se adaptou à rotina agitada da cidade grande, como é o caso da interlocutora Maria Rita:

Ent: A maioria também vai pra São Paulo? E, você, Rita, nunca teve vontade de ir para São Paulo?!

M: Eu já fui lá duas vezes para passear.

Não gostou não?!

M: Não. Pra mim morar lá, não! Eu já fui duas vezes lá a passeio. Não moraria lá não! Aqui é mais tranquilo! É tudo tranquilo aqui! De vez em quando aqui aparece um engraçadinho aí, alguma coisa [...] É assim mesmo!

Outros não se adaptaram à situação de violência frequente em um bairro periférico da capital paulista, conforme contou-nos Fabiana:

Ent: Você gostou de São Paulo?
F: Não. Lá é ruim! Não sei se é por causa dos bairros, né, porque tem bairro assim que os homens [...] é uma violência de horror! E eu mesmo vejo passando na televisão e eu tenho pavor!
Ent: Que bairro foi em São Paulo?
F: São Miguel.
Ent: São Miguel Paulista. Tem muitos daqui em São Miguel Paulista, né?!
F: em. A maioria dos daqui é tudo de lá, de São Miguel!
Ent: Mas onde você estava não era bom. Aí voltou?!
F: Aí voltei.
Ent: Seu marido foi também?
F: Foi. Ele foi e ainda ficou lá cinco meses. Ele foi pra trabalhar e não deu certo, aí veio. Eu fiquei aqui, era pra eu ir, aí ele disse que não dava mais certo lá, aí veio.

Ou ainda há quem prefira lidar com a terra, porque se sente pertencente a esta e a sua família, deixando a partida de lado, segundo afirma Albertino:

Ent: Você não gostou de lá, de São Paulo, não Albertino?
A: Eu não gostei muito não! Trabalhei um tempo lá e vim embora logo, não gostei não e também ela [aponta para a mãe] ficava aqui só [...] só eles dois que moravam (refere-se aos pais). Não, eu vou embora! Porque se tivesse o povo, o povo daqui tivesse todo aqui, [hum] não cabia
Ent: Teria muita gente...
A: Não cabia aqui...
Ent: Cada casa dessa tem uma família lá?
A: Tem. Cada casa aí. Tem casa aí que só tem o velho dentro ou a velha [...] e os outro todos lá.

Conversando com um morador da Comunidade, este contou-me que sua filha foi para São Paulo ainda adolescente e quando por lá chegou, necessitou morar em uma pequena casa construída de tábuas e situada em uma área circundada por valas de esgoto. Na casa moravam outras pessoas da área rural de Xique-Xique onde se dividia o espaço ínfimo e onde constantemente sofriam com os períodos de chuva e alagamentos na Cidade. O pai afirmou que não se acostumaria a viver em tal situação, mas por outro lado, justifica a escolha da filha pela falta de oportunidades de emprego na região onde reside. A situação da jovem melhorou com o passar dos anos, pois hoje ela conseguiu alugar uma casa na capital para morar com seus dois filhos.

Um dos filhos de Maria de Teté, com vinte anos de idade e recém concluinte do Ensino Médio, também não quis ficar em São Paulo quando para lá foi a convite dos seus irmãos:

M: Ali a foto da formatura dele!
Ent: Ele não quis ir pra São Paulo, não?!
M: Foi! Mas ele não fica! Não tem quem faça ele ficar! Diz ele que não gosta de lá não. Você não tá vendo ele fortão aqui, quando ele vai pra lá, ele fica magro.
Ent: Mesmo tendo trabalho e tudo?!
M: No São Paulo?! Tá, os meninos pelem! [Aumenta o tom de voz]. Diz ele que quando ele lembra da mãe dele, não tem quem faça ele ficar.
Ent: Ele fica só na roça?
M: Na roça ou então aí parado. [Baixa o tom de voz e abaixa a cabeça, demonstrando tristeza].

Duas filhas de Vicente Baldino, Anita e Izabel, como dito no primeiro capítulo, foram morar em São Paulo e por lá foram sepultadas. Vicente e Joventina também visitaram seus filhos e demais parentes em São Paulo. Muitos netos e bisnetos foram, ao longo dos anos, seguindo para esta capital e constituindo suas casas, a família e a relação com aquele Estado foi aumentando. Hoje, o povo de Vicentes considera São Paulo como um espaço onde se passa parte de sua história, pois não há como não fazer referências aos que para lá se foram e as constantes idas e vindas destes.

Anita, filha de Gilberto, ressentiu-se de não ter conseguido permanecer por muito tempo em São Paulo, porque necessitou retornar para cuidar de sua mãe, acometida de problemas de saúde. A maioria de seus irmãos estão residindo por lá, apenas ela e um irmão moram em Vicentes juntamente com os pais. Ela demonstrou na entrevista certa fadiga e tristeza com o cotidiano experimentado em Vicentes. Sentada na sala de sua casa, observando a movimentação de fora e, às vezes, levantando-se para atender sua mãe deitada na cozinha, ela faz diversas pausas para me contar sobre a experiência em São Paulo.

Ent: Você gosta daqui?
A: [Balança a cabeça] Não tem outro jeito!!! Fico dentro casa cuidando de mãe. Eu passei um tempo em São Paulo. Fui com minha irmã [...] Aí ela ficou e eu vim embora [...]
Ent: São quantos por lá?
A: Tem minha irmã [...] 4.

Não há como precisar a média de viajantes originários de Vicentes com destino ao Estado de São Paulo anualmente, mas podemos afirmar que o movimento de idas e vindas é constante, pois nas viagens a campo, identifiquei pessoas de malas prontas para aquele Estado ou organizando a casa para a chegada de algum parente ou ainda havia pessoas preparando sacolas com alimentos típicos da região para enviá-las por alguém com viagem marcada. Quando se sabe da viagem de um morador para São

Paulo, é comum as pessoas se dirigirem a residência do viajante para pedir a este que leve suas encomendas aos parentes e amigos.

Na metrópole paulista, as relações de amizade, parentesco são solidificadas a partir dos encontros, festas onde os conterrâneos juntam-se para trocar experiências, “matar as saudades” da família e da terra de origem. Bertulina afirmou que quando viaja para São Paulo, é comum participar de festas onde revê parentes e amigos de Vicentes e de outras comunidades vizinhas. Neste sentido ainda que experimentando uma situação de desenraizamento com a saída da localidade de origem, as pessoas procuram na cidade grande formas de sentirem-se pertencentes, através das ligações familiares e dos laços de amizade. “Essa possibilidade de estar junto, essa quebra do isolamento são um bem em si, e talvez o maior dos bens” (BOSI, 2013, p. 180).

Viajar para São Paulo é realmente mais fácil do que anos atrás, pois há na sede do Município uma empresa de ônibus com destino direto a capital deste Estado, diariamente. A passagem custa em média 280,00 e, para os idosos, o direito ao bilhete sem nenhum custo, leva muitos destes a viajarem, anualmente, no intuito de visitar seus familiares ou fazer seus tratamentos de saúde. Esta viagem dura em média 32 horas, mas ouvi poucas reclamações das pessoas do Município neste sentido. É um período de tempo razoável, pois até a década de 1990 a viagem durava em média 60 horas. A construção ou melhoramentos de novas estradas que interligam o Município constituiu-se em fator preponderante para a diminuição do tempo de viagem.

Conforme Pierson (1972), o movimento de saída das populações do Vale do São Francisco em direção a outras regiões do país, entre 1950 e 1960, especialmente para o sudeste, era bastante acentuado e tal fato ocorria já há muito tempo. Neste período, o deslocamento para São Paulo ou outras capitais do sudeste do Brasil, dava-se em caminhões⁶¹, ou então viajava-se de barco até outros trechos do Vale do São Francisco para pegar o trem ou então alternava-se as formas de locomoção, entre embarcações, caminhões, trem, e até mesmo a pé. A equipe de pesquisadores de Pierson, observou que grande parte destes emigrantes seguiam principalmente para São Paulo.

Portanto a viagem nessa época era evidentemente mais longa e extenuante. Os migrantes partiam de suas localidades e, passavam até dez dias viajando, mas as

⁶¹ Também conhecidos como paus-de-arara se transformaram no símbolo dos trabalhadores nordestinos em direção ao sul do país.

boas notícias enviadas por aqueles que haviam partido anteriormente, estimulavam o interesse dos demais. Na década de 1950, a oportunidade de adquirir emprego, geralmente com pouco tempo de estadia em São Paulo, acesso aos direitos trabalhistas e também maior acesso aos serviços de educação e saúde atraiu bastante os migrantes, principalmente os nordestinos residentes nas áreas rurais afetadas pelas secas constantes (FONTES, 2008)

Atualmente, quem mora em Vicentes e necessita deslocar-se para São Paulo, precisa primeiro acessar o transporte coletivo diário entre 5:30 e 6:00 na estrada local e, ao chegar na sede do Município, espera o horário marcado para a viagem - geralmente ainda pela manhã - na rodoviária da cidade. Nestas ocasiões a rodoviária fica repleta de pessoas - entre residentes da sede ou de áreas rurais da Cidade - que vão se despedir ou enviar suas encomendas.

Ent: Lá em São Paulo, as pessoas ficam mais na capital ou ficam na cidade?

A: Mais na capital, é!

Ent: É mais na capital, é?!

A: É mais no Centro, eles quase tudo mora naquele trecho de São Miguel, Itaim, é mais por ali [...] Começou dos outros e aí [...] agora que tão mudando [...]

Ent: Uns vão, porque os outros tão lá [...]

A: É. Agora que eles tão comprando terreno pro lado de Taquara, pra aquele meio.

Ent: Onde é isso?

A: É perto de Itaim, Itaim descendo muito, Mogi, Taquara, por aí!

Ent: Mas de vez em quando eles vem pra cá, não vem não, passear?

A: Vem, vem todo ano vem gente aqui, esses dias mesmo tinha três aqui.

O Bairro de São Miguel Paulista, no extremo Leste da cidade de São Paulo, é um dos mais citados pelos moradores de Vicentes enquanto destino escolhido para migração ao longo dos anos. Sob esta perspectiva, conforme indica Fontes (2008), o bairro é bastante conhecido como “bairro de migrantes”⁶², principalmente vindos do nordeste do país e que, em meados do século XX, foram atraídos pela oportunidade de emprego oferecido no polo industrial local e também pela possibilidade de obtenção da casa própria nos loteamentos disponíveis na região.

Alguns, porém, escolheram migrar para outras localidades do país, a exemplo de Brasília, Tocantins, ou então, para cidades do Oeste Bahia, como Barreiras e Luís

⁶² Ao longo dos anos 1950 e 1960, as referências à presença de nordestinos em São Miguel se multiplicariam, consolidando a ideia de que o bairro era a “terra dos nordestinos” em São Paulo, o lugar onde os baianos, pernambucanos, sergipanos, maranhenses, rio-grandenses do norte, paraibanos, cearenses, enfim nortistas e nordestinos (...) residem e trabalham. (FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008).

Eduardo Magalhães. A mudança para estas cidades da Bahia deu-se, em muitos casos, pelas notícias de oportunidades de postos de trabalho e renda especialmente em decorrência do crescimento do agronegócio na região. Na verdade, estes foram destinos também citados pelos quilombolas para migrarem. É segundo depoimento de Albertino:

Ent: Há pessoas daqui em outros estados ou é só mais em São Paulo?

A: Só mais em São Paulo.

Ent: Nessa região de Barreiras não tem não?!

Ent: Tem, mas umas poucas de vidas, mas é pouca! É tio do meu pai que foi pra lá que, ele fez a família dele lá, nessa região aí? É lado de Tocantins, mas é o interior mesmo!

Já Maria de Teté conta a história de sua filha que seguiu para Brasília em busca de trabalho e não retornou mais a morar em Vicentes.

M: Aí ela pegou e saiu da escola, foi embora pra Brasília. Quando voltou, ela já voltou com o menino dela. Aí ela trabalhava pra mulher do senador lá em Brasília.

Ent: Há quantos anos que ela está em Brasília?

M: Ela tem poucos anos lá. Casou com dezesseis anos, essa menina [...]

Quando os migrantes originários de Vicentes seguem para as metrópoles do país deparam-se com diversificadas dificuldades, principalmente em decorrência da pouca escolaridade e da falta de experiência comprovada em Carteira de Trabalho. Em muitos casos, conseguem emprego nas empresas privadas, através da indicação, ajuda ou influência dos parentes, mas não tem sido tão fácil na atual conjuntura da crise social e política do país. Indivíduos têm procurado terminar sua formação escolar e também realizam cursos nas grandes cidades, porque as empresas têm exigido ou então eles buscam aperfeiçoar-se no intuito de galgarem melhores vagas no Mercado, conforme disse Albertino:

Ent: E eles terminam o Ensino Médio quando saem daqui para as grandes cidades?

A: Tem uns que terminam, outros vão terminar lá, outros não terminam. - Meus irmãos mesmo terminaram tudo lá.

Ent: Terminaram o segundo grau lá.

A: As firmas exigindo, aí eles tiveram que fazer, né?!

A saída desses indivíduos xiquexiquenses para as metrópoles em busca de emprego é também resultado da falta de oportunidades tanto em relação a uma formação escolar adequada, como pouca experiência no mercado de trabalho,

principalmente quando se trata dos jovens oriundos da zona rural. Conseguir uma vaga de trabalho do Município não é uma tarefa fácil, pois o comércio local, mesmo com seu crescimento ao longo dos anos, oferece poucos postos de trabalho e o salário é geralmente baixo; as vagas em instituições públicas são escassas e, quando há concursos, falta aos candidatos a formação educacional exigida para preenchê-las e não há projetos incentivadores e ajuda de custo para melhor formar estes jovens; muitos postos de trabalho ainda são indicados pelo prefeito ou grupo político do qual este pertence, ou seja, quem votou nas últimas eleições no candidato que não foi eleito, dificilmente encontrará oportunidade de emprego, porque “não está do lado do prefeito”.

Se para os moradores da área urbana a situação é complexa, para os residentes na área rural torna-se ainda mais difícil. Quem consegue estabelecer relação de confiança com os políticos locais, através da garantia do voto nas eleições - a chamada política do apadrinhamento - obtém, em alguns casos, a oportunidade de emprego. Mas estes são apenas casos isolados. Portanto, a maioria ainda aposta na mudança para São Paulo para obter ascensão econômica.

Não identificamos casos de pessoas de Vicentes que utilizam os espaços da feira livre local para comercializar algum tipo de produto ou que trabalhem no comércio formal do Município. Como anteriormente citado, estas pessoas deslocam-se para a sede de Xique-Xique, basicamente, para comprar alimentos e demais itens de uso pessoal, para utilizar os serviços públicos e privados e, no caso de alguns jovens, para cumprir a rotina semanal de cursar o Ensino Médio nas instituições públicas de ensino.

É relevante também assinalar que nesse processo de migração para São Paulo e Estados da região Nordeste, conforme atesta Baeninger (2005), houve o aumento da migração vinda principalmente da Bahia entre os anos de 1980 e 1990. Mas também houve trocas migratórias, ou seja, muitos emigraram para sua terra natal: “A emigração do Estado de São Paulo para os estados nordestinos também aumentou: de 509 mil emigrantes nos anos 80 para 690 mil nos anos 90”.

Figura 41 - A feira xiquexiquense



Fonte: Foto da autora. Xique-Xique, 2015. Área comercial de Xique-Xique. Imagem capturada em uma manhã de sexta-feira, em janeiro, dia em que acontece a feira local. Nestas ocasiões, muitas pessoas oriundas da zona rural comercializam seus produtos hortifrutigranjeiros.

Ainda segundo Baeninger (idem), diversas explicações podem ser apresentadas, mas ainda devem ser aprofundadas quanto a compreensão do processo migratório referente ao Estado de São Paulo no século XXI, como mudanças na economia e no mercado de trabalho, políticas públicas sociais de transferência de renda, dentre outros casos.

Em Vicentes, houve o retorno de alguns, ao longo dos anos, mas a quantidade de pessoas que migraram e permaneceram em São Paulo parece bem maior, segundo constatamos através dos depoimentos dos moradores da Comunidade, sendo importante frisar que ainda é comum a preferência pela migração para o Estado de São Paulo.

3.3 O RETORNO E AS INFLUÊNCIAS NA VIDA LOCAL

Regressar ao local de origem não significa apenas reviver experiências similares à fase anterior à partida, não simboliza uma negação das influências apreendidas com a migração, como outros modos de vida, valores, crenças, hábitos. Retornar significa trazer na bagagem novas experiências e ajustá-las, ou melhor, adequá-las àquelas também já ressignificadas na comunidade. Qualquer grupo de pessoas que observemos, estarão, na verdade, num fluxo constante, encontrando-se em posições variadas e distribuídas diferencialmente, num processo que Barth (1994) denomina de incoerente e contraditório.

Desta forma, ainda que o sujeito se sinta enraizado e pertencente em sua comunidade de origem, estará produzindo mudanças, fruto das experiências vividas em outras paragens. Assim, “quando se fala em enraizamento, não se está pensando em isolar um meio social de influências externas” (BOSI, 2013, p. 176).

Sem contar que retornar pode não significar uma decisão definitiva, pois muitos vão e retornam diversas vezes para passar as férias e visitar a família. Contudo, mesmo sendo um retorno temporário, os modos de vida, hábitos e expressões culturais apreendidas em outros espaços influenciarão no cotidiano local, porque as relações entre as pessoas e destas com o meio circundante é dinâmica.

Apesar da resistência de alguns moradores, especialmente os idosos, em aderir a certas mudanças típicas do mundo moderno, como a utilização de aparelhos eletrônicos que seus filhos lhes dão quando chegam das grandes cidades, há nas residências o forno micro-ondas, a máquina de lavar roupa, a antena parabólica e principalmente a televisão. E, ainda que os moradores de Vicentes possam comprar estes aparelhos e demais objetos na sede do Município, é comum receberem presentes como estes dos seus filhos, netos ou parentes residentes em São Paulo, talvez pelas facilidades de oferta e preço na compra dos produtos no referido Estado. Há também àqueles que ao decidirem retornar definitivamente para o convívio na Comunidade, trazem na mudança novidades adquiridas na “cidade grande”

A interlocutora Lena mostrou-me toalhas de mesa adquiridas na famosa Avenida 25 de Março, no comércio popular da capital paulista, para uso na igreja local. Ela possui uma casa em São Paulo, contudo sempre retorna a Vicentes para passar

algum período de tempo. Nestas ocasiões, traz objetos para ela e também para seus parentes, porque os preços nesta capital são melhores, segundo me informou.

Na residência de uma das moradoras de Vicentes, a máquina de lavar fica no quintal da casa. A Moradora mostrou-me com entusiasmo o aparelho, presente de seus filhos residentes em São Paulo, mas parece não ter tanta importância se comparado ao hábito de lavar as roupas manualmente e pô-las para quilar no espaçoso quintal de sua casa. Em meio a cozinha ainda feita de sapê, um lampião à gás – muito utilizado quando não havia energia elétrica no lugar - ocupa o espaço juntamente com o fogão a lenha de um lado e o fogão à gás do outro. O novo e o velho, o passado e o presente juntos para atender às necessidades afetivas e instrumentais carregadas de significações para esta senhora.

Em praticamente todas as residências de Vicentes há fotografias antigas - aquelas pintadas⁶³ - dispostas em quadros ovais ou retangulares na parede da sala, dividindo o espaço com novas fotografias afixadas nos porta-retratos e os potes de cerâmica - produzidos há alguns anos atrás na olaria do lugar - ocupam um lugar na cozinha onde a geladeira e o forno micro-ondas também são objetos indispensáveis. Assim, podemos analisar que se os processos de mobilidade entre os moradores para as grandes cidades trazem novidades e mudanças, há coisas que as pessoas não desejam esquecer ou se desfazer, especialmente na velhice, os objetos que sempre fizeram parte deste contexto e que representam uma concordância com relação à posição dos sujeitos no mundo, as suas identidades e sentimentos de pertencimento (BOSI, 2013).

Em Juremal, uma senhora apresentou-me em sua casa os objetos eletrônicos e móveis recebidos dos filhos também residentes em São Paulo e disse-me que estes pedem constantemente a sua ida definitiva para lá, por considerarem uma vida cercada de maiores facilidades. Inclusive quando há a necessidade de cuidados médicos em postos de saúde e hospitais, por exemplo, torna-se mais acessível obter atendimento em São Paulo do que em Xique-Xique. Entretanto a referida mulher não aceita mudar-se, porque não se acostumaria com a nova vida e receia deixar sua casa e seu pedaço de terra para trás.

⁶³ No final do século XIX até os anos de 1900, era comum encontrar retratos fotográficos pintados à mão nas casas das áreas rurais dos estados do Nordeste brasileiro. Os retratos pintados (fotografias da família em preto e branco, ampliadas e coloridas) traçavam uma imagem ideal e conferiam certo status aos retratados. (Disponível em <http://www.f508.com.br/retratos-pintados/>. Acesso em 27. Jan. 2016).

Bertulina informou-me que alguns de seus parentes residentes em São Paulo realizam a viagem até Vicentes em carro próprio. Estas visitas têm muita importância para os moradores, porque representa a ascensão econômica do indivíduo originário da Comunidade na cidade onde este escolheu morar, sem contar que é deveras importante para os visitantes, retornar ao seu local de origem, demonstrando estar em melhores condições financeiras.

Estes visitantes também representam, de certa forma, a esperança dos demais moradores da Comunidade, principalmente os mais jovens, de, também, mudarem-se para a cidade grande, pois aparentemente houve sucesso na empreitada de alguns na procura por novas e melhores oportunidades fora da localidade. Mas, por outro lado, não há garantias de sucesso para todos sob este aspecto. A desesperança e decepção que alguns trazem consigo, quando regressam, pode gerar o movimento contrário, do desinteresse de outros. As pessoas da Comunidade sabem das dificuldades enfrentadas, principalmente nos momentos iniciais de chegada às metrópoles, pois o processo de adaptação pode não ser tão fácil, a exemplo de acostumar-se com um novo clima, bem diferente do sertão, enfrentar a poluição das cidades, os horários de saída e chegada do emprego, a carga-horária excessiva de trabalho e as dificuldades de residir em locais com pouco espaço e conforto.

Inclusive há aqueles que mesmo residindo e possuindo emprego fixo há anos em São Paulo, possui interesse de, primeiramente, constituir determinados bens e depois escolher o momento adequado para regressar a Vicentes ou para outras cidades próximas do Município. Um dos filhos de Bertulina, por exemplo, possui uma casa ao lado da casa de sua mãe - construída após sua ida para aquele Estado - e é uma garantia caso ele necessite retornar.

É comum ouvir-se casos de muitos migrantes da Cidade de Xique-Xique que procuram constituir bens, melhorar a situação financeira nas metrópoles, para depois, geralmente quando aposentados, retornarem ao convívio na terra natal. Assim talvez estes sujeitos não se sentiram enraizados aos novos contextos, apenas encontraram nestes espaços meios de atender suas necessidades práticas de bem estar econômico, mas não perderam pela terra de origem e/ ou pelos familiares as referências de pertencimento. Comungando com as ideias de Zaoual (2003), existem entre as pessoas o paradoxo de ao vivenciar o processo de globalização - incerteza e

vertigem - buscar se inserir em locais onde se sintam pertencentes - de aproximar-se do que se acredita conhecer.

Ocorreram poucas mudanças no cotidiano de Vicentes ao longo dos anos. Como afirma José dos Santos: “As coisas aqui demoram de chegar pra gente!” Assim quem pretende retornar, talvez tenha interesse em encontrar situações semelhantes àquelas vividas antes da partida, a exemplo de passar os dias experimentando quase nenhuma agitação diária, ou seja, experimentando “um quê” da “cidadezinha qualquer” tal qual Carlos Drummond de Andrade⁶⁴ descreve em seus versos:

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar

Um homem vai devagar
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar ... as janelas olham

Eta, vida besta, meu Deus.

Contudo, apesar das poucas mudanças existentes no lugar, a vida não é a mesma, e não há como não ser de outra maneira. Os instrumentos tecnológicos da vida moderna têm chegado aos espaços rurais, como a televisão, a antena parabólica, o celular, ainda que este último apresente sinal ruim na maioria dos espaços de Vicentes. E com estes, chegam informações, novidades, estilos de vida que influenciam os modos de vida da Comunidade. Juntamente com tais instrumentos, chegam também as pessoas influenciadas por diversificados modos culturais provenientes das cidades que haviam migrado. É o caso dos jovens recém-chegados de São Paulo que se vestem com largas jaquetas e bermudas, grandes correntes no pescoço, usam o boné de marca do momento e se expressam com dadas gírias (E aí, mano?), curtem o hip-hop ou o rap em som alto.

Em uma das visitas ao campo, especificamente em janeiro de 2015, observei muitos desses momentos de descontração. Evidentemente que não é a proposta desta pesquisa apresentar dados mais específicos ou fazer prospecções sobre o quanto esses novos estilos culturais tem influenciado o dia a dia da Comunidade. Na verdade, consideramos pertinente assinalar que a vida local é deveras afetada pelo contexto exterior.

⁶⁴ DRUMMOND, Carlos de Andrade. *Alguma Poesia; Posfácio Eucanaã Ferraz*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

4 HISTÓRICO DO PROCESSO QUILOMBOLA

É através de uma retomada de si e de despojamento, é pela tensão permanente de sua liberdade que os homens podem criar as condições de existência ideal em um mundo humano. Superioridade, inferioridade? Por que simplesmente não tentar sensibilizar o outro, sentir o outro, revelar-me outro. (Frantz Fanon)

Amplamente conhecida como Povoado⁶⁵ de Vicentes pelos habitantes do Município de Xique-Xique, na Bahia, a Comunidade oficialmente nomeada em 2004 de Associação de Trabalhadores Rurais e Pescadores de Vicentes, passou a incluir ao final de 2006 na identidade do grupo o termo quilombola por ter sido certificada pela Fundação Cultural Palmares⁶⁶. Até o presente momento, vem sendo identificada como a primeira e até então a única comunidade reconhecidamente quilombola do Município.

Figura 42 - O símbolo de Xique-Xique



Fonte: Foto da autora. Xique-Xique, 2015. Área de entrada da sede da Cidade.

A escultura do pescador vestido de chapéu de palha, usando o arpão, a tarrafa e carregando um porção de peixes na mão, simboliza para o Município de

⁶⁵ Povoado- *adj* (*part de povoar*) 1 Que se povoou. 2 Habitado. *sm* Lugarejo ou pequeno lugar habitado.

⁶⁶ A Fundação Cultural Palmares é um órgão vinculado ao Ministério da Cultura do Brasil. Uma das funções da Fundação Cultural Palmares é formalizar a existência destas comunidades, assessorá-las juridicamente e desenvolver projetos, programas e políticas públicas de acesso à cidadania.

Xique-Xique - a partir da constituição de sua história de surgimento⁶⁷ enquanto povoação - a abundância do pescado e a prática do pescador artesanal e tradicional do Rio São Francisco. Assim, a identificação de “pescadores de Vicentes” está diretamente relacionada à própria história de formação do Município onde Vicentes está localizado.

Vicentes está indicada em lista atualizada⁶⁸ dentre as 2.474 comunidades quilombolas registradas no Cadastro de Registro Geral de Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) certificadas pela FCP. A Bahia soma o maior número destas comunidades, sendo 638 ao total, estando o Estado do Maranhão em segundo lugar, com 492.

Provavelmente, acompanhando as mudanças com o aumento destas comunidades na Bahia e com as discussões de interessados e envolvidos com tal processo, o Governo do Estado da Bahia realizou, em 2013, algumas ações, segundo informa a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI) como a institucionalização da Política estadual para as comunidades remanescentes de quilombos, a criação do Grupo Intersetorial para Quilombos (ambos através do Decreto 11.850/2009) e a ampliação da competência da SEPROMI, em 2011, no auxílio aos sujeitos que sofrem discriminação racial e outras formas de intolerância, incluindo, evidentemente, as comunidades quilombolas. A criação de uma Comissão Estadual para Sustentabilidade dessas comunidades e a publicação de uma Cartilha de direitos dos Povos das Comunidades Tradicionais também fazem parte do referido conjunto de ações.

Segundo informa Arruti, (2003), os quilombos constituídos na fase escravocrata no Brasil foram apropriados metaforicamente para se pensar as novas demandas sociais dos grupos negros rurais da contemporaneidade. Estes novos quilombos têm se constituído espaço de luta por garantias de direitos negados ou retirados, resistência cultural, afirmação identitária, dentre outras questões que perpassam por diversificadas realidades de ocupação do território.

⁶⁷ A Ilha que deu origem ao Município de Xique-Xique – o Miradouro – era frequentada, principalmente por pescadores por causa da grande quantidade de peixes existentes no arquipélago da Ipueira que circundava a Ilha.

⁶⁸ Lista das CRQs certificadas até 23-02-2015.

A morosidade do processo de titulação fundiária é um entrave para as referidas comunidades alcançarem o objetivo maior de garantir a posse da terra que eles ocupam. Segundo me informou um funcionário do INCRA, o processo é moroso, porque esbarra em questões nevrálgicas e mal resolvidas do país que é a posse da terra por envolver diversos interesses de instâncias públicas, setores privados e da sociedade civil como um todo.

Neste sentido, é importante salientar que esta questão da luta pela terra no Brasil não é um caso específico das comunidades negras, pois há extensa literatura a respeito das lutas e conflitos territoriais em diversas localidades brasileiras, a exemplo das lutas dos indígenas pelo direito a manter-se em suas terras; as ocupações de terra por posseiros; as formações de acampamentos e ocupações de terra pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) que perpassam por diversas fases da história social e econômica do país.

A trajetória de luta pela terra constitui a realidade de muitos grupos de famílias camponesas brasileiras, incluindo negros e não-negros. A história da apropriação da terra no Brasil considera que a grande maioria dos trabalhadores pobres das áreas rurais brasileiras não dispunha ou perdeu os direitos sobre as terras ocupadas, pois a partir da influência do sistema capitalista na 1ª Lei de Terras no Brasil de 1850 no qual o Estado passou a ter o direito público sobre terras devolutas e, valendo-se de legislações específicas, constituiu o poder de torná-las privadas e depois de instituir o Estatuto da Terra em 1964 pelos militares e em nome da modernização do campo.

Nesta perspectiva, muitos trabalhadores da terra foram explorados por grandes proprietários, empresas nacionais e internacionais. Segundo Maria Aparecida Silva (2004), com a modernização do campo e a aprovação do Estatuto de Terras pelos governos estaduais ocorreu a consequente produção de leis sobre a questão fundiária que parece não ter sido favorável ao homem do campo, especificamente para aqueles desprovidos dos registros legais dos territórios ocupados, como é o caso dos grupos rurais negros espalhados pelo país.

Obviamente que o direito ao título de terra não é o único objetivo dos sujeitos que pleiteiam o reconhecimento quilombola, porque o território onde ocupam representa, também, o espaço simbólico onde constroem suas famílias, valores, relações de pertencimento e códigos culturais.

Para os quilombolas de Vicentes, a terra representa não somente um instrumento para a produção dos bens e manutenção da família, mas principalmente relação de afetividade e pertencimento, afirmação de identidade, enquanto sujeitos que constroem sua história entendendo a família e a origem como seus principais bens sociais.

De forma geral, os quilombos contemporâneos se constituíram a partir da noção de coletividade, de grupo formado há anos no contexto de um território e que busca reconhecimento enquanto sujeitos negros com história e origem de luta pelos seus direitos tomados ou negados. Leite (2000), considera coletividade como um pleito que é comum a todos, que expressa uma luta identificada e definida num desdobrar por uma existência melhor, por respeito e dignidade.

4.1 A FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO E O RECONHECIMENTO QUILOMBOLA

Chegando à Comunidade dos Vicentes, uma das primeiras casas avistadas, a poucos metros da estrada de terra que dá acesso à localidade, é a de Bertulina, 1ª presidente e também fundadora da Associação de moradores de Vicentes e que, até meados de 2015, ocupou a vice-presidência.

Figura 43 - Residências de Vicentes.



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2014. A casa à direita pertence a Bertulina e à esquerda ao seu filho que atualmente reside em São Paulo.

Bertulina falou-me com entusiasmo da certidão⁶⁹ de reconhecimento quilombola expedida em 13/12/2006, pois esta representa a 1ª. conquista da Comunidade no pleito quilombola. Apesar de ser datada no período posterior a sua permanência na presidência da Associação de Moradores, é o seu nome que está registrado no documento enquanto presidente da Associação local. Ela fez questão de evidenciar para mim, em variados momentos, esta conquista do grupo e, obviamente, a sua participação ativa no processo.

⁶⁹ Processo instaurado na Fundação Cultural Palmares sob o número: 01420.006114/2014-99.

B:Eu fui lá na Marreca para saber como era que fazia a ata da assembleia. Essas comunidades todas já tinham Associação, menos aqui. Eu andei por Xique-Xique para resolver os documentos da Associação. Eu participei de muita reunião. Se não fosse eu na frente, as coisas não resolviam!

Bertulina também guarda junto com outros documentos um breve relatório histórico e a declaração de autorreconhecimento quilombola. O relatório apresenta a localização da Comunidade, informações geográficas relativamente superficiais sobre a área ocupada, a chegada em finais do século XIX de Vicente Pereira Baldino; a compra por Vicente de uma parte das terras pertencente ao povoado de Marreca; o casamento com Joventina Pereira da Cruz; os nomes de alguns de seus descendentes; o casamento destes com pessoas originárias da comunidade fronteira de Juremal; a caracterização negra da família; a totalidade de 25 famílias constituída por 135 pessoas; a situação econômica local: a sobrevivência da população através da plantação em roças nas ilhas ou vazantes onde produzem milho, feijão, mandioca, batata, melancia abóbora e criam alguns caprinos, bovinos, suínos, aves. Enfim, o texto é concluído apresentando a situação de carência econômica e da falta de políticas públicas na Comunidade.

Não é proposta deste trabalho avaliar se a narrativa sustentada pela Comunidade dos Vicentes é real ou não, inventada ou ressignificada, pois estamos considerando o discurso da crença numa origem comum - a ideia de comunidade imaginada por Benedict Anderson (1983): “As comunidades não devem ser distinguidas por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas”.

A proposta é buscarmos levantar outras informações pertinentes ao grupo e sua história no decorrer dos anos que ajudem a compor um quadro o mais nítido possível e aproximado da realidade vivida por esses sujeitos, ressaltando obviamente, como se processou a luta pela identificação quilombola; se tal fato influenciou ou mudou a vida dessas pessoas e quais mudanças os quilombolas, bem como aqueles que os tem auxiliado nesta empreitada, ainda esperam acontecer. Enfim, refletir acerca das possíveis consequências do processo de *quilombolização* na vida dos habitantes da Comunidade.

Figura 44 - A família de Vicentes



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Na imagem vemos a senhora Joventina Pereira da Cruz acompanhada de uma neta, segundo nos informou Bertulina que está em poder desta imagem.

Não identificamos nenhuma fotografia de Vicente Baldino entre os moradores de Vicentes, entretanto Bertulina tem em sua posse uma fotografia de Joventina da Cruz na qual ela se encontra acompanhada de uma de suas netas. A imagem da esposa de Vicente Baldino sugere que ela estava, à época, com mais de cinquenta anos de idade. Entretanto não há informações a respeito da data e nem do local onde a imagem foi capturada.

Ainda que Joventina seja uma das protagonistas da narrativa de origem da Comunidade, é Vicente quem aparece como figura principal desta história, ou seja, é o homem, o pai, o fundador do lugar, o líder, o patriarca da família - instituído dentro do modelo de família patriarcal - que está no centro da narrativa contada e recontada pelos seus moradores. Conforme Dortier (2010), o patriarcado significa a autoridade da *paterfamilias*, e que, segundo o sociólogo Manuel Castells, a sociedade patriarcal é como um “modelo de autoridade” institucionalizada dos homens no seio da família introduzida em toda organização social e que constitui-se enquanto modelo de família tradicional até o século XX.

Quanto ao relatório e a declaração de autorreconhecimento⁷⁰ encaminhado a Fundação Cultural Palmares, é necessário enfatizar que estes documentos constituem a primeira etapa do processo do pleito quilombola contemporâneo brasileiro. Em Vicentes, de acordo com relatos, todos os associados e presentes em assembleia deliberaram a autoafirmação quilombola sem maiores discussões ou possíveis conflitos.

Assim que a FCP formaliza a existência da comunidade no CRQs, nos termos do & 4º. do art. 3º. Decreto nº. 4.887/2003, são iniciados os procedimentos administrativos do processo requerido por qualquer interessado pelas representações dos quilombolas ou de ofício pelo INCRA, atendendo a vontade das partes interessadas. Portanto a apresentação da certidão de reconhecimento é elemento indispensável para o INCRA iniciar tais procedimentos, notificando órgãos e entidades diretamente envolvidos no sentido de se manifestarem sobre o assunto a partir de suas competências específicas.

No entanto, o Povoado dos Vicentes, antes mesmo de dar entrada na certidão de reconhecimento em 2006, havia formalizado em 2004 a sua Associação de Pescadores e Trabalhadores Rurais, porque, segundo me informou o presidente da Associação José dos Santos⁷¹ - entre 2002 e 2004 - o prefeito da cidade de Xique-Xique, naquele período, José Magalhães, o orientou a constituir legalmente uma associação de moradores para que benefícios sociais como: energia elétrica, água encanada e o recebimento de auxílios econômicos pudessem chegar à localidade. Bertulina se mobilizou em pesquisar nas comunidades vizinhas - já constituídas legalmente - informações sobre os tramites necessários para formação da associação e assim começaram a se organizar em assembleias para definir as suas principais demandas.

⁷⁰ A comunidade deve possuir uma associação legalmente constituída e apresentar uma ata de reunião convocada para a autodefinição aprovada pela maioria dos moradores, acompanhada de lista de presença devidamente assinada. Enviar a documentação à Fundação Cultural Palmares, juntamente com fotos, documentos, estudos, reportagens, que atestem a história do grupo e etc. www.fcp.org.br.

⁷¹ Presidente da Associação de moradores de Vicentes até junho de 2015. Em julho de 2015, Nilda Martins e Sônia Martins assumem a liderança da Associação, mas em dezembro do mesmo ano, mudou-se novamente a direção para Messias Martins e, novamente, Bertulina assume a vice-presidência.

Em 2006, já na gestão de José Antônio na presidência da Associação de Vicentes, o funcionário da CPT⁷², Hamilton, ligado a Diocese do Município de Barra⁷³ - a 88, 5km de Xique-Xique - esteve visitando a Comunidade, a pedido de pároco de Xique- Xique, na época, Frei Hervilson, que possuía uma equipe na sua Paróquia encarregada de identificar e acompanhar as necessidades básicas das comunidades rurais do Município e suas principais demandas por políticas sociais. E, assim, Vicentes foi uma das selecionadas para este trabalho.

De acordo com Hamilton, a equipe do frei tinha observado que os moradores em Vicentes reclamavam da pequena área onde estavam localizadas suas casas e necessitavam expandir seu espaço de moradia, pois já contavam com 24 famílias divididas em território limitado pelo Rio São Francisco, pelo povoado de Juremal e pela Marreca.

Hamilton informou-me que ao manter diálogos com as pessoas em Vicentes, foi identificado que, pelo período em que o povoado foi formado, pela narrativa de chegada de seus primeiros habitantes e pela constituição fenotípica negra das famílias, os moradores deveriam reivindicar a identificação quilombola junto ao Estado brasileiro. Assim, os orientou e auxiliou na produção de um breve relatório histórico da Comunidade e do texto de autodefinição quilombola, ajudando no envio de tais documentos para a FCP.

O presidente da Associação de moradores dos Vicentes, anteriormente citado, José dos Santos, também confirmou-me esta história, entretanto não compreende o distanciamento da CPT, um pouco depois da fase de reconhecimento, no sentido de acompanhar à Comunidade nas etapas processuais subsequentes.

Já segundo Hamilton, quando foi iniciada a discussão nas assembleias que ele participou com essa Associação, sobre a área territorial a ser delimitada, os moradores demonstraram-se receosos com a possibilidade de provocarem conflitos com indivíduos da Comunidade vizinha de Marreca, pois alguns trechos reivindicados, estavam sendo ocupado pelos marrequeiros. Ainda segundo

⁷² A CPT surgiu na primeira metade dos anos de 1970 como uma forma de ampliar o campo de interlocução com o Estado, aperfeiçoando os mecanismos de acompanhamento das ações administrativas e dos setores técnicos concernentes às demandas dos grupos indígenas e camponeses, pautando, com isso, uma uniformização das práticas. (ARRUTI, 2003, p.141).

⁷³ Cidade localizada à Oeste da Bahia, circundada pelo Rio Grande e Rio São Francisco, há 807 km de Salvador. (Guia Cultural da Bahia, 2001)

Hamilton, a CPT decidiu então, naquele momento, recuar no auxílio ao grupo, de acordo com os procedimentos e normas internas da Comissão nestes casos:

A gente percebeu que a discussão com relação ao território não tava avançando muito. Parece que o pessoal tava com medo, aí a gente não força [...] A partir do momento que a comunidade demonstra não muito interesse na discussão territorial [...] porque o importante pra a comunidade não é simplesmente ser reconhecida como quilombola, é garantir seu território! E quando a gente percebe que eles tão assim com receio, não tão muito dispostos, porque se a gente for fazer um levantamento das outras comunidades que hoje são reconhecidas, passou por um processo de discussão.

Na ata da assembleia datada de 19 de junho de 2008 e enviada ao INCRA-Ba consta a participação de Hamilton juntamente com os moradores de Vicentes. No texto é citada a fala de Hamilton que argumenta sobre a necessidade de a Comunidade solicitar a abertura do processo de regularização fundiária do seu território enquanto grupo quilombola e também que o grupo deveria solicitar a regularização fundiária junto aos órgãos competentes, entretanto devendo estar consciente sobre o seu posicionamento e as consequências advindas a partir daí, inclusive cobrando desses órgãos a agilidade no processo. Dito de outro forma, o grupo de Vicentes deveria compreender que o processo pela posse das suas terras demandaria algum tempo e também ações constantes de seus moradores no sentido de reivindicar maior efetivamente no processo, pois a morosidade do pleito já seria algo esperado.

Esta solicitação foi enviada pela Associação de Vicentes à Coordenação do Grupo de Território Rural Quilombola do INCRA-Ba, em setembro de 2009, e apresentava, também, os argumentos sobre a urgência do grupo em demarcar suas terras, porque parte da área que lhes pertencia estava sendo utilizada por pessoas de comunidades vizinhas e tinham a necessidade de ampliar o espaço onde vivem, também por que suas casas estão localizadas bem próximas ao rio e quando acontecem as enchentes, necessitam se transferir e, assim, acabam perdendo seus bens. Ainda acrescentaram que os locais das ilhas ao longo do rio não eram suficientes para o plantio, pois precisam sempre dividi-las com pessoas de outras comunidades.

Somente em setembro de 2009, há exatamente um ano depois, o então superintendente do INCRA - respondeu tal solicitação, afirmando estar já aberto o processo administrativo para regularização do território quilombola dos Vicentes.

No entanto o referido Órgão acrescentou que dependia da disponibilidade de técnicos para iniciar os trabalhos de campo, o que não era possível naquele momento, mas salienta que quando ocorresse a disponibilidade de servidores, a Comunidade seria prontamente atendida.

Em 2010, a Associação de moradores de Vicentes envia um ofício destinado à Coordenadora Geral de Regularização Fundiária Quilombola da sede do INCRA em Brasília, especificamente para obtenção de informações sobre o andamento do processo de regularização do território, porém a resposta dada, no mesmo ano, consta somente a informação de que a Comunidade está devidamente certificada e de que a Coordenação do referido Órgão já havia dado início ao processo citado.

O padre e atual Secretário Municipal do Trabalho e Desenvolvimento Social de Xique-Xique, José Romero, também concorda com Hamilton sobre o posicionamento de recuo dos moradores de Vicentes após a fase de reconhecimento pela FCP. Ele acredita que a atuação lenta e de certa forma desacreditada do grupo foi e está sendo determinante para a demora na resolução final do processo.

Depois do reconhecimento, a Comunidade recuou quando soube que teria direito às áreas usadas pelas comunidades vizinhas e que o povo de Vicente usa como alagadiço. Ficaram com medo de criar desavenças com esses vizinhos. Aí eles recuaram, por isso que está demorando tanto o processo para regularizar a terra.

Entretanto, as pessoas da Comunidade não comentaram em seus depoimentos se possuíam ou demonstraram algum tipo de receio em provocar conflitos com as pessoas da Marreca ou se pensaram em recuar do pleito por isso; as atas das assembleias não fazem referência a este assunto e a Associação local continuou o processo de regularização das terras, na medida em que enviou a solicitação de abertura do processo ao INCRA e foi pedindo, ao longo dos anos, informações regulares sobre a situação do pleito.

Por outro lado, no texto da citada ata, o questionamento de Hamilton feito aos moradores sobre se estavam realmente cientes da decisão e das consequências que poderiam advir do processo a respeito da demarcação das suas terras, dá brecha a uma possível explicação: se parte das terras as quais os moradores estão pleiteando podem incidir sobre áreas atualmente ocupadas por

não-quilombolas, alguns dos quilombolas podem ter se apresentados, naquela oportunidade, contrários ou receosos sobre possíveis desentendimentos futuros com seus vizinhos.

De qualquer forma, se este recuo aconteceu, não impediu de a Comunidade dá prosseguimento ao processo de titulação, porque verificamos nas atas de reuniões enviadas ao INCRA-Ba, entre 2006 e 2012 - período de atuação do presidente José dos Santos na Associação de moradores - a existência de muitas discussões travadas e deliberações de propostas aprovadas nas referidas assembleias

Sob este aspecto das áreas a ser indicadas pelas comunidades quilombolas para a aquisição de sua titulação fundiária, Hamilton, também, argumenta:

Essa coisa da comunidade quilombola se estende além de onde a comunidade está, porque no caso, se hoje uma comunidade estiver numa área de 20 hectares, mas os seus antepassados viveram numa área de 50, então todo esse território pertence à comunidade. Aí seria uma discussão muito complexa mesmo! Porque as outras comunidades vizinhas que também não abrem mão de seu território, né?! Eu acho que foi isso que deixou o pessoal mais assim [...] é [...] amedrontados, com receio, porque tem muitas comunidades que não se reconhecem como quilombolas, e se os Vicentes for mesmo reivindicar o direito territorial, esse território vai além daquela área que eles moram, né?! Tem a Marreca do lado, que num sei, né, pode até fazer parte, né?! A Marreca, né?!

O secretário municipal José Romero, também salientou em entrevista que, desde 2013, quando assumiu a Secretaria de Desenvolvimento Social, detectou desconhecimento dos quilombolas quanto a muitos de seus direitos, inclusive havia alguns deles ainda não cadastrados no Benefício da Bolsa Família. Assim, foi necessário, segundo ele, informá-los e auxiliá-los no sentido de serem devidamente cadastrados para o recebimento do auxílio nesta Secretaria.

O Secretário municipal José Romero compreende quilombo contemporâneo como um grupo de negros que reside por um longo período de tempo em uma determinada área rural e mantém determinadas características como habilidade e força física para o trabalho na agricultura, descendendo possivelmente, de negros cativos ou libertos do período escravocrata brasileiro que seguiram para locais como estes, mais distanciados das cidades e onde puderam encontrar profícuos

meios de sobrevivência em decorrência de fontes de riquezas naturais: o solo, os minérios e o rio.

Tal ideia provavelmente comunga com a compreensão sobre quilombo apropriada nos dispositivos legais e significativamente recorrente no imaginário popular brasileiro que remete ao quilombo histórico de Palmares⁷⁴, na Serra da Barriga, atual região de Alagoas, espaço distanciado da cidade utilizado como abrigo e resistência para escravos fugitivos, bem como a narrativa sobre Zumbi, o herói mitificado na luta em prol da liberdade dos direitos do negro e amplamente apropriado pelos movimentos sociais - dentre eles militantes negros - acadêmicos, grupos políticos. No entanto, muitas informações sobre Palmares são generalizadas, “pois os autores tomam informações de fontes que retratam, sem muito vagar, condições locais específicas e momentos isolados de uma sociedade composta de vários núcleos populacionais, que durou quase cem anos”. Reis (p. 16, 1996).

Ainda segundo Reis, a versão de Décio Freitas de que Palmares foi uma sociedade economicamente igualitária e distributiva é bastante difundida, no entanto havia lideranças que detinham privilégios, o controle da terra, de armas e de pessoas, produzindo poder e prestígio e uma estrutura hierárquica social de certa forma exigente.

⁷⁴ O Quilombo de Palmares constituiu-se num modelo de comunidade negra de resistência para se pensar e elaborar o texto legal 68 da Constituição de 88, em comemoração aos 100 anos de abolição da escravidão, referente ao reconhecimento legal das terras dos remanescentes de quilombos no Brasil.

4.2 A INTERVENÇÃO DO MPF E O PROCESSO DE TITULAÇÃO FUNDIÁRIA

Em 2011, os representantes da Comunidade solicitaram ao Ministério Público Federal (MPF) ajuda no sentido de ser iniciado o processo de regularização fundiária em seu território. Desta forma, entre 09 e 10 de outubro de 2012 novos agentes entram em cena para participar do pleito: a antropóloga e técnica pericial, Sheila Brasileiro e o Procurador da República, Samir Nachef, realizam uma visita em Vicente no intuito de produzirem provas técnicas para comprovar a necessidade de urgência na demarcação das terras pelo INCRA.

Com a referida visita, é elaborado um relatório antropológico assinado por Sheila Brasileiro, apresentando a origem e localização da Comunidade, bem como alguns integrantes da família, a situação econômica, os modos de vida e as representações culturais existentes.

A atuação de Bertulina como uma representativa liderança local é também citado no relatório, pois esta acompanhou todo o trabalho de coleta das informações junto aos descendentes do ancestral Vicente e as visitas as áreas pertencentes à localidade. Interessante salientar que foram entrevistados não somente os parentes de Vicente residentes na Comunidade, mas também àqueles residentes em outros povoados, como Marreca, Juremal, Nova Iguira, a exemplo de Zilda, 59 anos, neta de Vicente e residente no Distrito de Nova Iguira:

Eu não conheci meu avô, mas sei que ele comprou essa terra lá do povo da Marreca, do lado da Marreca. Tinha a Marreca, aí veio os Vicentes". Tinha a Marreca, aí veio os Vicentes. O emprego lá era trabalhar na roça. Quem começou a Marreca foi um pessoal que chegou correndo da fome.

Mesmo José dos Santos tendo liderado a Associação de Vicentes por dois mandatos seguidos e com o auxílio de Bertulina na vice-presidência, como já dito, é perceptível a influência desta mulher na tomada de decisões em prol dos interesses da Comunidade.

Os relatos obtidos por Sheila Brasileiro não indicam a data provável de chegada de Vicente Pereira Baldino ao Município de Xique-Xique - até por que o grupo não sabe precisar ao certo esta informação - apenas informa a respeito da chegada deste no Município, fugindo possivelmente da escravidão, da província

de Pernambuco, e já casado com Joventina Pereira da Cruz. Assim, de acordo Lielson, um dos netos de Vicente:

L: Quando eu alcancei ele, ele era novo e ainda trabalhava. Quando ele morreu, eu tinha dezesseis anos. E quando a mulher dele morreu, eu estava em São Paulo. A mulher dele era de Pajeú da Flor, Pernambuco. Ele já chegou casado. E ele viveu o cativo. Ou se ele não viveu, fugiu de lá por medo. Na Marreca não aceitaram ele, porque era de cativo. Aqui tratava “os nêgos” de Vicente.

A possível fuga dos fundadores da Comunidade de Pernambuco para a Bahia, pode ter sido uma decisão individual da família, até por que conforme Ferreira (1989), estudos históricos sobre a resistência à escravidão revelam que fugir parece ter sido uma decisão menos coletiva e muito mais individual, apesar desta ação exigir maior poder de negociação e de alianças com fazendeiros, sujeitos com ou sem prestígio social e econômico. Logo, segundo Eduardo Silva (1989) apud Ferreira (idem), a escravidão não terminava nas porteiras das fazendas, pois estava dentro do contexto da lei geral de propriedade e da ordem social então vigente.

A discriminação sofrida pela família de Vicente, para além de remeter a cor e a traços fenotípicos, indica uma discriminação referente à origem escrava do seu ancestral. Neste caso específico, se considerarmos que o período de chegada de Vicente em Xique-Xique possa ter acontecido em meados ou final do século XIX, muitas pessoas, sobretudo os integrantes das famílias de prestígio social da sociedade xiquexiquense, certamente menosprezavam os indivíduos que foram escravizados, estabelecendo distorções de suas características morais, demonstrando explícita atitude discriminatória.

Além da narrativa contada pelos moradores de Vicentes, o relatório elenca dados históricos e geográficos a respeito da instalação de grupos de ex-escravos que, fugindo da escravidão, buscaram áreas nas encostas das serras e proximidades do Rio desta região em busca de minérios e de terras boas para o plantio. Sheila faz referência às dissertações das irmãs Taiane Dantas Martins⁷⁵ e

⁷⁵ MARTINS, Daiane D. *Da enxada ao Clavinote: experiências, liberdade e relações familiares de escravizados no sertão baiano, Xique-Xique (1850-1888)*. Dissertação de Mestrado. UNEB - Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local. Santo Antônio de Jesus, 2010.

Daiane Dantas Martins⁷⁶. A primeira relata sobre as secas que assolaram a região em meados do século XIX e forçaram muitos negros cativos a fugirem para a Serra do Assuruá, área propícia ao extrativismo mineral e ao desenvolvimento de atividades agrícolas onde atualmente está localizado o Município de Gentio do Ouro, mas que no passado fazia parte dos Municípios de Ibipeba, Ipupiara e Xique-Xique.

Daiane Martins faz um recorte temporal da seca que assolou a mesma região, em 1932, conduzindo a discussão para o propósito de demonstrar que a extração de minérios na Serra do Assuruá aconteceu, em especial, por pessoas de menos posses fugidas das secas. No entanto é Taiane quem aponta em seu texto a formação de quilombos no século XIX na Serra do Assuruá e, possivelmente, a continuação de muitas dessas comunidades nos dias atuais.

Taiane Dantas (2010), cita os vários quilombos formados na Serra do Assuruá devido, além das já citadas buscas por riquezas naturais e econômicas, o difícil acesso à área. Ou seja, esses quilombos são compreendidos como espaço de relativo isolamento onde famílias de cativos e seus descendentes desenvolveram diversas atividades econômicas. Por outro lado, a pesquisadora, ao relatar a existência de negociações frequentes de produtos entre os quilombolas e os poderosos da região, explicita que os quilombos foram, do mesmo modo, instituições dinâmicas dentro do processo escravista, até porque aqueles forneciam produtos como ouro, fumo e farinha a estes.

Estudos sobre os quilombos históricos no Brasil apresentam diferenciadas realidades. O pesquisador MIKI, Yuko ao analisar o quilombo de São Mateus, formado dentro da Província de São Mateus, no Espírito santo, entre 1880 e 1881, aponta que “os quilombos na área não estavam escondidos, mas à vista de todos, em propriedades da cidade, visto que os próprios quilombolas escolheram criar um assentamento de fácil alcance para aplicação da lei local” (2014, p. 40).

As referências feitas no relatório antropológico sobre as pesquisas das irmãs Daiane e Taiane, possivelmente, tiveram o objetivo de se pautar em conteúdos históricos que apresentassem explicações coerentes sobre a chegada

⁷⁶ MARTINS, Taiane D. *Um Flagelo no sertão baiano: cotidiano, migração e sobrevivência na seca de 1932 (vila de Canabrava do Gonçalo/ Xique-Xique)*. Dissertação de Mestrado. UNEB - Programa de Pós Graduação em História Regional e Local. Santo Antônio de Jesus, 2010.

de muitos cativos no século XIX no Município de Xique-Xique e, do mesmo modo, a formação dos quilombos. No entanto, a Serra do Assuruá, mesmo tendo sido parte de Xique-Xique até 1890, localiza-se, numa área onde se ergue um conjunto de serras entrecortadas por vales, rios, cachoeiras e fazem parte, atualmente, do território da Chapada Diamantina, sendo pertencente à cidade de Gentio do Ouro, distanciado a 81,0 km de Xique-Xique.

Vicente Baldino pode ter percorrido áreas da referida Serra, até porque estas terras, em meados do século XIX constituíam-se passagem e ocupação temporária de muitos migrantes originários de outras áreas do sertão nordestino, de indivíduos originários de várias regiões do Brasil e de estrangeiros, em decorrência da notícia de prosperidade dos minérios da região e a proximidade com o rio, conduzindo, inclusive, escravos fugitivos da época a se transferirem para a Serra e a se misturarem a outros indivíduos em busca de melhorias de vida.

Sob esta perspectiva, Elisângela Ferreira (2005), informa que o Porto do Miradouro, localidade onde teve início o Arraial, depois a Vila e a atual cidade de Xique-Xique, entre os anos de 1930 e 1940, era um lugar habitual de passagem pela via fluvial dos viajantes que levavam mercadoria ou pessoas e divulgavam notícias de outros pontos do Vale do Rio. Mas estas são apenas suposições da trajetória de chegada de Vicente ao Município.

Tanto no relatório como nas pesquisas de campo por mim realizadas, há a indicação da predominância de relações endogâmicas em Vicentes, através da união realizada basicamente entre os membros das famílias dos Pereira Baldino e dos Sancho Pereira. Esta última família composta também por negros da região. Certamente a constituição de laços com uma família, também, de negros da localidade de chegada, pode ter se dado, porque o casal Vicente e Joventina buscava fixar relações para não se sentir estrangeiro em Xique-Xique, e nada mais interessante do que se unir a uma família que vivenciasse situações semelhantes no contato com outros, como o preconceito sofrido por ser negro.

Na verdade, quando perguntados sobre as relações de parentesco, as pessoas de Vicentes afirmam: “Aqui nós somos tudo parente do velho Vicente. Somos tudo de uma família só!”. Assim, não diferenciam os parentes consanguíneos daqueles que contraíram matrimônio com pessoas da localidade. A constituição familiar tem considerável valor para estes sujeitos, inclusive quando

questionados sobre a identificação quilombola, remetem-se inicialmente a pertença à família de Vicente Baldino.

Conforme Klass Wortmann (1990), a etnografia do campo no Brasil revela uma ética camponesa que tem como ordem moral a relação com a terra, com o trabalho e a família. Esta última categoria é o ponto central para o homem do campo, pois há um valor-família estabelecido neste contexto.

É necessário salientar que o povoado de Vicentes tem pouca visibilidade enquanto comunidade quilombola em Xique-Xique, pois constatamos que imagens divulgadas pelo site do MPF de Vicentes em 2012, dos moradores, do aspecto físico do lugar, da igreja, são as únicas referências utilizadas por moradores e ex-moradores da cidade para divulgar informações relativas ao reconhecimento da Comunidade junto à FCP e a morosidade do INCRA na elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação, necessário ao avanço do processo até a fase final da titulação fundiária.

Assim, quando a mídia de Xique-Xique quer discutir sobre a existência do Quilombo de Vicentes, apoia-se em informações e imagens da Comunidade coletadas, há três atrás, por técnicos do Ministério Público Federal. Não há nem mesmo o interesse em visitar Vicentes e divulgar a trajetória do grupo, suas demandas, seus modos de vida, sua cultura e religiosidade para, desta forma, poder ampliar o debate em torno da questão quilombola no Município.

Figura 45 - A imagem do grupo na mídia



Fonte: Foto de Sheila Brasileiro, Vicentes, 2012. Imagem divulgada no site do MPF, apresentando alguns moradores de Vicentes reunidos na igreja local.

Provavelmente essa imagem capturada pela antropóloga Sheila Brasileiro foi registrada com a intenção de reunir parte de seus moradores na igreja local, espaço bastante frequentado pelos moradores, com a função política e social de comprovar a existência do grupo e a imprescindível necessidade desses indivíduos de serem atendidos em suas demandas. As pessoas presentes na imagem parecem buscar o olhar do fotógrafo que, possivelmente, estivesse no canto direito do local. Elas colocam-se em uma posição de seriedade, inclusive alguns chegam a demonstrar certa desconfiança ao olhar para a câmera, desviando o olhar, talvez procurando entender o que realmente estava se passando - no caso das crianças - ou preocupadas se realmente estavam na postura adequada para o registro de uma fotografia que seria destinada a auxiliá-los na agilização do processo em curso.

Suponho, realmente, não existir interesse da mídia local, políticos e população em geral de Xique-Xique em conhecer a trajetória do grupo de Vicentes, pois, ao acessar o site oficial da Prefeitura de Xique-Xique, há poucas referências sobre a Comunidade. E quando consultei trabalhos de pesquisa no Campus XXIV da UNEB de Xique-Xique, apenas identifiquei uma monografia sobre a Comunidade Quilombola de Barreiros, situada em Itaguaçu da Bahia, Município localizado a 42 quilômetros de Xique-Xique.

Um funcionário da Secretaria de saúde do Município de Xique-Xique foi enfático ao afirmar para mim que os quilombolas de Barreiros são realmente “os verdadeiros quilombolas”, porque são “bem negros” e possuem tradições e expressões culturais diretamente relacionadas à organização de grupos de escravos fugidos e seus descendentes na região. Tal compreensão do quilombo contemporâneo como espaço de manutenção de modos de vida dos ancestrais escravos converge num mesmo sentido para a compreensão atribuída pela FCP: “quilombolas são descendentes de africanos escravizados cujas tradições culturais, de subsistência e religiosas se mantêm ao longo dos séculos”.

Já o Secretário do Município, José Romero, fez comparações ao adiantamento do processo de titulação fundiária de Barreiros em contraposição a situação de Vicentes, sugerindo que, apesar de se situarem em áreas relativamente próximas e ambas terem sido assistidas pela CPT, o interesse dos

quilombolas daquela Comunidade em lutar por seus direitos foi fator decisivo nesse processo, não acontecendo o mesmo em Vicentes.

Níveis de gradação da cor da pele e a aparência física são ainda correlacionados a concepções de valor na compreensão de muitos indivíduos, porém de acordo com Gates, Jr. (1985, p. 6) apud Guimarães (1995) estas noções são pseudocientíficas e constituem-se em imagens, pois não se pode definir alguém precisamente de cor preta, ou amarela, ou branca, portanto são construções arbitrárias demonstradas através da linguagem, expressando relações de subordinação de um grupo em detrimento de outro.

Samir Nachef, autor do pedido de ação Liminar dirigida ao INCRA, em 2012, pelo MPF em Irecê - Bahia, cidade próxima a 110 km de Xique-Xique, requereu na época que a Justiça Federal acionasse o INCRA num prazo de 60 dias para iniciar os estudos na área de Vicentes e elaborar o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), obrigando o INCRA a concluir esse Relatório em 180 dias para agilizar a regularização fundiária da Comunidade. Em caso de descumprimento das referidas obrigações, este Órgão teria que pagar multa diária a ser revertida para o Fundo Nacional de Direitos Difusos. Ainda de acordo com informações divulgadas no MPF, havia quase cinco anos a contar da data de realização da visita dos técnicos do MPF, em outubro de 2012, que tramitava no INCRA um procedimento para realização do RTID.

O INCRA em resposta a ação judicial em 2009, alegou falta de antropólogos no Órgão para elaboração do relatório técnico. Mais uma vez, em 2011 e 2012, o INCRA foi notificado e reiterou a falta de profissionais na resolução do caso. O procurador Samir não considerou as justificativas do INCRA, pois alegou que “a carência de servidores no Órgão não é motivo razoável para entregar às ruínas uma minoria étnica com passado já suficientemente massacrado”. (2012, p.2).

Uma das questões prováveis a respeito da demora na resolução dos processos pelo INCRA sobre as comunidades quilombolas da contemporaneidade, refere-se a muita demanda de processos e pouca oferta de técnicos para o trabalho. Assim, somente após um estudo pormenorizado dos procedimentos internos deste Órgão para a titulação fundiária, dos interesses de todos agentes e agências envolvidas para atender as fases impostas no processo,

é que se poderá compreender o que realmente tem gerado um distanciamento entre o ato de reconhecer e titular os territórios.

O Presidente do INCRA, Carlos Guedes, afirmou em entrevista, em 2015, que o Órgão reconheceu mais de 2,3 mil famílias quilombolas em todo o Brasil e expediu 25 títulos definitivos de terras que somam mais de 33 mil hectares. Contudo acrescenta: “Há muito o que fazer, certamente, mas estou convencido que esta trajetória do Incra, em conjunto com os órgãos que compõem a Mesa Permanente e o Movimento Quilombola, é vitoriosa e pode ser aprimorada”.

Quanto ao discurso do Procurador Samir, observa-se a apropriação do termo “étnico” que foi inserido pelo discurso antropológico na redefinição do texto legal em 1994 a respeito das comunidades remanescentes de quilombos, baseado nos estudos de Fredrik Barth sobre grupos étnicos.

A orientação pedida pela FCP à Associação Brasileira de Antropologia (ABA), no referido ano, redefine, então, os critérios em moldes estritamente históricos das comunidades quilombolas brasileiras para uma definição relacionada também a autodefinição quilombola. Assim, de acordo com Arruti (2003):

As noções de etnia e etnicidade desempenham uma função extremamente pragmática ao permitirem a mediação entre noção histórica de quilombo e a noção sociológica de terras de uso comum, justificada primeiramente, por outras variações nas quais a menção à cor já não se faz presente, como as Terra de Herança, as Terras de Índio [...] Portanto, a etnicidade desloca o centro do debate da afirmação de uma negritude para a caracterização de uma forma organizacional camponesa, associada a uma autoatribuição referida a ela.

4.3 O RELATÓRIO TERRITORIAL DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO/ O INCRA NA COMUNIDADE

Após seis anos certificada, especificamente em agosto de 2013, a Comunidade Quilombola dos Vicentes, recebeu então a visita do clérigo José Romero, do analista de reforma agrária do INCRA-Ba, Flávio Assis, e do antropólogo e analista técnico pericial do INCRA-Brasília, Cristiano Dourado, para elaboração do relatório antropológico como parte necessária para composição do RTID.

E, de acordo com os encaminhamentos descritos na ata da assembleia realizada pela Associação de Moradores local, estes receberam visitas importantes na Comunidade para resolver a questão da regularização de suas terras, tendo o técnico pericial afirmado que o INCRA tinha como objetivo devolver trechos das terras dos quilombolas apossadas por outros ao longo dos anos, inclusive buscando fazer acordos com pessoas que, atualmente, ocupam-nas e não são quilombolas. O antropólogo também informou ao grupo que, após um demorado processo, a intenção seria regularizar as suas terras para a Comunidade ficar então prestigiada. Para tanto, iniciaria o trabalho com visitas entre 2013 e 2014.

Durante o período de visitas de Cristiano, o secretário José Romero enviou um ofício ao INCRA - Ba informando que a Associação de moradores de Vicentes havia pleiteado junto à Caixa Econômica Federal a construção de residências por meio do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) que faz parte do Minha Casa, Minha Vida. Como a Comunidade não possuía o título de propriedade da área para a construção das casas, solicitava ao INCRA uma declaração de que estava sendo feita a regularização do território. No texto, é informado que as famílias necessitavam deste auxílio, porque suas casas eram construídas, na sua maioria, de taipa, o que se configurava risco para possível contágio da doença de Chagas, sem contar o desconforto de algumas famílias em conviverem em um espaço ínfimo.

Infelizmente, o grupo de Vicentes não foi atendido pela Caixa Econômica e eles desconhecem o motivo da negativa. Ao longo desses anos de pleito, foram construindo suas casas de bloco com recursos próprios, através da realização de

empréstimos junto aos bancos, principalmente através dos aposentados. Esse Programa, de acordo com informações veiculadas no site da Caixa Econômica Federal⁷⁷, possui o objetivo de subsidiar a construção de habitações, através de benefícios econômicos como a aquisição de material de construção, a construção, conclusão ou reforma das moradias, para agricultores familiares e trabalhadores rurais em todos os municípios do país - sendo ou não grupo quilombola -, contudo para a aprovação do projeto é necessário que o grupo solicitante atenda a uma série de exigências legais que podem constituir-se em impedimento para muitas comunidades rurais.

O analista e técnico pericial, Cristiano, visitou a Comunidade por três vezes. E, segundo informações de Fabiana, esposa de Reilson, ex-professor da escola local, Cristiano se apresentou não somente como o profissional interessado em obter informações para produção do RTID, mas também como o sujeito sensível a outras demandas do grupo, pois ele dialogou com os moradores sobre suas principais prioridades e direitos, orientando-os sobre as políticas públicas destinadas pelo Estado Brasileiro aos quilombolas e, também, sobre a necessidade do grupo lutar aguerridamente por isto. Aproximou-se, do mesmo modo, das crianças e dos jovens do lugar e se prontificou a anotar os nomes dos moradores locais para que fossem devidamente incluídos em alguns programas agrícolas oferecidos pelo Governo do Estado.

Consoante informações colhidas através de profissionais do INCRA-Ba, precisamente em junho de 2015, todo o território pertencente a Vicentes foi demarcado e elaborou-se a sua planta de localização e o relatório antropológico foi finalizado por Cristiano. Outros funcionários do Órgão têm dado continuidade ao processo que entrou, desde julho de 2015, na fase do levantamento fundiário, composto do levantamento cartorial e, também, topográfico da área em questão.

Após a resolução da fase de levantamento fundiário, a etapa seguinte do processo ficará então sob responsabilidade da SPU para ser feita uma nova identificação no território em decorrência da constatação de que há em Vicentes áreas de linhas médias das enchentes ordinárias do Rio São Francisco, portanto

⁷⁷ Disponível em <http://www.caixa.gov.br/poder-publico/programas-uniao/habitacao-nacional-rural/>
Acesso em 16 fev. 2015.

pertencem ao Governo Federal, ou seja, em parte da localidade se formam nos períodos de cheia do rio, as chamadas áreas de alagadiço.

Desta forma, somente após o trabalho da SPU - com data de início das atividades ainda incerta - o processo retornará ao INCRA para ser dada continuidade aos outros tramites administrativos e jurídicos necessários para a sua resolução. Funcionários do INCRA supõem que essa fase sob responsabilidade da SPU demandará um tempo maior, porque exige a visita no território quilombola de uma equipe de técnicos de Brasília, bem como a disponibilização de determinados aparelhos tecnológicos atualmente existentes no Órgão, mas em quantidade inferior no sentido de atender às inúmeras necessidades de regularização de terras pertencentes à UNIÃO.

De acordo com outro funcionário do INCRA envolvido neste processo de regularização, possivelmente, a titulação das terras de Vicentes demandará menos tempo em comparação com outras comunidades baianas, porque o território compõe-se de apenas um imóvel rural - grande parte dessas terras pertence à UNIÃO -, ou seja, será emitido apenas um título de terra ao final do processo, não existindo, ao que afirma o servidor, conflitos com proprietários de terra de comunidades vizinhas.

Neste sentido, parece que a situação referente a uma área demarcada como parte do território quilombola que foi cercada e estava sendo utilizada para plantio de capim por indivíduos não-quilombolas foi resolvida, pois esta não possui registro cartorial e, segundo informações dos moradores de Vicentes, quem estava utilizando o espaço resolveu retirar as cercas.

As perspectivas convergem no sentido de que até o final segundo semestre de 2015, o RTID seja publicado no Diário Oficial da UNIÃO. Contudo, é necessário enfatizar que isso não significa a fase final do processo, pois, mais adiante, haverá outras fases a serem atendidas. Percebe-se, a partir da análise do andamento desse tipo de processo coletivo de titulação fundiária, certa morosidade e burocracia, pois envolve mais de uma instituição federal, instâncias jurídicas e administrativas e a quantidade de demandas para titulação em todo o país e, por outro lado, a insuficiência de técnicos para o trabalho acaba produzindo diversas expectativas para os quilombolas, como no caso daqueles de Vicentes que não

compreendem o porquê de tão considerável delonga para a titulação de suas terras.

Logo, a Lei é um forte instrumento social para a obtenção de mudanças, entretanto isso não implica necessariamente na resolução das questões práticas das populações, especialmente para aqueles grupos sociais ainda marginalizados ou com pouca visibilidade no contexto do Estado capitalista a exemplo dos grupos rurais negros no Brasil contemporâneo. Neste sentido, como questiona *Habermas* (2002, p. 230): “será que uma teoria dos direitos de caráter individualista pode dar conta das questões de lutas por reconhecimento e por afirmação das identidades coletivas”?

5 A ASSUNÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA

Ao acionar a identidade quilombola ao longo desses quase dez anos de pleito, os moradores de Vicentes têm estabelecido diversas reflexões, expectativas e compreensões sobre “ser quilombola”. Quando alguns são questionados a respeito do significado para si da identidade quilombola, demonstram, especialmente, o desejo de obter visibilidade como grupo que tem interesse em alcançar uma vida mais digna no meio social. Geralmente utilizam, o nós, ainda que questionados sobre a percepção dessa identidade no nível da sua individualidade. Eles evitam utilizar a expressão “eu sou quilombola”, preferindo a expressão “nós somos quilombolas! O grupo prioriza o bem comum e a identidade quilombola reforça esta questão.

Não se deve perder de vista que os quilombos contemporâneos têm se constituído a partir da noção de coletividade, ou seja, de grupos que ocupam, geralmente há anos um território e que buscam reconhecimento na condição de sujeitos negros com história de luta por direitos sociais negados ou desrespeitados. “Coletividade no sentido de um pleito que é comum a todos, que expressa uma luta identificada e definida num desdobrar cotidiano por uma existência melhor”. (LEITE, 2000, p.352-353).

O conceito de identidade aqui compreendido, conforme atesta Castells (2002), é um processo de construção contínuo, mediado no contexto social pelos contatos entre os sujeitos, perpassando por suas particularidades culturais, geográficas, históricas e as memórias individual e coletiva. E a identidade quilombola, legalizada pelo Estado brasileiro, é assumida por grupos quilombolas com características culturais e religiosas específicas a depender da realidade de cada contexto em que seus membros estão inseridos.

Portanto reconhecendo-se como pertencente a um grupo familiar que ora reafirma uma narrativa de origem e compreende que possui direitos em ascender social e economicamente no território onde vive, os quilombolas de Vicentes vêm construindo variadas expectativas a partir dos discursos transmitidos por representantes da CPT, do INCRA, Ministério Público e de políticos locais, principalmente em adquirir o título de sua terra e as políticas públicas destinadas a grupos quilombolas. Acreditam estarem esquecidos pelo Governo local e Governo do Estado, pois a Comunidade ainda permanece pequena e pobre.

Essas perspectivas construídas pelo grupo de Vicentes são de significativa relevância para entendermos os seus posicionamentos políticos face a este processo recente de “quilombolização”. Estaremos também discutindo neste capítulo a atuação das referidas instâncias governamentais e não-governamentais envolvidas no pleito desses quilombolas.

Muitos dos benefícios sociais destinados legalmente a esses grupos independem da titulação definitiva da terra, ou seja, basta obter o reconhecimento pela FCP para a sua garantia. Entretanto, parece não haver transparência ou interesse dos governos locais na aplicação desses benefícios. Pelo menos, esta é a análise que fazemos, a partir dos depoimentos dos quilombolas de Vicentes.

É significativamente imprescindível observarmos, através do contato com os moradores de Vicentes, como se organizam e inter-relacionam as várias identidades acionadas por seus moradores, ao longo de sua trajetória enquanto grupo, especialmente por se tratar de sujeitos inscritos numa origem e história agora rememoradas, tornando senão claras, ao menos melhor compreendidas as perspectivas de mobilização pela identidade quilombola vivenciadas por estes sujeitos que se percebem e atuam em um novo cenário sócio-político e como gerenciam identidades outras, coadunando com seus próprios interesses e necessidades

Ser quilombola para os moradores de Vicentes significa muito mais do que um interesse instrumental pela posse da terra e dos benefícios gerados a partir daí – como já discutimos anteriormente - até por que o grupo atribui relevante valor à família e, também, ao convívio em comunidade, reforçando valores, normas específicas e práticas culturais. Assim, a proposta, neste trabalho, é de estarmos atentos às diversas maneiras pelas quais os indivíduos da Comunidade acionam, afirmam e percebem as identidades não-somente como quilombolas, mas também como ribeirinhos e agricultores do Município de Xique-Xique.

O grupo começa então a compreender, com a nova identificação, direitos até então desconhecidos, organizando-se e mobilizando-se por interesses diversos, definindo regras, formando as lideranças e atuando em nome do grupo. Neste processo, os ideais são postos em ação e absolvidos de forma variada por seus membros.

É necessário, do mesmo modo, estarmos atentos às formas pelas quais se dão as relações interpessoais dos integrantes deste grupo, como cada um gere suas

identidades em contato com seus pares, como rejeita ou aceita a identificação de elementos simbólicos constituintes da identidade quilombola recém acionada e de outras identidades que assumem. Trata-se de olhar para o sujeito do ponto de vista mais individual, das suas experiências e interesses que interferem ou influenciam essa identidade de caráter coletivo e que, também, provoca mudanças nos comportamentos e ações do próprio sujeito.

5.1 AS IMAGENS CONSTRUÍDAS DA IDENTIDADE QUILOMBOLA

Ao dialogarmos com os quilombolas de Vicentes fica evidente a angústia pelo prolongamento do processo de regularização de suas terras e da aplicação de políticas públicas no lugar. Muitas informações passadas aos seus moradores foram decisivas para criar expectativas sobre possibilidades de melhorias em suas vidas a curto prazo. A instalação da luz elétrica e a construção do poço artesiano são os maiores benefícios recebidos neste período. Mas os moradores de Vicentes enfatizam de forma recorrente que essas mudanças aconteceram também para outros grupos que se organizaram em associação, ou seja, não necessariamente os benefícios foram aplicados por serem quilombolas. Sob este aspecto depõe Maria Rita:

M: Porque se vim alguma coisa assim, aí vem todos igual, pra todo mundo!

Ent: Melhorias, a luz, a energia que veio pra cá [...]

M: Em geral, cadastra a luz, aí diminui [...] Não é porque é quilombola. Não tem benefício nenhum!

O recebimento de outros benefícios tais como o Seguro-Safra, por exemplo, faz parte do rol de programas sociais do Governo Federal destinados aos agricultores que perderam sua safra devido a intempéries climáticas. Quando a Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social do Município de Xique-Xique enviou um aviso ao grupo de Vicentes informando de que a Caixa Econômica Federal já havia liberado o benefício, a animação do grupo era evidente, contudo eles têm conhecimento que são recursos poucos expressivos para acarretar em significativas mudanças em suas vidas.

Um dos questionamentos realizados na pesquisa de campo aos moradores de Vicentes pretendeu entender como estes indivíduos compreendem a recente identificação quilombola. A partir do momento em que acionaram esta identidade, o que acreditam que mudou no contato com os outros no lugar; quais imagens construíram sobre “ser quilombola” e se ocorreram mudanças na vida que levavam até então.

Albertino disse-me que o grupo foi auxiliado pelo funcionário da CPT, Hamilton, no sentido de entender por que eram quilombolas a partir da história que os mais velhos do lugar contaram sobre o fundador Vicente Baldino. Muitos desconheciam a narrativa ou não haviam dado importância, anteriormente, aos fatos narrados,

chegando mesmo a se questionarem ou a questionarem uns aos outros se a história naquele momento retomada, constituía-se verdadeiramente a história deles:

Ent: O que vocês pensavam sobre ser quilombola?

A: A gente nem tinha nem ideia disso! Quem tocou essa ideia foi Hamilton.

Ent: Eu sei quem é Hamilton.

A: Após ele veio aqui e falou que aqui e falou que aqui era uma família só e tal. Aí ele começou a falar donde foi que veio, fez a reunião e ficou procurando donde foi que veio o bisavô da gente, essas coisas [...]

Ent: Levantou a história de vocês [...]

- Aí ele foi, os mais velho foram falando, né, no caso meu tio, minha tia. Aí falaram: Moço, eu ouvi dizer que meu avô veio do Pernambuco mais minha avó! Hum [...] A minha não, meu tio que falava isso mais meu pai [...] [risos]

Ent: Os avôs dele [...]

A: Os avôs dele [...] que tinham vindo de Pernambuco corrido, fugido. Aí foi que ele começou a tocar esse assunto. E o povo, moço será que é mesmo?!

Ent: E as pessoas achavam o quê?

A: Tinha uns que falava: É nada, não sei o quê [...] moço, se eles quiser?! Aí ele disse que ia mudar o nome da associação, aí nós disse: é [...] Aí foi que a gente foi entender, também! Nós não sabia donde vinha mesmo essa família?! Nós mesmo não sabia, não tinha nem ideia!!! Agora meu pai mais os outros que falava: Moço, meu avô disse que eles vieram foi do Pernambuco!

Interessante destacar que nesta entrevista Albertino demonstrou bastante entusiasmo à medida em que narrava os momentos iniciais de constatação da história do grupo, da narrativa de origem. É nítida a importância que tal evento provocou nos moradores de Vicentes, pois estes se perceberam como sujeitos portadores de uma história comum e que, naquela oportunidade, estavam sendo ouvidos e valorizados por serem protagonistas dessa história, resgatando ou reforçando a sua auto - estima, principalmente por que se sentem pouco valorizados como grupo local:

Ent: Aí vocês começaram a ouvir a história, aí que compreenderam

A: Entendemos. Então, moço, e é mesmo, e nós temos tudo a raça tudo de pernambucano! [Ênfase na voz] Por onde que a gente sabia de nada disso?! E nem eles falavam. Vieram falar, aí quando o homem começou a puxar a história. Não sei como ele começou foi que ele descobriu isso aí, ele Hamilton?! Não sei se o povo falando que aqui era o povo falando que aqui era uma família só!

Tal memória retomada pelos mais velhos da Comunidade e reconstituída através de fragmentos de narrativas, faz com que com os mais jovens percebam-se, também, como sujeitos importantes de sua própria história. A memória do grupo tem relevante valor para comunidades do Brasil rural. Conforme Godoi apud Wortmann (1995, p.246):

O tempo nos povoados está encerrado no momento de sua formação que é localizado num tempo geral que constitui um envelope mais amplo de sua memória. Essa memória engloba o indivíduo e se confunde com o tempo.

Assim, esses camponeses não habitam um tempo, mas uma memória. A memória não está neles, mas são eles que se movem numa memória-mundo.

Maria Rita e Nilda refletem sobre o que é ser quilombola, estabelecendo referências com o preconceito existente sobre a origem escrava e a questão de ser negro. Elas demonstraram certo desconforto quando perguntadas sobre o que é ser quilombola, como se fosse comum a necessidade de explicar, em diversos momentos no contato com outros, o porquê da decisão de aceitarem a nova identificação, já que afirmar ser negro e possuir a origem escrava, pode conduzi-los a não-aceitação por parte desse outro no meio social. Inclusive, na fala de Nilda aparece o uso do termo moreno (a) ou moreninho (a) para designar o indivíduo de fenótipo negro:

Ent: Maria Rita, pra você o que é ser quilombola?

M: A comunidade quilombola se refere mais às pessoas negras, aos escravos[...] né [...] Eu não me importo não dessa origem!

Ent: Pra você, o que é ser quilombola, Nilda?

N: [Risos e pausa pra pensar] Porque às vezes a gente é morena, aí o povo diz quilombola e a comunidade fraca, né, minha tia Bitu?! [Risos]

Nesse sentido, conforme Munanga (1986), na medida em que o sujeito negro aceitar a sua negritude, principalmente através da aceitação do seu corpo, estará recuperando sua identidade, podendo, assim, colocar-se juntamente com outros grupos de excluídos num processo de luta coletiva por dignidade e igualdade de direitos.

O receio de afirmar que possui a origem escrava tem, sem dúvida, um peso ainda maior no processo de afirmação identitária do negro em Xique-Xique. Segundo relatos de um radialista de Xique-Xique, de um representante da gestão cultural e um funcionário público da saúde, há povoados do Município que se configuram como comunidades quilombolas pelas características apresentadas, tais como, a narrativa de origem, os sinais diacríticos da diferenciação identitária (modos culturais, religiosidade) que atendem aos dispositivos legais, entretanto os grupos que a compõem não aceitam a autodefinição quilombola por receio, pois, desta forma, estariam assumindo a sua “negritude” e, conseqüentemente, a origem escrava.

Quando denominados de “os nêgos de Vicentes” por outros indivíduos é nítido o incômodo, talvez porque se sintam discriminados, pois caso fossem brancos, provavelmente não seriam denominados de os “brancos de Vicentes”. Contudo, por outro lado, assumem timidamente sua condição de sujeitos negros. Isso se deve,

provavelmente, ao que Munanga (1986, p.12), considera como alguns dos problemas específicos do negro no contexto diaspórico, como “a alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e conseqüentemente sua “inferiorização” e baixa-estima e a falta de conscientização histórica e política.”

Talvez a conscientização da qual trata Munanga ainda anda a passos lentos para as populações dessas “bandas” do sertão baiano. Os discursos defendidos pela militância negra em prol dos direitos do negro, por exemplo, sequer possuem um lugar na agenda social e política do Município; a educação formal local, bem como os grupos constituídos em associações de moradores não têm trazido debates relevantes sobre o assunto.

Os sujeitos em situação de exclusão social devem conhecer as leis e os direitos que os amparam, os processos de luta e enfrentamento com os poderes públicos e com a sociedade dominante e, assim, participar dos processos políticos que pode tornar a sua vida mais digna, até por que, conforme Demo (2001, p.18), “é a partir da situação de desigualdade experimentada pelos indivíduos que pode acontecer a mudança, desde que saibam organizar-se participativamente para tanto”.

A formação da Associação de moradores de Vicentes já foi o primeiro passo para este processo de participação social na medida em que as pessoas reúnem-se para discutir suas demandas e interesses comuns, e o pleito quilombola tem sido a principal luta do grupo em busca por mudanças sociais e econômicas. Mas um misto de desesperança e conformismo vem circundando o grupo, porque estão julgando o processo de titulação fundiária lento e estendem esta perspectiva no que diz respeito ao alcance de outras demandas para a Comunidade. Albertino não percebeu até então mudanças para o grupo quando compara a fase anterior ao reconhecimento identitário e o momento presente:

Ent: E de quando aqui se tornou quilombola, mudou alguma coisa aqui na Comunidade?

A: Não!

Ent: Você acha que mudou alguma coisa?

A: Eu achei que não mudou em nada!

Ent: Por quê?

A: É, porque não vejo nada de diferente [...] não teve chance nenhuma pra ninguém, se tivesse outras opção, aí já tinha mudado, né?!

Ent: Hum, hum!

A: Aí se torna do mesmo jeito!

Ent: É a mesma realidade de antes?

A: É, a mesma realidade, não diferenciou em nada! Só fez a associação, mas nada veio ainda!

Ent: E a luz, a água, a luz essas coisas?

A: Á água aí [...] não tinha, né?! Esse poço aí mesmo ó, quando foi pra instalar ele passou mais de 20 anos, depois que perfuraram ele, passou mais de vinte anos [...] veio instalar quando Reinaldinho foi prefeito.

A resolução das demandas do grupo, segundo a maioria dos depoimentos, está atrelada aos interesses dos prefeitos locais, referente a uma relação política da dependência, ou seja, o gestor promete ou até mesmo atende a alguma necessidade do grupo, por meio da aplicação de benefícios que já estavam previamente destinados pelo Estado em troca do apoio eleitoral dos moradores. Esta prática ainda se faz presente, de forma nítida, nas áreas rurais de municípios dessa região, sendo que os indivíduos residentes nessas áreas pouco têm se emancipado politicamente no sentido de desvincularam-se disto.

Maria de Teté revelou-me que, quando chega o período das eleições, muitos candidatos a prefeito e vereador visitam a Comunidade em busca do voto. Nessas oportunidades são prometidas diversas benesses às pessoas, bem como são oferecidos bujões de gás, materiais de construção, cestas básicas, dentre outros produtos, em troca do voto. Alguns recebem os objetos, mas percebo que compreendem que seu voto vale muito mais que isto:

[...]

Ent: Andou um bocado de político aqui, foi?

M: Vereador, tem deles, Itamara, que quer enganar a gente, se você vê com o quê? Quer fazer a gente de besta, com um bujão!

Ent: Um bujão?!

A: Que tal?! Quem é que vai dar um voto?! Que nem eu mesma disse a eles: - Mais antes a gente votar por nada! Da vez mesmo que eu tava aqui precisando do meu óculos, porque minha vista era tão ruim! Eu sofri muito, porque eu num podia comprar meu óculos. Aí depois eles chegou: - E aí, tá tudo bem?! Tá com nós? – Tou, tou com vocês, já vou logo falar logo, se vocês ajeitar meu óculos, eu tou com vocês. – Não, eu pago a consulta. Eu digo: - A consulta eu pago! Tá vendo, com o que é quer enganar a gente?! Quer dizer que quarenta reais a gente paga pela consulta, quarenta reais, agora o óculos não podia dar! Eu digo: - Não, se num me der meu óculos por a consulta, eu num posso pagar meu óculos, então minha consulta, também eu pago! Saiu, foi embora. Que tal, uns vereador desse?! Não, pode deixar, está que eu pago meu óculos. – Não, eu pago a consulta. – Não, não dou meu voto enganado a ninguém! O outro me enganou, dizendo que ia me dar meus dentes. Pronto!

Ent: A senhora votou?

M: Votei nele e ele num deu meu dente!

Por certo, as pessoas de Vicentes, imbuídas do desejo de, além de possuir a terra a qual mantêm relação de pertencimento à família, libertar-se desta política de clientelismo comum na região, foi elemento decisivo para construírem variadas

expectativas a partir do momento em que acionaram a identificação quilombola. Para adquirir dignidade enquanto cidadão portador tanto de deveres, como também de direitos, a identidade quilombola é a “porta” que se abre para estes indivíduos desprovidos de melhores oportunidades de acesso aos bens coletivos. Sob este aspecto argumenta French (2003):

A noção de que a lei, que é frequentemente considerada como uma força negativa ou repressora, também pode fornecer aberturas para a emergência de direitos e para a transformação de identidades foi assinalada por E. P. Thompson (1975, p. 256-267): apesar de “o direito pode ser visto como intermediador e legitimador das relações de classes existentes”, ele pode oferecer alguma proteção para os desprotegidos”.

Evidentemente que tais expectativas não surgiram apenas após o reconhecimento quilombola, pois a partir do momento em que começaram a se mobilizar quando da implementação do associativismo na Comunidade, iniciaram também a construir ideias sobre possibilidades de mudanças. Com o reconhecimento quilombola, essas expectativas foram simplesmente reforçadas, pois tornaram-se mais próximas de se concretizarem. Até por que a visita frequente em Vicentes de pessoas de fora no lugar: técnicos do INCRA, representantes da Igreja Católica, políticos, bem como a participação dos seus líderes em reuniões com outros grupos quilombolas nos municípios de Irecê e Barra, sem contar as informações divulgadas pela mídia sobre a situação de outras comunidades de quilombos pelo Brasil, conduziram à construção deste quadro amplo de prováveis mudanças em suas vidas.

Demonstrando insatisfação, a interlocutora Fabiana, bem como a interlocutora Maria Rita, aumentaram o tom de voz e gesticularam muito ao tratar dos benefícios sociais recebidos na Comunidade e fizeram comparações com a situação de outras comunidades quilombolas que têm obtido mais recursos em seus contextos:

F: Nós achamos assim, que eles falavam que essa Comunidade quilombola era assim, a comunidade recebia um bocado de benefício e tudo. Por exemplo, esse cartão bolsa-família mesmo aqui ou bolsa-escola. Falaram assim, quem é da comunidade quilombola, recebia o dobro dos outros povoados que num era. E eles fizeram um cadastramento aqui, o pessoal de Xique-Xique já veio fazer esse cadastramento e nada! E a gente vê passando aí na televisão as comunidades recebem tanto benefício e nada! Recebe trator pra as pessoas arar as roças, semente para plantar e até mesmo os pessoal de fora [...] escola melhor e aqui não vem nada!

M: Aqui não tem prioridade de nada, não tem! As comunidades quilombolas tem mais prioridade. Às vezes aparece uns aí de Xique-Xique, aí vem até aqui [...] aí diz que vão fazer o cadastro [...] porque a prioridade aqui é dada para todos!

[...]

Ainda que seja pertinente considerar o aspecto instrumental (necessidades práticas) como uma das motivações do grupo de Vicentes no acionamento da identidade quilombola, a Comunidade atende aos requisitos legais de identificação quilombola, e a origem familiar já mencionada neste texto, bem como a prática cultural do samba de roda foram os elementos determinantes nos laudos antropológicos para o reconhecimento e abertura do processo de titulação de suas terras. O grupo tomou posse disso e busca reforçar para o outro (não-quilombola) tais elementos. As expressões “todo mundo aqui é de uma família só” e “a gente gosta dos batuques” - referência ao samba de roda - foram expostas várias vezes por seus moradores na pesquisa de campo.

Quando reforçam a prática cultural do samba de roda, como elemento diferenciador identitário na relação com outros grupos, estão afirmando esse “ser quilombola” da contemporaneidade que para eles está atrelado diretamente a “ser negro” e descendente de escravo. Conforme Maria de Teté:

M: Aí o povo de Salvador vinha. Aí procurando se o povo não achava ruim de colocar esse nome [...]

Ent: E vocês aceitaram?

M: Todo mundo aceitou. Pois se é raça de negro mesmo!

Ent: A senhora acha que quilombola é isso?

M: É, né, que é os escravos, né?!

Bertulina e Nilda enfatizaram-me a habilidade que as mulheres da Comunidade possuem em sambar, pois desde pequenas aprendem os passos e, dificilmente, alguém do grupo não aprendeu a dançar este ritmo. Acreditam que poucos daqueles residentes nos povoados vizinhos possuem a mesma habilidade que eles.

Ent: Você aprendeu a sambar com quem?! Esse samba aí?

N: Eu vi as outras sambando [...] [risos]

B: Tem delas que desde tamaninho assim já sambam.

Ent: Você nasceu aqui, Nilda?

N: Essa turma toda aí é toda nascida aqui [...] [Nilda balança a cabeça em posição afirmativa]

Figura 46 - A gente gosta dos batuques



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2014. Bertulina dança, toca pandeiro e puxa as letras do samba de roda.

Conforme French, práticas culturais, construção identitária e conteúdos legais estão em um processo de interligação, a partir do discurso teórico utilizado por ela denominado de “legalização de identidades” na compreensão dos grupos quilombolas do Brasil atual. Portanto não há como analisar a prática do samba de roda em Vicentes, sem deixar de mencionar a maior importância que o grupo tem atribuído ao ato no seu contexto local por ter sido considerado como um dos sinais diacríticos para o reconhecimento étnico, inclusive eles demonstraram que pretendem ampliar a prática para outras datas festivas que, como já mencionamos, estão atreladas a eventos do catolicismo.

Assumir a identidade quilombola para o grupo de Vicentes, obviamente, que não exclui a experiência de reconhecer-se e ser reconhecido como portadores de outras identidades, tais como a de ribeirinhos e sertanejos, por exemplo. No capítulo 4 discutimos o quanto a relação mantida com o rio, as secas e enchentes na área em questão afeta a vida desses indivíduos. Eles estão em contato constante com outros grupos rurais e não-rurais que comungam de esperanças, valores, hábitos e experiências semelhantes. Assim, parece difícil estabelecer fronteiras, diferenças entre as identidades assumidas pelos indivíduos no campo social.

Determinadas práticas, comumente, apresentadas por militantes e instituições governamentais sobre a sustentabilidade no uso dos recursos naturais pelos grupos quilombolas, indicando que estes constroem práticas consideradas tradicionais, ou

seja, usam os recursos para sobrevivência e comercialização em pequena escala e aplicam técnicas que preservam a biodiversidade das espécies vegetais e animais, podem também se estender aos demais grupos rurais do Município de Xique-Xique.

5.2 EXPECTATIVAS FUTURAS DE “SER QUILOMBOLA”

Possivelmente, alcançar maior visibilidade no Município de Xique-Xique seja um dos maiores desejos dos moradores de Vicentes a partir do acionamento da identificação quilombola. Ganhar visibilidade significa que a gestão municipal, bem como a sociedade civil estarão cientes de que eles possuem direitos a serem respeitados e atendidos. Quando afirmam que estão esquecidos pelos órgãos públicos, estão, provavelmente, querendo dizer que eles querem ser reconhecidos como cidadãos, até por que quando reatualizam a narrativa de origem do grupo, identificam que desde o início do povoamento da localidade, enfrentam muitas dificuldades para manter-se neste território.

Se ser quilombola não tem garantido ao habitantes de Vicentes o reconhecimento necessário para a obtenção de uma melhor qualidade de vida, eles ainda não desistiram de acreditar em mudanças, pois mesmo timidamente, procuram se mobilizar para modificar a situação atual através de ações pontuais, como idas frequentes à Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social de Xique-Xique no intuito de buscar apoio para a resolução de suas prioridades e, do mesmo modo, o incentivo que têm dado aos seus líderes no sentido destes participarem ativamente das reuniões que acontecem juntamente com outros grupos quilombolas de municípios vizinhos para discussão e encaminhamento de suas demandas ao Governo do Estado. Na medida em que se perde por completo o interesse pela luta, torna-se complexo a efetividade no atendimento de suas demandas. (Arruti, 2005 p.89).

Albertino prevê que se não ocorrerem melhorias na Comunidade, provavelmente ninguém mais queira permanecer no lugar:

Ent: Você acha que ainda muda alguma coisa aqui por ser quilombola?

A: Eu acredito. Viu?! Se não mudar, não vai ter nem condição da pessoa viver por aqui!

Ent: O povo vai embora, né?!

A: De qualquer maneira, não tem condição?! Mudar, né, alguma coisa vai ter que mudar! Se não aparecer alguma coisa pras pessoa fazer aqui [...] Como é que vai ficar aqui desse jeito?! Não tem chance, não tem nada! E aí vai ficando difícil!

A esperança ainda ressoa nas falas e gestos dos moradores, quando recebem a notícia de algum telefonema ou visita de funcionários do INCRA ou de representantes da Prefeitura informando a respeito do andamento do processo de titulação fundiária ou da possibilidade da aplicação de benefícios para o grupo. Imediatamente ao recebimento da informação, o dirigente local passa de casa em casa conversando com os moradores e, em pouco tempo, percebe-se certa agitação no Povoado, pois todos ficam na expectativa de uma possível resolução de algumas de suas demandas. Quando necessitam organizar-se em assembleia para discutir e encaminhar alguma decisão do grupo, o fazem o mais rapidamente possível no espaço da igreja ou escola local. Assim, segundo Fabiana:

F: Deus ajuda, mulher que sim! É presidente José dos Santos falou que amanhã às quatro horas vinha um pessoal fazer uma reunião aqui. Ele tava avisando, nas casas que era muito importante essa reunião. Eu vi ele falando assim, por causa que eles ficaram na hora assim, falando com ele, por um entendimento dele, eles falaram assim, que era uma cesta que ele ia dar aos pessoal daqui.

Ent: Para cada uma das famílias, aos associados, né?! Todos aqui são associados?

F: Todos aqui são!

Ent: Tem reunião direto?

F: Tem.

Quando receberam a notícia da referida reunião, o grupo não sabia exatamente o que iria acontecer, mas cogitava-se que cada família receberia uma cesta básica. As pessoas comentavam entre si sobre as reais intenções daqueles que pediram a reunião e era nítido que houve animação, pois julgavam que a partir dali, a situação deles poderia estar mudando.

Apelar para a fé - prática realizada, especialmente, entre os mais velhos - é também outro elemento imprescindível que os indivíduos da Comunidade acionam no intuito de resolver seus problemas. A assunção da identidade de católico está interligada à identificação de quilombolas, ribeirinhos, sertanejos e tantas outras que ora assumem. Para eles, ser quilombola é também manter suas práticas tradicionais do catolicismo popular, como a realização da roda de São Gonçalo, da manifestação dos penitentes, da realização da prática do samba de roda em diversos períodos do ano, especificamente dentro da igreja, valorizando e reforçando a sua religiosidade no coletivo.

Enquanto as melhorias que tanto aguardam para a localidade não chegam, esses indivíduos buscam diversas alternativas de sobrevivência. Logo, quando acontece algum impedimento no recebimento dos benefícios sociais por algum

morador, o grupo se mobiliza, mesmo que seja através de ações pontuais. A título de exemplo, fui informada por eles de que em dezembro de 2015 o ex - presidente da Comunidade, José dos Santos, deixou de receber o seguro-defeso, porque o benefício não será mais pago àqueles que estejam atuando em cargos de liderança de associações do Município, pelo fato de receberem mensalmente um valor de 170,00 da Prefeitura. José não atuava mais como presidente, contudo o seu nome ainda estava constando como tal na Prefeitura, sendo necessário que este juntamente com a então liderança da Associação de Vicentes mobilizassem-se na resolução do problema.

Com as novas regras de recebimento do referido Seguro pela Associação de Pescadores de Xique-Xique, os moradores de Vicentes decidiram mudar suas lideranças. Nilda Martins e Sônia Martins deixaram o cargo assumido em junho de 2015, pois, desta forma, perderiam também o direito ao benefício. A Comunidade, reunida mais uma vez em assembleia, elege o filho de Sônia Martins, Messias, que havia chegado de São Paulo havia pouco tempo, para o cargo de presidente e Bertulina, assume, mais uma vez, a vice- presidência. Eles procuram se mobilizar sempre que um membro está sendo prejudicado.

O grupo ainda espera que o reconhecimento quilombola lhe oportunize o recebimento de maiores e melhores benefícios sociais, como foram informados por aqueles que têm auxiliado no pleito, conforme afirmou Maria de Teté: “Eles disseram que a comunidade quilombola é a mais forte. Eles mesmo disseram”.

A interlocutora Sônia relatou-me a sua preocupação com à diminuição do benefício do bolsa-família no mês de junho de 2015 para algumas famílias da localidade:

S: O bolsa família tá diminuindo.

Ent: Tá diminuindo? Quanto é?

S: O meu mesmo é só 294.

Ent: Mas é por filho. É bolsa o quê: bolsa família ou bolsa escola?

S: É [...] tá vindo bolsa família no cartão.

Ent: Todos os quilombolas têm direito a bolsa família.

S: Aí vem o quê [...] no cartãozinho que a gente cadastra lá, eles dão um comprovante pra depois se disser: - você não cadastrou o comprovante! – Cadastrei, aqui o comprovante! Vem falando que cada criança tem direito em 30 reais, a mãe é nem setenta! É só o que eles falam, é só isso daí! Aí vem o que: setenta reais mesmo.

Ent: E Cristiano falou o que na época?

S: Não, ele falou que a gente tinha direito da bolsa família quando a gente fosse cadastrar fala lá pra eles lá no setor [...] falar pra eles no setor, pra poder eles botar no folheto lá cadastrar como a gente era quilombola pra ver o direito aumentar, mas só que não tá [...] A mulher ali, minha comadre, essa que eu tou falando, a Tota, ela tava tirando 400 reais, quando foi neste mês foi 150 reais

Conforme o Guia de Políticas públicas para comunidades quilombolas da SEPPIR, o benefício do transferência de renda às famílias em situação de pobreza ou extrema pobreza do país, o bolsa-família, e que atende também as famílias quilombolas, variam quanto aos valores a serem pagos, pois seguem algumas normas, como a renda mensal da família; a quantidade de adolescentes e crianças até quinze anos e de jovens de 16 a 17 anos. Portanto o referente benefício para quilombolas não é maior do que para não-quilombolas, apenas torna-se prioritária a inclusão dos quilombolas no processo de inserção cadastral deste programa social.

Mas, além dos benefícios sociais, o que mais a Comunidade espera conquistar de bens e serviços com a identificação quilombola? Maria Rita cita o desejo de algumas famílias em receber uma bomba d'água para ajudar na irrigação das plantações e a maior oportunidade de crédito junto aos bancos para a aquisição de instrumentos e produtos agrícolas:

M: Melhoraria pra gente se tivesse o motor para puxar a agua do rio e molhar a plantação.

Ent: Melhoraria se tivesse, né?!

M: Também oferecesse empréstimo pra as pessoas comprar gado, motor [...]

O desejo na obtenção de cabeças de gado é comum entre os demais moradores de Vicentes. Não é comum identificarmos no lugar esse tipo de criação, talvez pelo custo do animal no mercado. A maioria dos moradores possuem geralmente pequenas criações de ovinos, caprinos e suínos.

Figura 47 - Prioridades locais



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015.

A instalação de um laboratório de informática também é aguardado pelo grupo, especialmente por que a secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social do Município informou-lhes que a prefeitura tinha a intenção em construir tal espaço. O grupo também tem o desejo de obter uma casa de farinha; uma estação de piscicultura; a instalação de cursos profissionalizantes para jovens e adultos; dentre outras demandas que são pretensões mínimas e básicas para qualquer conjunto de cidadãos conscientes de seus direitos no meio social.

Na reunião da Associação de moradores de Vicentes, em 06 de junho de 2015, dois representantes de um grupo político do Município ligado a prefeitura e que estavam na Comunidade a pedido da Secretaria de Promoção e Igualdade Racial da Bahia para ouvirem dos moradores sobre as suas principais demandas, pediram a cada um dos associados que indicassem três benefícios importantes para a Comunidade, pois as reivindicações do grupo chegariam a referente Secretaria para posterior resolução. A grande maioria julgou importante que necessitavam de uma casa de farinha; cestas básicas para cada família mensalmente; agilização na titulação fundiária, melhoramentos e manutenção do poço artesiano e uma sala de informática para os jovens. Foram selecionadas, portanto, mais de três prioridades, porque não se chegou a um consenso sobre apenas três.

O grupo de Vicentes ficou bastante esperançoso com a possibilidade da aplicação de melhorias locais, ouviu atentamente o discurso dos representantes políticos e ficavam eufóricos, na medida em que indicavam as suas prioridades, inclusive uns tentavam convencer os outros sobre as propostas que julgavam tratar-se das melhores para todos. Esses representantes enfatizaram aos presentes que o grupo possui direitos sociais por serem quilombolas, mas como não estavam lutando por isso como deviam - participando ativamente de reuniões com demais grupos quilombolas atrelados ao mesmo território a que pertencem – não estão sendo atendidos. Um dos representantes então afirmou:

- Eu participo do território há oitos anos e eu vejo comunidades como a de vocês que são registradas pela FCP e a gente houve as discussões deles lá dentro do território de Irecê defendendo as coisas para eles e a gente não vê os daqui. Vocês estão apagados pro Governo! O Governo não tão enxergando vocês. [...]

Após o termino da reunião, muitos moradores comentavam sobre as possibilidades de mudanças em Vicentes, apesar de avaliarem que já havia aparecido

outros com a mesma intenção de ajudá-los, contudo não retornaram mais para dar algum tipo de retorno ao grupo. Bertulina relatou-me que um casal de estrangeiros - ligados à CPT - esteve em Vicentes, quando do reconhecimento quilombola, expondo o interesse em ajudar o grupo, mas não voltaram mais e não se sabe exatamente qual era a intenção do casal.

B: Veio italiano pra cá.

Ent: Vieram quem?

B: Vieram dois aí umas vez. Eu não sei mais o nome deles. Não sei mais não. Tem muito tempo! Foi naquele tempo que andava Hamilton andava por aí.

Ent: Ah, na época de Hamilton [...]

B: De Hamiton [...] Ele veio mais eles.

Ainda que “andando a passos lentos”, a aplicação das leis que dispõem sobre os direitos dos grupos quilombolas pelo Estado brasileiro constituem-se em relevantes alternativas para a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos pertencentes às comunidades negras rurais do Brasil contemporâneo, e os indivíduos que decidiram reivindicar a identidade quilombola, na medida em que constroem expectativas a partir da assunção dessa identidade, precisam obter respostas mais claras e atitudes mais enérgicas, especialmente dos Governos sobre suas demandas.

Na contramão dessas propostas legais, têm ocorrido discussões a respeito da inconstitucionalidade dos direitos legais aos quilombos contemporâneos. Em Brasília, 2012, informações debatidas em audiência pública na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) discutiram a respeito da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 3.239 contra o Decreto 4.887/2003, de autoria do partido DEM, que contestou o referido Decreto junto ao Supremo Tribunal Federal, pois este poderia interferir nos direitos adquiridos dos quilombolas. Foi aprovada também no mesmo ano, uma ação de Proposta de Emenda Constitucional (PEC 215/200) que também dificultava as demarcações de terras dessas comunidades. Entretanto, de acordo com a citada Comissão, o Presidente da Fundação Palmares, Elói Ferreira Araújo, afirmou que essas discussões já estavam superadas e os direitos do Decreto de 2003 continuavam garantidos, pois foi recepcionado pelo Estatuto da Igualdade Racial.

Ser quilombola para o grupo de Vicentes também conduz a expectativa, como dito anteriormente, ao título de terra. Não se sabe ao certo quantos anos ainda se levará para que isso aconteça. Talvez alguns dos mais velhos da localidade não terão

a oportunidade de alcançar este momento, como é o caso de Maria da Caixa, que desde o princípio do pleito quilombola foi uma das senhoras mais requisitadas a contar a história de Vicente Baldino para os de fora, e que faleceu em janeiro de 2016.

A imagem de Maria da Caixa foi divulgada primeiramente pelo MPF em seu site quando da divulgação da matéria sobre a situação do pleito do grupo, em 2012, quando esta senhora ainda podia andar e, em 2015, quando pude fotografá-la e incluí-la como uma das interlocutoras desta pesquisa. Maria já quase não andava mais e falava com dificuldade durante as entrevistas. Mas seu entusiasmo para tratar da história da Comunidade, da sua própria história como batedora do instrumento caixa no samba de roda, bem como expor suas esperanças de melhorias para Vicentes estavam ainda presentes e suas constantes risadas demonstravam isso.

Figura 48 - Maria da Caixa



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Maria da Caixa em sua casa.

Maria da Caixa foi uma das escolhidas pelo grupo para contar a história da Comunidade, porque era uma das mais velhas, tendo conhecido e convivido com Vicente Baldino, como também conheceu os filhos dele e participou ativamente das atividades culturais do lugar. A identidade quilombola ora acionada foi reforçada a partir da história contada e recontada, tantas vezes, por Maria da Caixa e por outras vozes de Vicentes.

Já os indivíduos mais jovens residentes em Vicentes (entre adolescentes e adultos abaixo dos trinta anos), principalmente quem ainda não constituiu sua própria família, têm ouvido essa história de Vicente Baldino, do reconhecimento quilombola,

através de seus pais e parentes, mas pelo que pude observar não têm dado relevante importância a estas questões ou não têm se envolvido nas discussões dos moradores sobre o pleito em andamento.

As expectativas do grupo de Vicentes sobre as mudanças que poderão vir a ocorrer com o acionamento da identificação quilombola, partem quase que exclusivamente dos mais velhos que vivenciam, há anos, inúmeras dificuldades, e de pais e mães de família que desejam uma vida com mais dignidade para seus filhos já que não conseguiram obter melhores condições para si mesmos. E tal desejo refere-se não - somente a melhoria na vida econômica, mas também a elevação da autoestima, a aquisição de visibilidade social e do respeito às suas diferenças enquanto grupo.

Se a memória do grupo de Vicentes parece não ter tanta importância para a geração mais jovem, quanto tem para os mais velhos, este fato talvez se deva ao maior nível do sentimento de identidade em relação ao grupo, destes em relação a aqueles, já que segundo Pollak (1992), o sentimento de identidade tem na memória um componente constituinte.

Assim, é notável que existem diferenças no interior de quaisquer comunidades envolvendo as escolhas e atuação de cada um dos seus membros que também acionam outras identidades. No caso da geração dos mais jovens no contexto das comunidades, Hall atesta (2003, p.66-67) que:

Jovens de todas as comunidades expressam certa fidelidade às tradições de origem, ao mesmo tempo em que demonstram um declínio visível em sua prática concreta. Declaram não uma identidade primordial, mas uma escolha de posição do grupo ao qual desejam ser associados.

As compreensões atuais de “ser quilombola” para os moradores de Vicentes podem, evidentemente, alterar-se com o passar dos anos, a depender dos interesses individuais e do interesse coletivo destes, dos processos de negociação que compreendem a identificação quilombola pelo Estado e de influências do mundo globalizado. Sob esta perspectiva, conforme salienta Pollak (1992), a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comunidade de ribeirinhos e sertanejos quilombolas de Vicentes é uma dentre tantas outras comunidades rurais do nordeste brasileiro que vivenciam problemas constantes com as secas presentes em áreas de vegetação semiárida; problemas que têm afetado o Rio São Francisco, como a seca e o assoreamento das suas margens, e, como consequência, a sobrevivência desses ribeirinhos é afetada, devido a falta do pescado - alimento necessário para o consumo próprio e para comercialização em pequena escala - e, também, há as enchentes que provocam mudanças em suas vidas por algum tempo, pois precisam sair de seus lares e perdem seus bens materiais. Vivenciam a falta de implementação de políticas públicas que lhes ofereça uma saúde e educação de melhor qualidade, bem como oportunidades de emprego e renda, o que lhes proporcionaria uma vida com maior dignidade no meio social local e evitaria a sua migração para os grandes centros urbanos.

A identidade quilombola é “a porta que se abre” para estes indivíduos na medida em que possam ganhar visibilidade no Município onde vivem, no intuito, talvez, de serem atendidos em muitas de suas demandas sociais e econômicas, devido a existência de políticas sociais destinadas pelo Estado aos grupos quilombolas. Mas eles, também, almejam, através dessa possível visibilidade, a valorização de sua autoestima e o respeito as suas origens enquanto negros cuja história está permeada, como muitos outros grupos negros do nosso país, de experiências nas quais sofrem recorrentes atos de preconceito no meio social. São construídas concepções negativas de valor aos indivíduos negros, a partir do fenótipo e sua descendência de origem escrava, e, mesmo na sociedade moderna atual, com a elaboração de leis que punem atos discriminatórios de conteúdo racial, esta situação ainda acontece constantemente.

“Ser quilombola”, para as pessoas de Vicentes, perpassa primeiro pela aceitação de si mesmo como indivíduo negro e descendente de escravizado. Assim, apesar de existirem outros grupos rurais negros no Município com características que atendam aos dispositivos legais para a conquista do reconhecimento quilombola, apenas os moradores de Vicentes assumiram a referida identidade, diferentemente daqueles que não venceram o receio de assumirem-se como tais, porque temem sofrer maior discriminação.

A memória dos moradores de Vicentes, retomada, a partir da narrativa de vinda do negro e, possivelmente escravo, no século XIX, Vicente Baldino com sua esposa Joventina e a trajetória de dificuldades do casal até constituírem a sua família no Município de Xique-Xique e a união matrimonial dos filhos do casal com membros da família Sancho Martins - também composta por negros do Município - é agora contada e recontada nas vozes de seus moradores, utilizada para afirmar a identidade quilombola.

As ligações estabelecidas entre os quilombolas com indivíduos das comunidades vizinhas de Juremal, Marreca e Rumo teve extrema relevância para pudemos compreender a história de chegada de Vicente Baldino que se deu primeiramente na Marreca e de sua experiência de convivência, bem como a de seus descendentes com os marrequeiros; a proximidade afetiva estabelecida com os moradores de Juremal na qual relações de apadrinhamento, matrimônio e parentesco firmaram-se, ao longo dos anos, e o contato mantido com a Comunidade do Rumo devido, principalmente, a terra que a família de Vicentes ainda possui por lá.

Eles têm enfrentado lentidão na resolução final deste processo de regularização fundiária, pois, de uma forma geral, há muitas questões burocráticas e de ordem legal a serem resolvidas pelos órgãos competentes, conduzindo a uma espera considerável pela legalização de suas terras e que, na verdade, já deveriam lhes pertencer por direito, pois foi neste território que constituíram a sua família, que trabalham na terra e mantém relações de pertencimento há anos. E os moradores de Vicentes demonstraram, através de seus depoimentos, constante insatisfação com essa demora na titulação de suas terras, questionando aos representantes do INCRA e aos agentes que os têm auxiliado neste processo, o porquê de tanta demora, pois já são quase dez anos em que o grupo foi reconhecido como quilombola e ainda não se tem uma ideia precisa de quando estarão de posse do documento legal dessas terras.

As condições mínimas de sobrevivência existentes na localidade rural de Vicentes e as poucas oportunidades que seus habitantes encontram no contexto do Município, conduzem muitos deles a migrarem para outras cidades brasileiras, especialmente para o Estado de São Paulo, em busca de oportunidades de trabalho e melhorias na sua constituição de renda. Esta situação vem acontecendo há anos e, hoje em dia, a quantidade de moradores vem diminuindo consideravelmente, constituindo-se, atualmente, uma média de 80 pessoas, na sua grande maioria formada por idosos e crianças.

A educação formal oferecida às crianças da Educação Infantil na localidade é precária e não atende as necessidades dessas crianças, pois falta material didático, há problemas com as instalações internas do espaço escolar, falta uma proposta pedagógica adequada e específica destinada a um grupo legalmente reconhecido como quilombola, com uma narrativa de origem, história e busca pela valorização identitária. Quando passam para o Ensino Fundamental II, os estudantes enfrentam as dificuldades de ter que se deslocar para estudar no Povoado na Marreca e, quando chegam ao Ensino Médio, precisam deslocar-se para a sede do Município de Xique-Xique que fica em média 1 hora de distância de Vicentes. A conclusão do Ensino Médio não lhes oportunizam oportunidades de emprego no Município, por isso a maioria migra para outras cidades.

Órgãos públicos que assistem às comunidades quilombolas do país, tal como a SEPPIR, divulgou, desde 2013, o Guia de Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas pertencente ao Programa Brasil Quilombola na qual são apresentadas políticas destinadas a melhoria da qualidade de vida dessas comunidades nas áreas da saúde, educação, infraestrutura, inclusão produtiva e desenvolvimento local, direitos e cidadania. Entretanto essas políticas ainda não foram efetivamente aplicadas em Vicentes e os seus moradores reclamam de estarem esquecidos dos Governos a respeito da resolução de suas demandas básicas. Tal situação tem gerado muita apreensão, questionamentos e diversas expectativas por parte dos seus moradores no cotidiano local que aguardam, apesar de demonstrarem certo desânimo, as possíveis mudanças.

Para que as melhorias cheguem à Comunidade, é necessário haver interesse, através do estabelecimento de parcerias entre o Governo Federal, Estadual e Municipal, contudo não se sabe exatamente quais fatores têm impedido que as referidas políticas sejam devidamente aplicadas. Provavelmente, a realização de um estudo pormenorizado dos tramites entre as instâncias públicas governamentais envolvidas neste processo, interesses políticos e administrativos do Governo da Bahia, da prefeitura local, a atuação das lideranças da Comunidade na cobrança destas demandas poderiam melhor explicar os reais motivos desta situação. O grupo de Vicentes tem buscado se mobilizar, ainda que timidamente, na resolução das suas demandas enquanto grupo quilombola e enfatizam que não têm encontrado apoio dos órgãos competentes para tanto.

A Associação de Moradores de Vicentes têm mudado os seus dirigentes, em decorrência do término de seus mandatos ou por outros impedimentos, mas

identificamos que Bertulina ainda é uma liderança importante, desde antes da formação desta Associação, pois primeiramente foi professora local, por muitos anos, e continua sendo uma referência como conselheira, rezadeira, dirigente dos eventos católicos, além de ter sido presidente e vice-presidente do grupo, atuando ativamente no reconhecimento quilombola da Comunidade e no processo de titulação fundiária. Bertulina e, também, outras mulheres de Vicentes, como Lena, Nilda, Sônia, dentre outras, possuem um papel determinante na continuidade dos eventos católicos e nas manifestações culturais do samba de roda e da roda de São Gonçalo, na realização de atividades como a pesca, a agricultura, a criação de animais e, do mesmo modo, atuam como donas de casa.

Neste sentido, acredito ser interessante e propício, no futuro, a realização de uma pesquisa acadêmica com essas mulheres sertanejas negras, suas trajetórias e lutas, como atuam na liderança destes contextos caracteristicamente compostos por famílias patriarcais onde, geralmente, a figura do masculino possui um posição imperativa na tomada de decisão, pois, além de sofrerem o preconceito racial, também precisam encontrar seu espaço enquanto mulheres, negras e líderes comunitárias.

Identificamos que a grande maioria dos habitantes de Vicentes são católicos e utilizam os espaços da igreja para a realização de diversas atividades, tanto religiosas, como reuniões da Associação de Moradores e a prática do samba de roda. É no contexto dessas festividades do catolicismo popular em Vicentes, especialmente na mais representativa delas, a Trezena de Santo Antônio, que acontece o ápice, quando da apresentação do samba de roda no interior da igreja local e da roda de São Gonçalo à frente da igreja, devido ao maior envolvimento dos moradores nestes momentos. É visível a massiva participação das pessoas, a animação de crianças, jovens, adultos e idosos que se ajuntam nesses espaços, proporcionando entre eles trocas de experiências, desejos e alegrias, conduzindo a reforçar a sua memória e o sentimento de identidade ao grupo.

As experiências da pesquisa de campo foram determinantes para a compreensão de quem são estes indivíduos de Vicentes, não somente percebendo-os sob a perspectiva da identificação quilombola, mas também como indivíduos que assumem diversas outras identidades no meio social, sempre buscando melhorias em suas vidas já tão prejudicadas pelas dificuldades de conviver em uma área de sertão, longínqua dos centros urbanos e pouco assistida pelos governos.

Ao longo desse período que mantive contato com a Comunidade, relações afetivas com o grupo firmaram-se e, assim, compreendo que a oportunidade de ter conhecido pessoas que, por viverem nessas áreas rurais e dispor de certo repertório de valores e modos de vida semelhantes aos vivenciados por mim na minha infância, também em uma área rural Município de Xique-Xique, proporcionaram-me muitos aprendizados que, com certeza, ajudaram-me a ter desenvolvido maior dedicação a este trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Renata Marson Teixeira de Andrade. **Quebrando o “Rio da unidade nacional”:** comunidades tradicionais na política do Rio São Francisco. Em concursos de monografias sobre Temas brasileiros. São Francisco: Consulado do Brasil, 2005. Disponível em googleacademico.com.br. Acesso: 18 de out. 2015.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros.** São Paulo: EDUC, 2014.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas - Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo.** FUNDO DE CULTURA ECONÔMICA - MÉXICO. Tradução de Eduardo Suarez. México: 1983.

ARAS, José. **No sertão de Conselheiro.** 2ed. Bahia: Contexto Arte Editorial, 2003.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: Antropologia e história do processo de formação quilombola.** São Paulo: Copyright - EDUSC, 2006.

BENINGER. **São Paulo e Migrações no final do século XX. São Paulo em Perspectiva.** Vol. 19 nº. 3, São Paulo: Jul/set. 2005.

BRASILEIRO. Scheila. **Relatório da Comunidade Quilombola de Vicentes em Xique-Xique/BA.** MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL/BA, 2012.

CAIXA ECONOMICA FEDERAL. **Programas de Habitação Nacional Rural.** Disponível em <http://www.Caixa.gov.br/poder-publico/programas-uniao/habitacao-nacional-rural/> Acesso em 16 fev. 2015.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social.** 3ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAVALCANTI, Ludmila Oliveira Holanda. **Das Políticas ao cotidiano: entraves e possibilidades para a educação do campo alcançar as escolas no rural.** Feira de

Santana: UEFS, 2010. Disponível em <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/13942>>. Acesso em 12 jan. 2016. Pág. 549-564.

CHAVES, Juarez. **Blog Xique-Xique**. Disponível em <http://www.xiquexiquense.blogspot.br>. Acesso em 15 jun.2015.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário de Ciências Humanas**. Coordenação de tradução: Márcia M. de Aguiar. São Paulo: Wmf martinsfontes, 2010.

DRUMMOND, Carlos de Andrade. **Alguma Poesia**; Posfácio Eucanaã Ferraz.1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. França: *Gradhiva:Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie*, 8. p.3-9, 1990.

FERREIRA, Elisângela Oliveira. **Os laços de uma família: da escravidão à liberdade nos sertões do São Francisco**. Revista Afro-Ásia, nº. 32 , p. 185-218, 2005.

FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FRENCH, Jan Hoffman. **Os Quilombos e seus Direitos Hoje: Entre a Construção e a História**. São Paulo. Revista da História, n. 149, 2ed. p. 45-68. 2003.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES - FCP - **Comunidades Quilombolas**. Disponível em < [http:// www.palmares.gov.br /](http://www.palmares.gov.br/) > Acesso em 20 de maio. 2014.

_____ **Cadastro Nacional da Fundação Cultural Palmares**. Disponível em <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 29 de out. 2015.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **População dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/visualiza%C3%A7%C3%A3o/dtbs/Bahia/Xique-Xique.pdf>> Acesso em 25 de maio. 2014.

_____. **Diagnóstico da Qualidade ambiental da bacia do Rio São Francisco - Sub-bacias do Oeste baiano e Sobradinho.** *Série de Estudos e Pesquisas em Geociências*, nº 2. Rio de Janeiro: 1994.

GUEERTZ, Clifford. **O saber local - Novos Ensaio em Antropologia Interpretativa.** Tradução de Vera Joscelyne. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GUIA CULTURA DA BAHIA. **Mapeamento Cultural da Bahia.** Bahia: Governo do Estado da Bahia. Secretaria de Cultura e Turismo. 2001.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti - Racismo no Brasil.** Novos Estudos CEBRAP, n 43, 2005.

Governo Federal. **Constituição Federal de 1988.** Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/constituicao/constituicaocompilado.htm>>. Acesso em 04 de fev. 2015.

GRANJO, Paulo. **Saúde e Doença em Moçambique.** São Paulo: Org. Saúde Soc, 2009, v. 18, n.4, p.567-581.

HALL, Stuart. **Da Diáspora - Identidades e Mediações culturais.** Organizadora: Liv Sovik. Brasília: Editora UFMG, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **A Inclusão do Outro: Estudos da Teoria Política.** Tradução-George Sperber. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

JORNAL GRANDE BAHIA. **Ministério Público Federal aciona Incra por regularização de terras de comunidades quilombolas em Xique-Xique/Ba.** Salvador: 2012. Disponível em <http://www.jornalgrandebahia.com.br> > Acesso em 10 de maio. 2014.

LEITE, Ilka B. **Os Quilombos no Brasil: Questões conceituais e Normativas.** Santa Catarina: Fundação Ford, 2000.

MACHADO NETO, Cassimiro. **Senhor do Bonfim e Bom Jesus de Chique-Chique (História de Xique-Xique)**. Xique-Xique: Edição do Autor, 1999.

MARTINS, Daiane D. **Da enxada ao clavinote: experiências, liberdade e relações familiares de escravizados no sertão baiano, Xique-Xique (1850-1888)**. Dissertação de Mestrado. UNEB - Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local. Santo Antônio de Jesus, 2010.

MARTINS, Gabriela. **O Povoamento Pré histórico do Vale do São Francisco (Brasil)**. Clio Arqueológica, n 13 - UFPE. Pernambuco: 1998.

MARTINS, Taiane D. **Um Flagelo no sertão baiano: cotidiano, migração e sobrevivência seca de 1932 (vila de Canabrava do Gonçalo/ Xique-Xique)**. Dissertação de Mestrado. UNEB- Programa de Pós Graduação em História Regional e Local. Santo Antônio de Jesus, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC. **Educação Quilombola**. Disponível em: < [www.Http// portal.mec.gov.br/educação-quilombola](http://portal.mec.gov.br/educação-quilombola). Acesso em 20 dez. 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE - **Portal da Saúde**. Disponível em <<http://www.saude.gov.br>. Acesso em 27 de jan. 2015.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO- MDA - Instituto de Colonização e Reforma Agrária- INCRA - Coordenação de regularização de Territórios Quilombolas. **Procedimentos Administrativos para Regularização de Territórios Quilombolas**. Goiás: Apostila para Evento de Capacitação, 2010.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL - MDS - **Levantamento de Comunidades quilombolas**. Disponível em <<http://www.mds.gov.br>. Acesso em 20 de maio. 2015

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL- MPF- **Procuradoria da República em Irecê**. Disponível em <http://www.prba.mpf.mp.br/institucional/mpf-nos-municipios/prm-irece>. Acesso em 18 de maio. 2014.

MUNANGA, Kabengelê. **Negritude, usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; Patriota Rosângela; Ramos F. Alcides (organização). **Imagens na História**. São Paulo: Hucitec, 2008.

PIERSON, Donald. **O Homem no Vale do São Francisco**. Tomo II. Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE) - MINISTÉRIO DO INTERIOR. Rio de Janeiro: 1952.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, p. 200-212. 1992.

REIS, João. **Quilombos e Revoltas Escravas no Brasil**. São Paulo: Revista USP, n 28, 1996.

RODRIGUES, Alean. **Seca em Xique-Xique pode deixar município sem água**
<http://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/seca-em-xique-xique-pode-deixar-municipio-sem-agua- Qui, 24/07/2014>.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA. **Todos pela Alfabetização**. < Disponível em <http://www.sec.ba.gov.br/topa.html>. Acesso em 27 fev. 2016.

SECRETARIA DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL- SEPROMI. **Cartilha- Direitos dos povos e Comunidades Tradicionais**. 2ed. Bahia: 2013.

_____. **Mapeamento das Comunidades Quilombolas do Estado da Bahia**. Bahia: 2013.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO GOVERNO DA BAHIA. **Território**. Disponível em <http://www.seplan.ba.gov.br/>. Acesso em 20 fev. 2016.

SEGRE, Marco e FERRAZ, Flávio. **O conceito de saúde - The health's concept** - Rev. Saúde Pública vol. 31 no. 5 São Paulo Oct. 1997.

SILVA, Fernando Altenfelder. **Análise Comparativa de alguns aspectos da Estrutura social de duas comunidades do Vale do São Francisco**.

Universidade do Paraná- Arquivos do Museu Paranaense NOVA SÉRIE. Paraná: 1955.

SILVA, Maria Aparecida. **A Luta pela Terra: experiência e memória**. São Paulo: UNESP, 2004.

SITE OFICIAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE XIQUE-XIQUE. **Gestor de Xique-Xique amplia sensivelmente oferta de água na zona rural do município**.

<http://www.xiquexique.ba.gov.br/noticia.php>

SILVA, Odália Santana Ferraz. **Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem**. Revista Faced, Salvador, nº. 14, p. 39-53. jul./dez. 2008

SODRÉ, Muniz. **Samba: o dono do corpo**. Mauad Editora LTDA. 2ed. Rio de Janeiro: 1998.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso (AAD- 69)**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1997. P. 61-105.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 2, nº. 3. Tradução Dora Rocha Flaksman, p. 3-15. 1989.

Wagley, Charles (organizador). **Race and Class in rural Brazil**. UNESCO. 1952.

WORTMANN, Ellen. **Herdeiros, Parentes e Compadres-Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste**. Brasília: EDUNB, 1995

WOORTMANN, Klass. **“Com parente não se neguceia”**. O campesinato como ordem moral. In: Anuário Antropológico 87. Brasília. Universidade de Brasília; Rio de Janeiro: Tempo Brasília, s/d. 1990.

MIKI, Yuko. **Fugir para a escravidão: as geografias insurgentes dos quilombolas brasileiros, 1880-1881**. Políticas da Raça - Experiências e Legados

da abolição e da pós-emancipação no Brasil/organização Flávio Gomes, Petrônio Domingues. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

ZAQUAL, Hassan. **Globalização e diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2003.

APÊNDICE A - Dados dos moradores de Vicentes entrevistados

I - IDENTIFICAÇÃO

Entrevistado nº. 1:

Local da entrevista: Residência da entrevistada em Vicentes

Data da entrevista: 12-06-2014

Nome: Bertulina Ferreira Martins

Idade: 71

Natural: Povoado do Capricho-Barra/Ba

Ocupação: aposentada

Nível de escolaridade: Ensino médio completo

Endereço residencial: Vicentes

Entrevistado nº. 2:

Local da entrevista: residência da entrevistada em Vicentes

Data da Entrevista: 12- 01-2014

Nome: Maria Martins (Maria da Caixa)

Idade: Mais de cem anos

Natural: Vicentes

Ocupação: aposentada

Nível de Escolaridade: analfabeta.

Endereço residencial: Vicentes

Entrevistado nº. 3:

Local da entrevista: Residência da entrevistada em Vicentes

Data da entrevista: 17-06-2014

Nome: Maria Helena Martins (Lena)

Idade: - Natural: Vicentes

Ocupação: dona de casa

Nível de escolaridade: Ensino Fundamental I

Endereço residencial: Vicentes e São Paulo

Entrevistado nº 4:

Data da entrevista: 26/01/15

Local da entrevista: Residência da entrevistada em Vicentes

1-Nome: Maria Rita Pereira

Idade: 36 anos Natural: Vicentes

Ocupação: Dona de casa, agricultora

Nível de escolaridade: Médio completo

Endereço residencial: Vicentes

Entrevistado nº. 5:

Local da Entrevista: residência do entrevistado

Data da entrevista: 26/01/15

Nome: José dos Santos

Idade: - Natural: Vicentes

Ocupação: Agricultor, pedreiro, pescador

Nível de escolaridade: -

Endereço residencial: Vicentes

Entrevistado nº. 6:

Local da Entrevista: residência da entrevistada

Data da entrevista: 17/06/14

Nome: Anita Martins

Idade: - Natural: Vicentes

Ocupação: dona de casa

Nível de escolaridade: Ensino Fundamental I

Endereço residencial: Vicentes

Entrevistado nº. 7:

Local da Entrevista: residência da entrevistada

Data da entrevista: 02/06/15

Nome: Nilda Martins

Idade: 29 anos Natural: Vicentes

Ocupação: dona de casa

Nível de escolaridade: 4ª. série completa (Ensino Fundamental I)

Endereço residencial: Vicentes

Entrevistado nº. 8:

Local da Entrevista: residência da entrevistada

Data da entrevista: 02/06/15

Nome: Maria Rodrigues Martins

Idade: 49 anos

Natural: Povoado do Rumo

Ocupação: dona de casa, agricultora

Nível de escolaridade: -

Endereço residencial: Vicentes

Entrevistado nº. 9:

Local da Entrevista: residência da entrevistada

Data da entrevista: 04/06/15

Nome: Sônia Martins

Idade: 44

Natural: Povoado do Juremal

Ocupação: dona de casa, agricultora, pescadora

Nível de escolaridade: Ensino Fundamental I completo

Endereço residencial: Vicentes

Entrevistado nº. 10:

Local da Entrevista: residência da mãe do entrevistado

Data da entrevista: 04/06/15

Nome: Albertino F. Martins

Idade: 44

Natural: Vicentes

Ocupação: pescador, agricultor

Nível de escolaridade: Ensino Fundamental I completo

Endereço residencial: Vicentes

Entrevistado nº. 11:

Local da Entrevista: residência da mãe do entrevistado

Data da entrevista: 04/06/15

Nome: Fabiana Menezes Martins

Idade: 30

Natural: Vicentes

Ocupação: agricultora, dona de casa

Nível de escolaridade: Ensino Médio incompleto

Endereço residencial: Vicentes

Entrevistado nº. 12:

Local da Entrevista: residência do entrevistado

Data da entrevista: 03/06/15

Nome: Ricardo Martins

Idade: 13

Natural: Vicentes

Ocupação: estudante

Nível de escolaridade: Ensino médio incompleto

Endereço residencial: Vicentes

II - QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

1- O que você sabe sobre a história de Vicente Baldino?

2- Como é morar em Vicentes?

3- Para você, o que é ser quilombola?

4- O que mudou na Comunidade com a assunção da identidade quilombola?

5- Quais mudanças você acredita que ainda acontecerão na Comunidade devido a identificação quilombola?

10 - APÊNDICE B - Demais Entrevistados

Entrevistado nº. 13:

Local da Entrevista: Secretaria Municipal de Trabalho e Desenvolvimento Social de Xique-Xique

Data da entrevista: 23/01/15

Nome: José Romero

Ocupação: Secretário Municipal e Padre

Nível de escolaridade: superior completo

Endereço residencial: Xique-Xique

Entrevistado nº. 14:

Local da Entrevista: Xique-Xique

Data da entrevista: 23/01/15

Nome: Hamilton Luz

Ocupação: Funcionário da CPT - Ibotirama

Nível de escolaridade: superior completo

Endereço residencial: Xique-Xique

Entrevistado nº. 15:

Local da Entrevista: Vicentes

Data da entrevista: 27/01/15

Nome: Maria Evangelista

Ocupação: Agente de Saúde do Posto de Nova Iguira

Nível de escolaridade: Ensino Médio

Endereço residencial: Juremal

Entrevistado nº. 16:

Local da Entrevista: residência da entrevistada na Marreca

Data da entrevista: 28/01/15

Nome: Amália

Idade: ---

Natural: Vicentes

Ocupação: dona de casa

Nível de escolaridade: ---

Endereço residencial: Marreca

Entrevistado nº. 17:

Local da Entrevista: Residência da Entrevistada em Xique-Xique

Data da entrevista: 30/05/15

Nome: Giselda Pinheiro Meira

Ocupação: Professora e Representante do Conselho de Cultura de Xique-Xique

Nível de escolaridade: Superior completo

Endereço residencial: Xique-Xique

Entrevistado nº. 18:

Local da Entrevista: Residência do Entrevistado em Xique-Xique

Data da entrevista: 30/05/15

Nome: Jorge Pinheiro Meira

Ocupação: Radialista

Nível de escolaridade: -

Endereço residencial: Xique-Xique

Endereço residencial: Xique-Xique

Entrevistado nº. 19:

Local da Entrevista: Posto de Saúde de Nova Iguaíra

Data da entrevista: 29/01/15

Nome: Lena Vargas

Ocupação: Enfermeira

Nível de escolaridade: Superior Completo

Endereço residencial: Xique-Xique

Entrevistado nº. 20:

Local da Entrevista: Escola de Vicente

Data da entrevista: 03/06/15

Nome: Márcia

Ocupação: Professora

Nível de escolaridade: Superior Completo

Endereço residencial: Xique-Xique

Entrevistado nº. 21:

Local da Entrevista: Residência de Bertulina

Data da entrevista: 30/01/15

Nome: Maria Evangelista

Ocupação: Agente de saúde do Posto de Nova Iguaçu

Nível de escolaridade: Ensino Médio

Endereço residencial: Juremal

Entrevistado Nº. 22:

Local da Entrevista: Sede do INCRA-ba

Data da entrevista: 20/05/15

Nome: Cláudio

Ocupação: Técnico Pericial do INCRA

Nível de escolaridade: Superior completo

Endereço residencial: Salvador

II – QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

- 1 - Qual é a sua relação com a Comunidade de Vicentes?
- 2 - O que você sabe sobre o pleito quilombola de Vicentes?
- 3 – Para você, o que caracteriza um grupo quilombola?

APÊNDICE C – Fotografias Diversas de Vicentes



Fonte: foto da autora. Vicentes, 2015. Residências de Vicentes.



Fonte: foto da autora. Vicentes, 2015. Pescadores no rio.



Fonte: Foto de uma moradora. Vicentes, 2015. A pesquisadora jogando bola com moradoras.



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2014. A procissão de Santo Antônio.



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2014. Moradores assistindo a roda de São Gonçalo.



Fonte: foto da autora. Povoado do Rumo, 2015. A bandeira de Santo Antônio para o pedido de esmola ao Santo.



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2014. O samba de roda.



Fonte: Foto da autora. Vicentes, 2015. Matraca usada no rito de penitentes na Semana Santa.



Fonte: Foto da autora. Vicentes - Juremal, 2015. Estrada entre Vicentes e Juremal.

ANEXO A - Xique-Xique no mapa da Bahia



Fonte: IBGE

ANEXO B - Carta de solicitação da Comunidade para abertura do Processo de titulação fundiária

Ao Exmo. Senhor,

Luís Gugé S. Fernandes

Superintendente do INCRA – BA

Prezado Senhor,

A Comunidade dos Vicentes é certificada pela Fundação Cultural Palmares conforme anexo. Sendo assim, nós quilombolas viemos solicitar desse órgão o início do processo administrativo para regularização fundiária do território quilombola e a titulação em nome da comunidade remanescente de quilombo Os Vicentes, conforme previsto no decreto 4887/2003, tendo em vista a necessidade que temos da terra para a garantia da nossa sobrevivência.

Breve relato:

A Comunidade dos Vicentes está localizada na margem do rio São Francisco, município de Xiquexique/BA. Segundo informações levantadas junto aos moradores mais velhos da comunidade, uma parte das terras onde se localiza a mesma, pertencia a moradores do povoado vizinho chamado Marreca e um outra parte é terra devoluta. Por volta de 1880, o senhor Vicente Baldino chega à localidade, compra parte das terras que pertencia a Marreca e ali fixa moradia. Casa-se com Dona Joventina e do casal nasceram alguns filhos e filhas. Dentre eles Dona Francisca (Chiquinha) que faleceu há 30 anos atrás com 85 anos e o senhor Joaquim P. Baldino. Os outros filhos e filhas do Sr. Vicente com Dona Joventina, casaram-se com moradores/as de um outro povoado vizinho chamado Juremal, o que permitiu o crescimento populacional da comunidade. Hoje a comunidade dos Vicentes é formada por 25 famílias, totalizando 135 pessoas (crianças, jovens e adultos). Todos e todas descendentes do negro Vicente e sua esposa Joventina que também era negra. A população sobrevive

de pequenas rocas nas lhas e vazantes, onde produzem feijão, milho, batata, abóbora, melancia, mandioca, etc. Também criam algumas cabeças de caprino, bovino, suíno e aves em pequena quantidade. A sua grande maioria também vive da pesca. É uma comunidade bastante carente e praticamente esquecida pelos poderes públicos. O tamanho exato da área os moradores não sabem. Mais, falam em 1.500 metros de frente por 2 léguas de fundo.

Atenciosamente

.....
Presidente da Associação da Comunidade os Vicentes

Certidões expedidas pela FCP às comunidades remanescentes de quilombos(CRQS) - XIQUE-XIQUE 2933604 - VICENTES nº.

1.90401420.001741/2006-23. Certificada em 13/12/2006.

